



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (*1.º grau canónico*)

LUCIANO LUIZ LEITE DA SILVA

**Padre Albino Alves da Cunha e Silva  
e a Doutrina Social da Igreja no  
pontificado do Papa Francisco**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Prof. Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues

**Braga  
2025**

*“Não conseguia ver um ser humano sofrendo  
sem participar dos seus sofrimentos e  
cuidando em suas necessidades.”*

*Frei Francisco Belotti*

## AGRADECIMENTO

A Ele, Deus, fonte de toda sabedoria e de toda inspiração, pela graça da vida e pela força concedida nos momentos de silêncio e de perseverança. Quero aproximar-me a compreensão de são Francisco de Assis «Tanto sabe o homem quanto faz; e tanto sabe quanto ama».

A Teologia não foi para mim apenas estudo, leitura ou prova. Foi encontro. Foi escuta. Foi confronto com o mistério. Foram anos de busca, de silêncio e de oração. A verdadeira teologia nasce da oração. Anos em que fui sendo moldado por experiências de fé, por perguntas sem resposta, por encontros que me revelaram o rosto do Cristo vivo.

Reconheço que não termino nada, apenas assumo, com mais consciência, a missão que me foi confiada. Que eu jamais use o conhecimento como vaidade, mas como ponte. Que eu jamais fale de Deus sem antes tê-Lo escutado no coração. Nas palavras de são João da Cruz, quero expressar: «Mais do que compreender Deus, a teologia é participar do Seu amor».

À minha família, minha gratidão sincera. Louvo a Deus por me ter sustentado até aqui. Por cada noite em que, cansado, ainda assim perseverei. Por cada professor que ensinou com seu testemunho. Por cada amigo e amiga que se tornaram irmão e irmã de caminhada.

À Universidade Católica Portuguesa, em particular à Faculdade de Teologia, pelo ambiente de estudo, reflexão e diálogo que favorece a busca da verdade. Pela fraterna universidade. Ao meu ilustre orientador, Professor Doutor Pe. Luís Miguel Figueiredo Rodrigues, manifesto sincero reconhecimento pela sabedoria, paciência e acompanhamento criterioso e célere.

Agradeço à minha Fraternidade, especialmente ao Frei Francisco, pela presença generosa, firme e fraterna ao longo deste caminho. Aos meus irmãos de comunidade.

E, claro, não posso deixar de agradecer à família O Poverello, que tão bem compreendeu os sacrifícios e me apoiou com ternura e fidelidade.

Sou igualmente grato por este país lindo que me acolheu: Portugal. Saúdo esta terra com um pensamento de Santo Antônio de Lisboa. «A letra mata, se faltar a unção da graça».

Obrigado, Deus, obrigado, Jesus, obrigado, Espírito Santo. Gratidão santa Igreja, sou constantemente desafiado «Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!» (ICor 9,16).

# Índice

AGRADECIMENTO .....	3
RESUMO .....	6
ABSTRACT .....	7
SIGLAS E ABREVIACÕES.....	8
INTRODUÇÃO.....	9
1. A DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA DO PAPA FRANCISCO.....	11
<b>1.1. Fundamentos da Doutrina Social da Igreja</b> .....	14
<i>1.1.1. A nova evangelização</i> .....	17
<i>1.1.2. Princípios Fundamentais da DSI</i> .....	21
1.1.2.1. Dignidade da Pessoa Humana .....	21
1.1.2.2. O Bem Comum.....	22
1.1.2.3. Subsidiariedade.....	23
1.1.2.4. Solidariedade .....	24
<b>1.2. A sensibilidade social do Papa Francisco</b> .....	24
<i>1.2.1. Ações concretas da Doutrina Social de Francisco</i> .....	27
1.2.1.1. <i>Evangelii Gaudium</i> .....	27
1.2.1.2. <i>Laudato si'</i> .....	29
1.2.1.3. <i>Fratelli Tutti</i> .....	30
1.2.1.4. <i>Laudate Deum</i> .....	31
1.2.1.5. <i>Spes non Confundit</i> .....	32
<i>1.2.2. O diálogo com todos</i> .....	32
<b>1.3. Expressão de Misericórdia capaz de gerar uma Economia</b> .....	35
<i>1.3.1. A Misericórdia em ação</i> .....	37
<i>1.3.2 Frutos da Doutrina do Papa Francisco</i> .....	39
2. ALBINO ALVES DA CUNHA E SILVA.....	41
<b>2.1. Uma família de valores</b> .....	42
<i>2.1.1. Um menino do Minho</i> .....	43
2.1.1.1 Portugal um país que surge com e pela Igreja .....	44
2.1.1.2 Celorico de Basto pela via eclesial .....	45
2.1.1.3 A Igreja portuguesa padece em meio a revolução .....	47
<i>2.1.2. Vocação: doutor de causas maiores</i> .....	51
<i>2.1.3. A consequência de sua coragem</i> .....	54
<b>2.2. A decisão de escolher</b> .....	55
<i>2.2.1. Uma nova pátria</i> .....	55
2.2.1.1 Brasil acolhe em meio a revolta.....	56
2.2.1.2 Por outras terras andou .....	57

2.2.1.3	Catanduva o reconheceu.....	58
2.2.2.	<i>O início de uma grande missão</i> .....	60
2.2.3.	<i>Da sopa à medicina</i> .....	61
<b>2.3.</b>	<b>O legado de uma vida</b> .....	62
2.3.1.	<i>Apóstolo da caridade</i> .....	63
2.3.1.1	Sempre presente com os seus .....	64
2.3.1.2	Otimizar a viagem: Roma.....	65
2.3.1.3	A missão continua .....	65
2.3.2.	<i>Sensibilidade para perceber e disponibilidade para servir</i> .....	66
2.3.3.	<i>De perseguido a patrono</i> .....	69
3.	O PEREGRINO ALBINO: ESPERANÇA EM MOVIMENTO .....	73
<b>3.1.</b>	<b>Amar além das palavras – ouvir as obras</b> .....	74
3.1.1.	<i>Cidadão do infinito</i> .....	76
3.1.2.	<i>Transformar a rejeição em acolhimento</i> .....	78
3.1.3.	<i>No caminho ocorre a revelação</i> .....	79
3.1.4.	<i>Esperança</i> .....	81
<b>3.2.</b>	<b>A paz é fruto da justiça</b> .....	82
3.2.1.	<i>Periferias do mundo</i> .....	84
3.2.1.1	Naturalização da Miséria .....	86
3.2.1.2	Fragilidade .....	88
3.2.1.3	Cultura do Descarte .....	89
3.2.2.	<i>O cuidado como ação fundamental</i> .....	90
<b>3.3.</b>	<b>Amar servindo e servir amando</b> .....	94
3.3.1.	<i>Princípios sociais na prática</i> .....	96
3.3.1.1	O tempo é superior ao espaço.....	97
3.3.1.2	A unidade prevalece sobre o conflito .....	99
3.3.1.3	A realidade é mais importante do que a ideia.....	100
3.3.1.4	O todo é superior à parte.....	101
3.3.2.	<i>Revolução da Ternura</i> .....	102
3.3.3.	<i>A troca do instante pelo eterno</i> .....	104
	CONCLUSÃO.....	109
	BIBLIOGRAFIA.....	111
	ANEXO 1: Entrevista com José Carlos Amarante.....	122
	ANEXO 2: Entrevista com José Luiz Cassimiro .....	128
	ANEXO 3: Entrevista com Fernanda Rocha Martins .....	131
	ANEXO 4: Entrevista com Francisco Medeiros Basto .....	133
	ANEXO 5: Entrevista com Fábio Pagotto Cordeiro .....	135

## RESUMO

A presente dissertação, intitulada Padre Albino Alves da Cunha e Silva e a Doutrina Social da Igreja no Pontificado do Papa Francisco, analisa a convergência entre o pensamento social da Igreja e a vida e missão do Venerável Padre Albino. Partindo dos fundamentos teológicos e magisteriais da Doutrina Social da Igreja (DSI), procura-se demonstrar como a fé cristã, quando assumida como prática transformadora, se traduz em gestos de justiça, misericórdia e solidariedade. O estudo organiza-se em três capítulos complementares: o primeiro, de natureza dogmática, expõe a evolução histórica e teológica da DSI, com especial ênfase no magistério do Papa Francisco e na sua proposta de uma Igreja em saída, próxima dos pobres e comprometida com o bem comum; o segundo, de caráter histórico, situa Padre Albino no contexto político e eclesial de Portugal nos finais do século XIX e início do XX, analisando os efeitos do liberalismo e do anticlericalismo sobre a sua formação sacerdotal e a conjuntura do Brasil por ocasião de sua chegada; o terceiro, de orientação pastoral, interpreta a vida e a ação do sacerdote em Catanduva como expressão viva dos princípios da DSI. Conclui-se que Padre Albino encarnou, de modo exemplar, a Doutrina Social da Igreja, unindo fé e caridade, espiritualidade e compromisso social, tornando-se testemunho concreto de misericórdia, esperança e santidade.

**Palavras-chave:** Doutrina Social da Igreja; Papa Francisco; Padre Albino Alves da Cunha e Silva; misericórdia; fé e caridade; pobres; missão pastoral.

## **ABSTRACT**

This dissertation, entitled *Father Albino Alves da Cunha e Silva and the Social Doctrine of the Church in the Pontificate of Pope Francis*, analyzes the convergence between the Church's social teaching and the life and mission of the Venerable Father Albino. Drawing on the theological and magisterial foundations of the Church's Social Doctrine (CSD), it seeks to demonstrate how Christian faith, when embraced as a transformative practice, is expressed through acts of justice, mercy, and solidarity. The study is organized into three complementary chapters: the first, of a dogmatic nature, presents the historical and theological development of the CSD, with particular emphasis on Pope Francis's magisterium and his proposal of a Church that "goes forth," close to the poor and committed to the common good; the second, of a historical character, situates Father Albino within the political and ecclesial context of Portugal in the late nineteenth and early twentieth centuries, analyzing the impact of liberalism and anticlericalism on his priestly formation, as well as his arrival in Brazil; the third, of pastoral orientation, interprets his life and ministry in Catanduva as a living expression of the principles of the CSD. It concludes that Father Albino embodied, in an exemplary manner, the Social Doctrine of the Church, uniting faith and charity, spirituality and social commitment, and becoming a concrete witness of mercy, hope, and holiness.

**Keywords:** Social Doctrine of the Church; Pope Francis; Father Albino Alves da Cunha e Silva; mercy; faith and charity; the poor; pastoral mission.

## SIGLAS E ABREVIACÕES

CA	Carta Encíclica <i>Centesimus Annus</i> (1 de maio de 1991)
CCE	<i>Catechismus Catholicæ Ecclesiæ</i> (15 de agosto de 1997)
CDSI	Compêndio da Doutrina Social da Igreja (2 de abril de 2004)
CELAM	Conselho Episcopal da América-Latina (13 de maio de 2007)
CIC	<i>Codex Iuris Canonici</i> (25 de janeiro de 1983).
CV	Bento XVI, Encíclica <i>Caritas in Veritate</i> (29 de junho 2009)
DI	Dicastério para Doutrina da Fé, Declaração <i>Dignitas Infinita</i> (2 de abril de 2024)
DN	Francisco, Encíclica <i>Dilexit nos</i> (24 de outubro de 2024)
DV	Conc. Ecum. Vaticano II, Constituição <i>Dei Verbum</i> (18 de novembro de 1965)
DS	Denzinger, <i>Enchiridion symbolorum definitionum et declarationum de rebus fidei et morum</i> .
DT	Leão XIV, Exortação Apostólica <i>Dilexi te</i> (4 de outubro de 2025)
EG	Francisco, Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> (24 de novembro de 2013)
FT	Francisco, Carta Encíclica <i>Fratelli Tutti</i> (3 de outubro de 2020)
GS	Conc. Ecum. Vaticano II, Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i> (7 de dezembro de 1965).
LD	Francisco, Exortação Apostólica <i>Laudate Deum</i> (4 de outubro de 2023)
LG	Conc. Ecum. Vaticano II. Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i> (21 de novembro de 1964)
LS	Francisco, Carta Encíclica <i>Laudato si'</i> (24 de maio de 2015)
MM	João XXIII, Carta Encíclica <i>Mater et Magistra</i> (15 de maio de 1961)
MMi	Francisco, Carta Apostólica <i>Misericordia et misera</i> (20 de novembro de 2016)
MV	Francisco, Bula <i>Misericordiae vultus</i> (11 de abril de 2015)
PP	Paulo VI, Carta Encíclica <i>Populorum Progressio</i> (26 de março de 1967)
PT	João XXIII, Carta Encíclica <i>Pacem in Terris</i> (11 de abril de 1963)
RN	Leão XIII, Carta Encíclica <i>Rerum Novarum</i> (15 de maio de 1891)
SRS	João Paulo II, Encíclica <i>Sollicitudo Rei Socialis</i> (10 de novembro de 1994)

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação, intitulada Padre Albino Alves da Cunha e Silva e a Doutrina Social da Igreja no Pontificado do Papa Francisco, propõe-se a refletir sobre a articulação entre a vida e a ação pastoral do Venerável Padre Albino e os princípios da Doutrina Social da Igreja (DSI)<sup>1</sup>, particularmente à luz do magistério do Papa Francisco. O estudo parte da convicção de que a Doutrina Social, ao mesmo tempo que constitui um corpo sistemático de ensinamentos teológicos e morais, revela-se como expressão concreta da fé em ação, traduzindo o Evangelho em práticas de justiça, solidariedade e misericórdia. Nesta linha, o percurso de Padre Albino manifesta-se como testemunho singular da aplicação viva desses princípios, especialmente no contexto histórico, social e religioso do Brasil do século XX.

A dissertação está estruturada em três capítulos que se complementam metodologicamente, articulando entre si as dimensões dogmática, histórica e pastoral do tema proposto. O primeiro capítulo, de natureza eminentemente dogmática, apresenta os fundamentos teológicos e magisteriais da Doutrina Social da Igreja, evidenciando sua gênese, evolução e atualidade no pontificado do Papa Francisco. Parte-se da análise das principais encíclicas sociais, desde a *Rerum Novarum* de Leão XIII até os documentos recentes como *Evangelii Gaudium*, *Laudato Si'*, *Fratelli Tutti* e *Dilexit nos* para mostrar como a Igreja, ao longo dos séculos, buscou responder aos desafios da modernidade com uma proposta ética centrada na dignidade da pessoa humana e na construção do bem comum.

Neste horizonte, a reflexão desloca-se do plano meramente conceitual para o âmbito da ação eclesial, demonstrando que a Doutrina Social, antes de constituir um sistema fechado, é expressão dinâmica da própria missão evangelizadora da Igreja. A figura do Papa Francisco é, então, compreendida como a de um pontífice que reatualiza essa tradição mediante uma linguagem pastoral de proximidade, diálogo e misericórdia, reconfigurando a Doutrina Social como um “Evangelho encarnado” no mundo contemporâneo.

O segundo capítulo, de caráter histórico e biográfico, dedica-se ao estudo do contexto humano e eclesial de Padre Albino Alves da Cunha e Silva. A análise parte de suas origens em Codeçoso, na Arquidiocese de Braga, inserindo-o no ambiente rural e religioso do norte de Portugal no final do século XIX. A infância marcada pela fé familiar e pela prática da caridade cristã predispôs o jovem Albino à vocação sacerdotal, amadurecida em um período de intensas transformações políticas e culturais. A dissertação examina, assim, o impacto do liberalismo e da Primeira República Portuguesa sobre a vida da Igreja, destacando as tensões entre o Estado

---

<sup>1</sup> Cf. Pontifício Conselho Justiça e Paz, ed., *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 7.<sup>a</sup> ed. (Paulinas, 2011).

e as instituições eclesíásticas, a secularização do ensino, a extinção das ordens religiosas e a crise vocacional. É nesse cenário de perseguição e incerteza que se compreende o gesto missionário de Padre Albino, que, ao emigrar para o Brasil em 1912, encarna a continuidade de uma Igreja perseguida, mas fiel ao Evangelho e à esperança cristã.

Este percurso histórico permite compreender que a espiritualidade e o agir social de Padre Albino não surgiram de modo espontâneo, mas foram moldados por uma tradição de fé resistente, enraizada na cultura católica minhota e fortalecida pela experiência do sofrimento e da privação, tanto pessoais quanto eclesiais.

Quanto ao terceiro capítulo, de orientação pastoral, propõe uma leitura teológica da vida e da missão de Padre Albino à luz da Doutrina Social da Igreja e do magistério do Papa Francisco. Apresenta-se o sacerdote como “peregrino da esperança”, cuja existência foi marcada por uma espiritualidade do serviço e por uma caridade ativa, traduzida em obras concretas de promoção humana. Em Catanduva, cidade em que exerceu seu ministério por mais de meio século, Padre Albino encarnou a lógica do Evangelho vivido: construiu Igrejas, escolas, hospitais e instituições de amparo aos pobres, revelando que a fé autêntica se manifesta na ação transformadora. O capítulo destaca ainda a afinidade espiritual entre Padre Albino e o Papa Francisco, ambos movidos por um mesmo impulso missionário, o de uma Igreja “em saída”, comprometida com a dignidade dos pobres, a justiça social e o cuidado da casa comum.

Assim, o testemunho de Padre Albino é interpretado como uma antecipação profética daquilo que o atual pontificado vem reafirmando: a inseparabilidade entre evangelização e promoção humana, entre fé e compromisso social, entre espiritualidade e responsabilidade histórica. Para enriquecer a fundamentação desta pesquisa, realizaram-se entrevistas exploratórias, conduzidas a partir de um roteiro único de perguntas, aplicadas a pessoas diretamente vinculadas à história e ao legado do Padre Albino. As transcrições integrais dessas entrevistas encontram-se anexadas ao presente trabalho, constituindo importante complemento documental e interpretativo.

Em conjunto, os três capítulos delineiam um percurso que vai do princípio teológico à experiência concreta, do magistério universal à vivência local, do enunciado doutrinal à prática pastoral. A dissertação procura, portanto, demonstrar que a Doutrina Social da Igreja não é apenas um corpus teórico, mas um caminho de santidade e de transformação social, quando assumido como projeto de vida. A figura de Padre Albino emerge como exemplo luminoso desse ideal, cuja vida e obra continuam a inspirar a caridade operante e a esperança ativa, tão necessárias ao mundo contemporâneo, inclusive por inspirar o surgimento de uma nova instituição religiosa franciscana.

## 1. A DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA DO PAPA FRANCISCO

Como expressão de fé em ação, fundamentada nas Escrituras e em diálogo com as ciências humanas, a doutrina social da Igreja apresenta orientações sólidas, desenvolvidas ao longo de séculos de experiência, por meio de pensamento profundo e sabedoria prática. Por isso, o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* afirma: «ela haure a inspiração e a luz para compreender, julgar e orientar a experiência humana e a história. Antes e acima de tudo está o projeto de Deus sobre a criação e, em particular, sobre a vida e o destino do homem, chamado à comunhão trinitária» (CDSI, 74).<sup>2</sup> Trata-se de um patrimônio espiritual e intelectual que oferece princípios éticos e diretrizes para promover a justiça, a paz e a dignidade humana em todos os âmbitos da vida social. Assim afirma o Papa Francisco que «todos os seres humanos possuem a mesma e intrínseca dignidade, independentemente do fato que sejam ou não capazes de exprimi-la adequadamente» (DI, 15).

Homens e mulheres, ao longo da história, têm sido testemunhas vivas do amor cristão em ação, revelando, em gestos concretos, a força transformadora do Evangelho: «como nós somos um. Eu neles e tu em mim, para que eles cheguem à perfeição da unidade e assim o mundo reconheça que tu me enviaste e que os amaste a eles como a mim» (Jo 17, 22b-23). A dedicação de inúmeros santos, clérigos, missionários, religiosos e leigos comprometidos mostra que a fé não se limita à dimensão pessoal, mas se projeta em atitudes de solidariedade e serviço ao próximo, especialmente aos mais vulneráveis, (cf. FT 976). Paralelamente, pastores e teólogos têm enriquecido essa tradição, oferecendo reflexões e orientações profundas sobre como a comunhão cristã deve ser vivida na sociedade, iluminando questões complexas com base nos ensinamentos de Cristo.

Ao longo dos séculos, a Igreja tem enfrentado uma ampla variedade de desafios que afetam a convivência humana. Na tentativa constante, a fim de estabelecer a ordem social<sup>3</sup> e de garantir a sua dignidade, «Deus criou o homem racional, conferindo-lhe a dignidade de pessoa dotada de iniciativa e do domínio dos seus próprios atos» (CCE, 1730). Entre eles, destaca-se a defesa dos direitos dos trabalhadores, promovendo condições dignas de trabalho e combatendo a exploração laboral; a resistência aos perigos do totalitarismo, que ameaça a liberdade e a dignidade das pessoas; a luta contra as violações dos direitos humanos,

---

<sup>2</sup> O Compêndio oferece uma estrutura completa de corpo da Doutrina Social da Igreja. O documento faz referência a texto magisteriais de diferentes níveis de autoridade. São documentos conciliares e encíclicas, como também discursos pontifícios e documentos elaborados pelos dicastérios da Santa Sé.

<sup>3</sup> Cf. Vilmar Dal Bo Maccari, «A contribuição do Papa Francisco à Doutrina Social da Igreja: um percurso de posicionamentos sócio político-econômico», *Revista Encontros Teológicos* 36, n.º 1 (2021): 132, 1, <https://doi.org/10.46525/ret.v36i1.1646>.

especialmente em contextos de desigualdade, discriminação e violência; e a denúncia do avanço do paradigma tecnocrático, que reduz a pessoa humana a um instrumento de produção e consumo. Neste contexto, o Papa Francisco faz a seguinte recomendação: «proponho, pois, que nos concentremos no paradigma tecnocrático dominante e no lugar que ocupa nele o ser humano e a sua ação no mundo» (LS, 101).

A humanidade sempre procurou estar atenta aos desafios que foram surgindo ao longo dos séculos.<sup>4</sup> De modo especial, a Igreja tem lançado bases para encontrar soluções, porém, com gestos que fossem capazes de gerar comunhão. Conforme refere um dos grandes teólogos do século XX, o dominicano Yves Congar: «Não precisamos de uma outra Igreja, mas de uma Igreja diferente».<sup>5</sup> Neste sentido, ela sempre teve algo a dizer sobre as questões da vida social, conquanto tenha sido nestes últimos séculos que a temática ganhou maior relevância, a começar com o precursor o Papa Leão XIII, sendo o primeiro a redigir formalmente um pronunciamento sobre a doutrina social da Igreja. Esta obra clássica deste tema, a *Rerum Novarum*, aborda e reflete sobre as questões centrais do trabalho, do setor social, da política e da economia, chamando-as de «coisas novas», que dá sentido ao nome desta encíclica. No início deste documento, Leão XIII afirma: «sede de inovações, que há muito tempo se apoderou das sociedades e as tem numa agitação febril, devia, tarde ou cedo, passar das regiões da política para a esfera vizinha da economia social» (RN, 1). Na encíclica, nota-se a capacidade de relacionar a fé e a tradição com as realidades desafiantes e em mudança da sociedade moderna:

Quem tiver na sua frente o modelo divino, compreenderá mais facilmente o que nós vamos dizer: que a verdadeira dignidade do homem e a sua excelência reside nos seus costumes, isto é, na sua virtude; que a virtude é o patrimônio comum dos mortais, ao alcance de todos, dos pequenos e dos grandes, dos pobres e dos ricos; só a virtude e os méritos, seja qual for a pessoa em quem se encontrem, obterão a recompensa da eterna felicidade. Mais ainda: é para as classes desafortunadas que o coração de Deus parece inclinar-se mais. Jesus Cristo chama aos pobres bem-aventurados (RN, 13).

Por certo, a doutrina social católica visa ser instrumento de evangelização, a ponto de o Papa João Paulo II referir esta relação: «pareceu muito útil a publicação de um documento que ilustrasse as linhas fundamentais da doutrina social da Igreja e a relação que há entre esta doutrina e a nova evangelização» (CA, 7). Além disso, a Igreja tem buscado respostas éticas e solidárias para enfrentar crises econômicas e financeiras que amplificam a pobreza e a exclusão social, bem como para lidar com a destruição ambiental, reforçando a importância de uma ecologia integral (cf. LS, 137), que reconheça a interdependência entre o ser humano e a natureza. Outros desafios incluem o combate ao tráfico de pessoas, uma das formas mais cruéis

---

<sup>4</sup> Cf. Alexandre Freire Duarte, «O Amor Feito Ajuda Material: A Esmola nos Padres da Igreja», *Humanística e Teologia: Revista da Faculdade de Teologia - Porto*, 2018, 122.

<sup>5</sup> Yves Congar, *Verdade y falsa reforma en la Iglesia* (Sígueme, 2014), 193.

de exploração contemporânea, e o acolhimento compassivo aos deslocados forçados, migrantes e refugiados, reafirmando o valor da hospitalidade e da fraternidade universal.

Com base nesse rico legado, a doutrina social da Igreja continua a ser um farol que ilumina as questões do presente, oferecendo respostas concretas aos problemas do mundo moderno, enquanto aponta para um futuro de esperança, justiça e comunhão para toda a humanidade. A missão perene da Igreja consiste em proclamar o Evangelho como fonte de salvação e de liberdade genuína, mesmo nas coisas temporais «proclama a Palavra, insiste oportuna e inoportunamente, convence, repreende, exorta, com toda paciência e preocupação de ensinar [...] faz o trabalho de um evangelizador, desempenha bem o teu ministério» (2Tm 4, 2.5b). Muito embora, passa-se a ideia de um constante esforço da hierarquia da Igreja a fim de alcançar uma coesão de entendimento, no que tange a questão social, dentro do próprio seio da Igreja, bem como ocorreu para tratar do assunto nos bastidores do Concílio Vaticano II. Assim, como bem confirmam as crônicas do Vaticano II: «Houve ainda a batalha para se superar a oposição de eminentes teólogos à aprovação do texto, por considerá-lo ainda pouco maduro, mais próximo da doutrina social da Igreja do que de matéria conciliar propriamente dita».<sup>6</sup>

Numa outra seara, no que toca a dimensão da Revelação, isto é, no âmbito do Evangelho, a exortação às realidades «humanas-sociais» fica ainda mais evidente, pois em alguns casos vem imbuídas nas parábolas. Ocorre ali, uma constante exortação de Jesus para adentrar na lógica da parábola, como um leitor na narrativa: agir como o samaritano, fazendo-se próximo do outro (cf. Lc 10, 29-37). Colocada a partir do outro, a pergunta sobre o próximo provoca um debate sem solução. Somente quando a pergunta se dirige a nós mesmos é que se pode resolver a questão. Decorrente disso, O Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização afirma: «A parábola transforma o modo comum de pensar o próximo a partir de nós mesmos: somente assim o próximo se define, não pela sua origem religiosa, cultural ou social, mas pela sua compaixão pelo outro».<sup>7</sup>

A parábola do bom samaritano dá sentido à vida humana, pois no fazer-se próximo do outro, de facto, Deus se aproximou e continua a inclinar-se em Cristo sobre as feridas humanas. Tal mudança põe em causa o doutor da Lei e impõe-lhe uma mudança de mentalidade: «Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores? Respondeu: “O que usou de misericórdia para com ele”. Jesus retorquiu: Vai e faz tu também o

---

<sup>6</sup> João Décio Passos e Wagner Lopes Sanches, *Dicionário do Concílio Vaticano II* (Paulus, 2015), 201.

<sup>7</sup> Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, *As Parábolas da Misericórdia*, trad. Mário José dos Santos (Paulus, 2016). 39.

mesmo» (Lc 10, 36-37). Com esta parábola a vida encontra sentido, encoraja para as questões existências dos desafios da vida, principalmente os da convivência:

Não se trata de escolher entre o amor a Deus e aquele para com o próximo, mas de reconhecer que quem ama o irmão que vê, ama sempre a Deus que não vê, embora o contrário nem sempre aconteça, sendo esta uma amarga realidade da vida humana. O amor a Deus passa sempre pelo amor ao outro, de quem devemos nos fazer próximos.<sup>8</sup>

Jesus não teve receio de se aproximar deles, mesmo dos leprosos, nem receio de lhes tocar, impondo-lhes as mãos em sinal de bênção. Muito embora, «Jesus teve ainda de lutar contra a mentalidade comum, que associava a doença a um castigo, como se os doentes fossem rejeitados por Deus».<sup>9</sup> Para Jesus, o importante era cada ser humano, muito mais os doentes. As curas que ele realizou, eram para ser compreendidas como um sinal da misericórdia e da compaixão de Deus.

### **1.1. Fundamentos da Doutrina Social da Igreja**

Antes de chamar doutrina social da Igreja, outras terminologias antecederam este termo, tais como «magistério social da Igreja», «ensino social da Igreja», «filosofia Social», «pensamento social católico». Parecia querer a Igreja encontrar um termo que envolvesse o social, sem se afastar da essência teológica, e de sua catolicidade, a considerar os períodos sensíveis que a Santa Sé já passou, sendo prudente para não entrar na esfera política, sem ser interpretada como deste ou aquele regime ou partido.<sup>10</sup>

A questão social, com peculiaridade sobre o trabalho, sendo este um elemento fundamental na constituição do pensamento cristão, e de toda humanidade. Cabe dizer que no Antigo Testamento Deus trabalhou «No princípio, Deus criou o céu e a terra» (Gn 1, 1), o trabalho é anterior ao pecado (cf. Gn, 3, 1-7). Saliente-se ainda que, o Deus Filho também trabalhou, «Não é este o carpinteiro, o filho de Maria» (Mc 6, 3a). Inclusive, as primeiras comunidades do tempo apostólico, valorizavam muito o trabalho, e até advertiam quem não o fizesse, «quem não quer trabalhar também não há de comer» (II Tes 3, 10b). Em vista disso, há de ter-se em conta, que o homem é mais importante que o trabalho; a pessoa é mais importante do que o que ela produz; o trabalho é mais importante do que salário e, principalmente, o ser é mais importante do que o ter.

A Primeira Revolução Industrial ocorreu em meados do século XVIII e do século XIX. Sua principal característica foi o surgimento da mecanização que operou significativas

---

<sup>8</sup> Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, 43.

<sup>9</sup> Pedrosa Ferreira, *As Obras de Misericórdia* (Porto: Edições Salesianas, 2015), 24-25.

<sup>10</sup> Cf. Carlos Hoevel, «La teología del pueblo: orígenes, ideas e interpretaciones», 2019, 91.

transformações em quase todos os setores da vida humana, «os progressos incessantes da indústria, [...] a alteração das relações entre os operários e os patrões, a influência da riqueza nas mãos dum pequeno número ao lado da indigência da multidão» (RN, 1). Na estrutura socioeconômica, fez-se a separação definitiva entre o capital, representado pelos donos dos meios de produção, e o trabalho, representado pelos assalariados. Isto eliminou a antiga organização dos grêmios ou guildas que era o modo de produção utilizado pelos artesãos. Com a *Rerum Novarum*, a Igreja não responde apenas aos desafios de seu tempo, mas também estabelece os fundamentos da sua futura doutrina social, adaptando sua missão evangélica a um mundo em constante mutação. Apresenta-se, também, fortes críticas ao socialismo e comunismo, bem como o liberalismo, «rejeita-se tanto o Liberalismo quanto o Socialismo, afirmam-se os direitos fundamentais dos trabalhadores e a legitimidade da propriedade privada».<sup>11</sup> Estas ideias, já eram correntes na altura, de tal modo refere Leão XIII, «se compreende que a teoria socialista da propriedade colectiva deve absolutamente repudiar-se como prejudicial àqueles membros a que se quer socorrer, contrária aos direitos naturais dos indivíduos» (RN, 7).

Respeitando a tradição das doze cartas que compõem a doutrina social da Igreja, metade foi publicada em maio, uma clara referência à primeira, a *Rerum Novarum*. Embora não sendo uma inovação do Papa Francisco, a doutrina social da Igreja, que já havia surgido à mais de cento e trinta anos, tem nele, o sumo pontífice, toda uma vivacidade de atuação. Através de uma via contínua, pela qual ele tem desenvolvido, e até defendido não apenas como uma proposta, mas também, como seu projeto de vida, por onde está sedimentado grande parte do seu pontificado. Assim, Francisco expõe na *Evangelii Gaudium*:

É uma mensagem tão clara, tão direta, tão simples e eloquente que nenhuma hermenêutica eclesial tem o direito de relativizar. A reflexão da Igreja sobre estes textos não deveria ofuscar nem enfraquecer o seu sentido exortativo, mas antes ajudar a assumi-los com coragem e ardor. Para quê complicar o que é tão simples? As elaborações conceptuais hão de favorecer o contacto com a realidade que pretendem explicar, e não nos afastar dela. Isto vale sobretudo para as exortações bíblicas que convidam, com tanta determinação, ao amor fraterno, ao serviço humilde e generoso, à justiça, à misericórdia para com o pobre. Jesus ensinou-nos este caminho de reconhecimento do outro, com as Suas palavras e com os Seus gestos. Para quê ofuscar o que é tão claro? Não nos preocupemos só em não cair em erros doutrinários, mas também em ser fiéis a este caminho luminoso de vida e sabedoria, (EG, 194).

Com efeito, os documentos que expressam o pensamento de Francisco, acabam por traduzir toda a seara de perspectiva que ele tem para a sua grei. A levar em consideração, que o formato das correspondências com que os romanos pontífices se comunicam com os fiéis e o

---

<sup>11</sup> Paulo Fernando Carneiro De Andrade, «O Magistério Social do Papa Francisco: o surgimento de um novo paradigma na Doutrina Social da Igreja», *Fronteiras - Revista de Teologia da Unicap* 6, n.º 1 (2023): 59–82, <https://doi.org/10.25247/2595-3788.2023.v6n1.p59-82>.

mundo, sobretudo no mundo mais atual, são chamadas de encíclicas, e que teve início com o papa Bento XIV (1675-1758), (cf, *Prospero Lambertini*, 3/12/1740). Não obstante aos conhecimentos da novidade que foi a *Rerum Novarum* de Leão XIII, e tantas outras que foram sendo publicadas no tocante à doutrina social da Igreja, o recente Santo Padre tem uma sensibilidade um pouco diferente, muito mais encarnada, quando não se limita aos documentos que abordam esta temática, ultrapassa-os. Vê-se assim, os seus gestos, em grande parte, revelarem o seu pontificado imbuído numa grande atividade social em todo o seu cotidiano. Francisco é todo social, por gestos e articulações, junto à sociedade.

O primeiro dentre os maiores desafios, ante os quais a humanidade se encontra, é o da verdade mesma do ser-homem. A fronteira e a relação entre natureza, técnica e moral são questões que interpelam decisivamente a responsabilidade pessoal e coletiva em vista dos comportamentos que se devem ter em face daquilo que o homem é, do que pode fazer e do que deve ser. Um segundo desafio é posto pela compreensão e pela gestão do pluralismo e das diferenças em todos os níveis: de pensamento, de opção moral, de cultura, de adesão religiosa, de filosofia do progresso humano e social. O terceiro desafio é a globalização, que tem um significado mais amplo e profundo do que o simplesmente econômico, pois que se abriu na história uma nova época, que concerne ao destino da humanidade (CDSI, 16).

A doutrina social é o anúncio de fé que o Magistério faz diante das realidades sociais. Recolhida num compêndio, esta defesa se traduz em indicações, conselhos e exortações com que a Igreja anima os cristãos a serem cidadãos responsáveis. Porquanto, o Papa João XXIII pronuncia: «Uma doutrina social não se enuncia apenas; aplica-se na prática, em termos concretos. Isto vale sobretudo quando se trata da doutrina “social-cristã”, cuja luz é a Verdade, cujo fim é a Justiça, cuja força dinâmica é o Amor» (MM, 225). As fontes da doutrina social da Igreja estão na Sagrada Escritura, cita-se como exemplo o livro do Êxodo: «Eu bem vi a opressão do meu povo que está no Egito, e ouvi seu clamor diante dos seus inspetores; conheço, na verdade, os seus sofrimentos. Desci a fim de libertar» (Ex, 3, 7-8). E, claro, em particular no Evangelho e nos escritos dos tempos apostólicos. Dedicar atenção aos problemas sociais faz parte, desde os inícios, do ensino da Igreja (cf. SRS, 31).

Sob o ponto de vista teológico a doutrina social da Igreja também se compreende como a visão da realidade social à luz da revelação (cf. DV, 8). As leis descobertas e aplicadas pelo homem na vida social não garantem por si mesmas o bem de todos. As leis se devem aplicar sob a direção dos valores. Valores como a liberdade, a verdade, a justiça e o amor, capazes de manifestarem a prioridade da ética sobre a técnica, a primazia das pessoas sobre as coisas, como bem afirma João XXIII: «Quem viola as leis da vida, ofende a Divina Majestade, degrada-se a si e ao gênero humano, e enfraquece a comunidade de que é membro» (MM, 193).

Por fim, e não menos importante, importa referir que a promoção da justiça social, é uma obrigação da Igreja e de cada fiel, «Têm ainda a obrigação de promover a justiça social e,

lembrados do preceito do Senhor, de auxiliar os pobres com os seus próprios recursos» (CIC, 222, § 2). Para tanto, a difusão dessa doutrina constitui uma verdadeira prioridade pastoral. Visa iluminar as pessoas, capacitando-as a interpretar os desafios da realidade atual e a buscar caminhos concretos para a ação. Como ensina a Igreja: «O ensino e a difusão da Doutrina Social fazem parte da missão evangelizadora da Igreja» (SRS, 41).

### 1.1.1. A nova evangelização

Com o aprofundamento e o permanente crescimento da doutrina social da Igreja a mesma teve a necessidade de ser sistematizada em um compêndio, no qual tem consideráveis parâmetros na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Este documento explora paulatinamente a dimensão humana, e as mais diversas realidades que lhe permeiam. Os cristãos procuram pôr em prática o mandamento de Cristo de amar o próximo e, ao decorrer da história, a Igreja vem redigindo uma doutrina social para ajudar os fiéis nessa grande tarefa. Homens e mulheres de boa vontade, se empenham em servir ao bem comum: «toda dádiva boa e todo o dom perfeito» (Tg 1, 17).

O usufruto da terra é de todos, Deus, em suas exceções, confiou-a à humanidade, destinando-a ao bem de todos. Assim, as riquezas da criação devem ser vistas como um patrimônio comum, e não como posse exclusiva de alguns. Quem possui bens materiais é, na verdade, apenas um administrador, com a responsabilidade de usá-los conforme a vontade divina, garantindo que sirvam de forma justa a toda a humanidade. Contudo, é pedido à humanidade uma esperança mais alargada, como afirma o apóstolo Pedro: «Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos uns Novos Céus e uma Terra Nova, onde habite a justiça» (2Pd 3, 13).

É por esta razão que, para o grande Jubileu do ano 2000, que tinha, entre seus propósitos, a restauração dessa justiça social, promovendo a equidade na distribuição dos bens. Essa tradição lançou bases para a doutrina social da Igreja, que sempre esteve presente no ensinamento cristão e se desenvolveu com mais força no último século, especialmente a partir da Encíclica *Rerum Novarum*. De tal maneira demonstrou as expectativas para aquele jubileu:

O ano jubilar devia restabelecer a igualdade entre todos os filhos de Israel, abrindo novas possibilidades às famílias que tinham perdido as suas propriedades, ou até mesmo a liberdade pessoal. [...]. Devia-se proclamar, no tempo previsto pela Lei, um ano jubilar, vindo em socorro de cada necessitado. Isto exigia um governo justo. A justiça, segundo a Lei de Israel, consistia sobretudo na proteção dos fracos, e nisto se devia distinguir um rei, como afirma o Salmista: “Ele liberta o pobre que o invoca, e o indigente sem ajuda. Tem compaixão do humilde e do pobre, e salva a vida dos necessitados” (Sal 71, 12-13). As premissas de

semelhante tradição eram estritamente teológicas, ligadas, antes de mais, à teologia da criação e da divina Providência.<sup>12</sup>

Na *Populorum Progressio* o subdesenvolvimento é assumido por dentro; o Papa se identifica e se solidariza com os povos desfavorecidos e, em nome deles, interpela a consciência das nações prósperas, assume uma posição diante do problema a partir de uma tomada de consciência das exigências da mensagem evangélica.<sup>13</sup>

Os homens de hoje anseiam por uma vida digna, onde possam superar a miséria, garantir sua subsistência com segurança, ter acesso à saúde, educação e um trabalho estável. Buscam não apenas melhores condições materiais, mas também reconhecimento, autonomia e participação na sociedade, livres de opressão e desrespeito à sua dignidade. E não só, um dado muito importante para a estruturação da doutrina social, é o alargamento do seu estatuto na sociedade, sobretudo na participação ativa dos leigos nas questões eclesiais, desta maneira aponta Jorge da Cunha «A actuação apostólica dos leigos na transformação da sociedade, que chamamos acção social e DSI, à luz de critérios evangélicos decorre [...] da evangelização do mundo».<sup>14</sup> Outro fator, não menos indispensável é o aumento progressivo e dinâmico do diálogo, entre as pessoas, as instituições e as nações.<sup>15</sup>

A doutrina social Católica visa, pois, orientar o comportamento cristão. A Igreja não se limita a oferecer ajuda assistencial aos pobres. Ela busca discernir as causas da pobreza, denunciar as injustiças e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Ao lado dos pobres, a Igreja procura dar voz aos que não têm voz, defender os seus direitos e promover a sua dignidade. Como afirma São João Paulo II:

O exercício da solidariedade no interior de cada sociedade é válido, quando os seus membros se reconhecem uns aos outros como pessoas. Aqueles que contam mais, dispondo de uma porção maior de bens e de serviços comuns, hão-de sentir-se responsáveis pelos mais fracos e estar dispostos a compartilhar com eles o que possuem. Por seu lado, na mesma linha de solidariedade, não devem os mais fracos adotar uma atitude meramente passiva ou destrutiva do tecido social (SRS, 39).

A interdependência, vista como um sistema que rege as relações no mundo contemporâneo em suas dimensões econômica, cultural, política e religiosa, deve ser compreendida também como uma categoria moral. Quando reconhecida dessa forma, a resposta adequada é a solidariedade, entendida não como um simples sentimento de compaixão, todavia

---

<sup>12</sup> Secretariado Geral do Episcopado, *Comentário Teológico-Pastoral à Carta Apostólica de João Paulo II «Tertio Millennio Adveniente»* (Rei dos Livros, 1996), 13.

<sup>13</sup> Cf. Fernando Bastos de Ávila, «A “Populorum Progressio” na Tradição da Doutrina Social da Igreja», *Síntese: Revista de Filosofia* 9, n.º 33 (1967): 81.

<sup>14</sup> Jorge Teixeira da Cunha, «A doutrina social da Igreja como evangelho social», *Humanística e Teologia* 15 (1994): 157.

<sup>15</sup> Cf. Cunha, «A doutrina social da Igreja como evangelho social», 158.

como um compromisso firme e contínuo com o bem comum. Isso implica a responsabilidade de cada indivíduo pelo bem de todos (cf. SRS, 38).

A questão social na Igreja tem também valor de instrumento de evangelização, ao colocar a sociedade e cada pessoa humana em relação com a luz do Evangelho (cf. DV, 3), porque põe a pessoa humana e a sociedade nesta realidade: «na qual está inserido, do que estabelecendo com ela diálogo sobre esses vários problemas, aportando a luz do Evangelho e pondo à disposição do género humano as energias salvadoras que a Igreja» (GS 3). Além disso, também considera a importância dos valores morais, fundamentados na lei natural inscrita na consciência de cada ser humano. Sob este ponto de vista, cada ser humano está obrigado a reconhecê-la e a respeitá-la; a pessoa humana têm valor superior às criaturas, contudo está também tem valor, «não basta pensar nas diferentes espécies apenas como eventuais “recursos” exploráveis, esquecendo que possuem um valor em si mesmas» (LS, 33).

O Papa Francisco, ao realizar a sua visita pastoral a Assis, perguntou de que era necessário despojar a Igreja, ele respondeu:

De qualquer ação que não é para Deus, que não é de Deus; do medo de abrir as portas para ir ao encontro de todos, sobretudo dos mais pobres, dos necessitados, dos distantes, sem esperar; certamente, não para se perder no naufrágio do mundo, mas para levar com coragem a luz de Cristo, a luz do Evangelho, também à escuridão, aonde não se vê, aonde pode acontecer que se tropece; despojar-se da tranquilidade aparente que as estruturas oferecem, estruturas certamente necessárias e importantes, mas que nunca devem obscurecer a única verdadeira força que a Igreja tem em si: Deus. Ele é a nossa força!<sup>16</sup>

A própria criação do homem já anuncia a manifestação livre de Deus na história. Criado à sua imagem e semelhança, o ser humano representa um esboço dessa futura “automanifestação” divina, preparando o caminho para a sua entrada no tempo e no espaço.

Na matéria da evangelização, o conceito de Encarnação do Verbo é o ápice desse desígnio, no qual a humanidade encontra seu cumprimento supremo. Nela, a plenitude da existência humana se abre para Deus, alcançando sua realização total. Assim, o mistério da encarnação é a mais elevada concretização da realidade humana, pois revela que o homem se plenifica ao se entregar ao mistério absoluto, como bem explana Ângelo Amato: «a Encarnação de Deus é o caso supremo da essencial concretização da realidade humana, concretização que consiste no facto de o homem ser aquele que se abandona ao mistério absoluto a que chamamos Deus».<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólicas, *Carta Circular «Alegrai-vos»* (Paulinas, 2014), 30.

<sup>17</sup> Ângelo Amato, «Jesus Cristo, Centro da História da Salvação e vida da Igreja», em *Comentário Teológico-Pastoral à Carta Apostólica de João Paulo II «Tertio Millennio Adveniente»*, ed. Conselho de Presidência do Grande Jubileu do ano 2000 (Rei dos Livros, 1996), 147–77.

Sendo Jesus o supremo anunciador da Boa Nova e a própria personificação do Evangelho, revelou uma íntima identificação com os mais pequeninos, (cf. Mt 25,40), demonstrando que a verdadeira nobreza reside no serviço e na compaixão. Seu testemunho interpela todos os cristãos a assumirem o compromisso de tutelar os mais vulneráveis, resguardando a sacralidade da dignidade humana. Entretanto, na lógica contemporânea, permeada pelo culto ao êxito individual e pela exaltação da produtividade, os que enfrentam limitações, seguem um ritmo mais pausado ou dispõem de menores recursos são frequentemente relegados à invisibilidade. Aqui depara-se com a questão do sentido da vida, no qual, muitos pensadores têm dedicado imensos esforços para compreender as causas, uma vez que, quanto mais as civilizações adquirem avanços tecnológicos, mas distante parece encontrar o sentido de vida.<sup>18</sup>

Essa mentalidade excludente fomenta a indiferença e perpetua desigualdades, em contradição com o imperativo evangélico da fraternidade. A construção de uma sociedade verdadeiramente justa e solidária requer a subversão dessa lógica, orientando para um humanismo integral, onde o valor de cada pessoa não seja medido por sua utilidade, mas por sua inerente dignidade, neste sentido, vê-se a evangelização como promoção humana, assim comenta Edmilson Santos: «Na base da fé cristã está o anúncio de um Deus que, por amor a cada ser humano, assumiu a carne humana na pessoa do seu Filho Jesus Cristo, para conferir a todo ser humano uma dignidade infinita e fazê-lo participar da comunhão trinitária».<sup>19</sup> A Igreja é chamada não apenas a proclamar uma ideia ou um conceito abstrato, mas a anunciar com fervor e fidelidade uma pessoa viva: Jesus Cristo, que se fez carne e habitou entre os homens. Em sua infinita misericórdia e amor, Ele uniu-se, de algum modo, a todo homem, partilhando da sua humanidade para conduzi-lo à plenitude da vida em Deus.<sup>20</sup>

Afinal, o progresso autêntico não se verifica pela supremacia dos mais aptos, mas pela capacidade de elevar e integrar aqueles que mais necessitam, «todos os cristãos, que somos chamados a cuidar dos mais frágeis da Terra. Mas, no modelo “individualista” em vigor, parece que não faz sentido investir para que os lentos, [...] possam também singrar na vida» (EG, 209).

---

<sup>18</sup> Cf. Rino Fisichella, «Ano Santo: Sinal da Fé que nunca se cansa de procurar», em *Comentário Teológico-Pastoral à Carta Apostólica de João Paulo II «Tertio Millennio Adveniente»*, ed. Conselho de Presidência do Grande Jubileu do ano 2000, 2 5 (Rei dos Livros, 1996), 187–88.

<sup>19</sup> Edmilson José dos Santos, «Evangelização e promoção humana à luz da Evangelii Gaudium e da Doutrina Social da Igreja», Simpósio Internacional Filosofia - Teologia & Ciências da Religião, 2021, 2, [https://www.faje.edu.br/simposio2021/comunicacoes\\_ao\\_doutores.php](https://www.faje.edu.br/simposio2021/comunicacoes_ao_doutores.php).

<sup>20</sup> Santos, «Evangelização e promoção humana à luz da Evangelii Gaudium e da Doutrina Social da Igreja», 3.

### 1.1.2. Princípios Fundamentais da DSI

Os princípios da doutrina social não foram definidos num único documento ou numa única expressão da Igreja, antes pelo caminhar progressivo da Igreja com as causas sociais, «sua identificação resulta de uma leitura do que a Igreja foi dizendo ao longo dos tempos e do modo como os diferentes valores foram sendo conjugados nesses pronunciamentos».<sup>21</sup> Indubitavelmente, os princípios da doutrina social da Igreja apoiam-se sobre a lei natural, solidificados na fé da Igreja, pelo Evangelho de Cristo, «toda a natureza, além de manifestar Deus, é lugar da sua presença. Em cada criatura, habita o seu Espírito vivificante, que nos chama a um relacionamento com Ele» (LS, 88).

Acrescentando-se que os princípios da doutrina social da Igreja se interrelacionam, revelando a natureza relacional da pessoa humana, tal como é apresentada pela revelação cristã. Ao amar a Deus e ao próximo, o ser humano realiza plenamente a sua vocação. Nesta senda o *Compêndio* dirá: «Os princípios, efetivamente, se evocam e iluminam uns aos outros, na medida em que exprimem a antropologia cristã, fruto da revelação do amor que Deus tem para com cada pessoa humana» (CDSI, 9).

#### 1.1.2.1. Dignidade da Pessoa Humana

Com o princípio da Dignidade da pessoa humana, o Concílio Vaticano II insistiu muito nesta temática, tendo-a como ponto de partida para muitas reflexões, «criados à imagem de Deus, todos têm a mesma natureza e origem; e, redimidos por Cristo, todos têm a mesma vocação e destino divinos» (GS, 29). Pois as excessivas desigualdades económicas e sociais entre os membros e povos da única família humana provocam escândalo e são contrárias à justiça social, à equidade, à dignidade da pessoa humana e à paz social e internacional (cf. GS, 30).

Todo ser humano possui uma dignidade inalienável, que deve ser respeitada e promovida. Naturalmente, para garantir a dignidade das pessoas, é necessário promover o bem comum, como afirma o Papa Francisco «um amor repleto de verdade constitui a base sobre a qual construir a paz que hoje é particularmente desejada e necessária para o bem de todos».<sup>22</sup> Assim sendo, o ser-humano é convidado antes de tudo a descobrir-se como ser transcendente. De facto,

---

<sup>21</sup> José Maria Brito, «Doutrina Social da Igreja: uma lente para ver a realidade», Ponto SJ, 2024, <https://pontosj.pt/especial/doutrina-social-da-igreja-uma-lente-para-ver-a-realidade/>.

<sup>22</sup> Francisco, «Discurso do Papa Francisco aos participantes na plenária do pontifício conselho Justiça e Paz», Vatican, 2014, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco\\_20141002\\_pont-consiglio-justizia-e-pace.html?utm\\_source=chatgpt.com](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141002_pont-consiglio-justizia-e-pace.html?utm_source=chatgpt.com).

quando a Igreja cumpre a missão de anunciar o Evangelho, ela testemunha ao homem sua própria dignidade (cf. CEE, 2419).

Ao descobrir-se amado por Deus, a pessoa reconhece sua dignidade transcendente e aprende a não se limitar a si mesmo. Ele encontra o outro em uma rede de relações cada vez mais genuinamente humanas. Renovados pelo amor de Deus, os homens tornam-se capazes de transformar tanto as regras quanto a qualidade das relações e estruturas sociais. São pessoas aptas a promover a paz onde há conflitos, a construir e nutrir relações fraternas onde há ódio e a buscar a justiça onde há exploração do homem pelo homem.

#### 1.1.2.2. O Bem Comum

O princípio do bem comum remete ao agir humano conforme a justiça de Deus. A Terra foi criada por Deus para que os homens pudessem viver felizes e com dignidade. O bem comum comporta elementos essenciais: o respeito pela pessoa; proporcionar a justiça para as pessoas; dar condições de vida digna e de qualidade para todos; o direito à proteção da vida e à justa liberdade. Elementos que compõe, inclusive, a constituição de muitas nações, como também está presente na Declaração Universal dos Direitos Humanos, «Proclama a presente Declaração Universal dos Direitos do Homem como ideal comum a atingir por todos os povos e todas as nações».<sup>23</sup> E os direitos, próprios dos fiéis, em vista do bem comum, têm a Igreja como garante (cf. CIC, 223 § 2).

Este princípio tenciona que todos são iguais e merecem receber a dignidade de filhos de Deus. O bem comum não se reduz à mera soma dos bens individuais de cada membro da sociedade, mas representa uma realidade superior, compartilhada por todos e que a todos beneficia. Ele é e permanece comum, pois é indivisível e só pode ser alcançado, fortalecido e preservado por meio da cooperação e da solidariedade entre as pessoas, sempre com uma perspectiva voltada também para as gerações futuras. Assim como o agir moral do indivíduo se realiza na prática do bem, o agir social atinge sua plenitude na construção do bem comum, promovendo a justiça, a dignidade humana e a paz social, (cf. GS, 26). Dessa forma, o bem comum pode ser compreendido como a expressão concreta da dimensão social e comunitária do bem moral, exigindo o engajamento responsável de todos na busca por uma sociedade mais justa, fraterna e inclusiva (cf. CDSI, 164).

---

<sup>23</sup> Organização das Nações Unidas, «Declaração Universal dos Direitos Humanos», 1948, <https://unric.org/pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos/>.

O bem comum é o bem de todos e de cada um, que deve ser buscado em todas as ações humanas. Sobre isso, Bento XVI defende:

Ao lado do bem individual, existe um bem ligado à vida social das pessoas: o bem comum. É o bem daquele «nós todos», formado por indivíduos, famílias e grupos intermédios que se unem em comunidade social. Não é um bem procurado por si mesmo, mas para as pessoas que fazem parte da comunidade social e que, só nela, podem realmente e com maior eficácia obter o próprio bem. Querer o bem comum e trabalhar por ele é exigência de justiça e de caridade (CV, 7).

O bem comum, objetivo primordial de toda sociedade, não é uma abstração distante ou um ideal inatingível (cf. MM, 421). Ele se materializa no conjunto de condições sociais que permitem aos indivíduos e grupos alcançarem sua plena realização. Não obstante, sua concretização exige o envolvimento ativo de todos os membros da sociedade.

### 1.1.2.3. Subsidiariedade

A subsidiariedade, um dos pilares da doutrina social da Igreja desde a *Rerum Novarum*, enfatiza a importância da pessoa humana e da família como células básicas da sociedade (cf. RN, 101). A dignidade humana floresce quando protegida e promovida por um conjunto de estruturas sociais intermediárias – famílias, comunidades locais, associações de diversos tipos: econômicas, sociais, culturais, desportivas, e similares – que permitem o desenvolvimento social pleno dos indivíduos (cf. CEE, 2445).

A subsidiariedade implica que o Estado deve atuar subsidiariamente, ou seja, apenas quando estas estruturas intermédias não são capazes de realizar suas funções de forma adequada. O Estado deve apoiar e complementar estas iniciativas, e não as substituir. Ao invés de centralizar o poder, o princípio da subsidiariedade promove a distribuição da autoridade e responsabilidades para os níveis mais próximos da realidade social.

A sociedade civil, compreendida como a rede de relações entre indivíduos e grupos intermediários, é essencial para o desenvolvimento de uma comunidade de pessoas. É neste contexto que os cidadãos exercem sua «subjetividade criadora», participando ativamente na construção do bem comum. A subsidiariedade, portanto, fortalece a sociedade civil e promove uma democracia participativa, onde os cidadãos têm voz e são agentes de transformação social. Na senda da *Fratelli Tutti*, a subsidiariedade afirma que os problemas devem ser resolvidos no nível mais próximo possível daqueles que os sofrem, sem que os níveis superiores se intrometam indevidamente (cf. FT, 142).

#### 1.1.2.4. Solidariedade

A solidariedade é um valor fundamental que exprime a dimensão social da pessoa humana, ressaltando a sociabilidade que lhe é inerente e a responsabilidade recíproca entre os membros da comunidade (cf. Gn 2,18). A considerar a igualdade em dignidade e direitos, e do percurso conjunto em direção a uma união global mais coesa. Atualmente, existe uma consciência generalizada da interdependência entre indivíduos e nações em todas as esferas. A rápida expansão das vias e meios de comunicação em tempo real, os avanços notáveis na tecnologia da informação e o aumento significativo do comércio e do fluxo de informação evidenciam que, pela primeira vez na história da humanidade, ao menos em termos técnicos, é viável estabelecer conexões entre pessoas distantes ou desconhecidas (cf. CDSI, 192).

E, portanto, a solidariedade deve ser encarada como um princípio social fundamental que estrutura as instituições. Seu propósito é superar as «estruturas de pecado» que intercalam as relações humanas e entre nações, transformando-as em «estruturas de solidariedade», (cf. SRS, 36). Isso pode ser alcançado através da criação ou modificação de leis, regras de mercado e ordenamentos. À solidariedade estão ligados mais dois princípios; a opção pelos pobres e destino universal dos bens: A Igreja tem uma preferência pelos pobres e marginalizados, buscando promover suas causas e defender seus direitos. Bem articulados, os princípios da solidariedade e da subsidiariedade garantem tanto o respeito pelo bem comum como o respeito pela dignidade da pessoa humana. Para Danilo Rodrigues, é importante distinguir a solidariedade de assistencialismo, pois a primeira dignifica, promove as pessoas, quanto à segunda, pode gerar uma perpetua dependência social: «A solidariedade é uma das maneiras para que a caridade aconteça, já o assistencialismo não promove a transformação na vida dos pobres».<sup>24</sup>

### 1.2. A sensibilidade social do Papa Francisco

A escolha do nome de Francisco para o seu pontificado, já muito diz da trajetória do cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio, e principalmente, o que viria a dizer de todo o seu apostolado. Ora, justamente, por associar-se a uma das personagens mais vibrantes, de todos os tempos, da tradição cristã, o *Poverello* de Assis. Um santo cujo epíteto é *Alter Christus*, por tamanha expressão de santidade. Este dado, permite acender a enorme coragem que o Papa teve na escolha de seu onomástico. De certo, o fez com bastante convicção e confiança, a acreditar no testamento do santo, como se lê em seu testamento: «É o próprio Senhor me conduziu entre

---

<sup>24</sup> Danilo Rodrigues, «Papa Francisco: Uma Doutrina Social e Pastoral», *Annales Faje* 6, n.º 1 (2021): 227.

eles e fiz misericórdia com eles. E afastando-me deles, aquilo que me era amargo, converteu-se em doçura da alma e do corpo; e, em seguida, detive-me por um pouco e saí do mundo».<sup>25</sup>

A escolha do nome Francisco, possui um significado evidente, refletindo seu compromisso com os pobres, a preservação do meio ambiente e a renovação das estruturas eclesiais. No âmbito de seu Magistério Social, o Papa Francisco promove uma mudança significativa no interlocutor tradicional da Doutrina Social da Igreja, ampliando seu alcance. Ele se dirige a cada pessoa que habita o planeta, adotando uma postura dialógica e buscando fomentar uma nova cultura de diálogo e colaboração. Seu objetivo é engajar todas as tradições religiosas, bem como diversos atores políticos e sociais, na construção de soluções para a superação da atual crise socioambiental, bem como afirma Paulo Andrade:

A primeira é a mudança de lugar social: ver o Mundo com os olhos dos pobres. Assumir sua perspectiva, suas dores, suas experiências de opressão, marginalização e também suas esperanças. A segunda é criar condições para que o pobre emergja como sujeito eclesial, isto é, sujeito da Evangelização e sujeito político-social-econômico, ou seja, sujeito das transformações necessárias para a construção de um mundo mais justo, fraterno e ambientalmente sustentável.<sup>26</sup>

Deus comunicou Sua Palavra ao longo da história e, mais do que isso, Ele próprio entrou na história para dialogar com a humanidade e revelar Seu plano de salvação, justiça e fraternidade. Por meio de Seu Filho, Jesus Cristo, que se fez homem, Deus libertou o ser humano do pecado, mostrou o Caminho a seguir e apontou a meta que se deve alcançar. Com tal firmeza aponta o Papa Francisco:

A misericórdia não é contrária à justiça, mas exprime o comportamento de Deus para com o pecador, oferecendo-lhe uma nova possibilidade de se arrepender, converter e acreditar. A experiência do profeta Oseias ajuda-nos, mostrando-nos a superação da justiça na linha da misericórdia. A época em que viveu este profeta conta-se entre as mais dramáticas da história do povo judeu. O Reino está próximo da destruição; o povo não permaneceu fiel à Aliança, afastou-se de Deus e perdeu a fé dos pais. Segundo uma lógica humana, é justo que Deus pense em rejeitar o povo infiel: não observou o pacto estipulado e, conseqüentemente, merece a devida pena, ou seja, o exílio. Assim o atestam as palavras do profeta: «Não voltará para o Egito, mas a Assíria será o seu rei, porque recusaram converter-se» (Os 11,5); (MV, 23).

A Sagrada Escritura apresenta um testemunho contínuo da misericórdia de Deus, cuja manifestação se faz presente desde a criação como expressão originária de seu amor. No desenvolvimento histórico do povo de Israel, sob a ação do Espírito, é possível identificar um processo pedagógico no qual a experiência da ternura divina se sobrepõe às reiteradas infidelidades da comunidade. Essa dinâmica atinge sua culminância em Jesus de Nazaré, cuja existência histórica e cuja pregação instauraram, na comunidade cristã primitiva, a consciência

---

<sup>25</sup> Dorivalino Francisco Fassini, *Fontes Franciscanas*, ed. João Manuel Filho (Mensageiro de Santo Antônio, 2005), 83.

<sup>26</sup> Paulo Fernando Carneiro De Andrade, «O Magistério Social do Papa Francisco: o surgimento de um novo paradigma na Doutrina Social da Igreja», *Fronteiras - Revista de Teologia da Unicap* 6, n.º 1 (2023): 67, <https://doi.org/10.25247/2595-3788.2023.v6n1.p59-82>.

de uma missão permanente: ser mediadora da misericórdia e do perdão de Cristo no interior da história, (cf. Jo 20, 23). Através da Bíblia, mantida viva pela fé da Igreja, por meio dela, compreende-se melhor o mistério de amor que dimana daquela fonte de misericórdia. De modo claro, recorda o Apóstolo Paulo: «Toda a Escritura é inspirada por Deus e adequada para ensinar, refutar, corrigir e educar na justiça (2 Tm 3, 16)»; (MMi, 7).

A caridade e a misericórdia não devem ser temidas, pois não anulam a justiça nem relativizam os direitos. O amor não pode justificar a negligência do que é justo. No caso dos processos matrimoniais, buscar proximidade e rapidez não significa comprometer a justiça. Pelo contrário, a misericórdia fortalece a justiça, tornando-a mais humana e sensível ao sofrimento do próximo, recorda Francisco:

A arquitrave que suporta a vida da Igreja é a misericórdia. Toda a sua ação pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes; no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia. A credibilidade da Igreja passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo. A Igreja «vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia (MV, 10).

Ora, por muito tempo, parece que as pessoas se esqueceram de viver a misericórdia. Agora, a Igreja é chamada a retomar com alegria o anúncio do perdão. É o momento de voltar ao essencial, acolhendo e amparando as fragilidades dos irmãos. O perdão tem o poder de renovar a vida, restaurar corações e fortalecer a esperança, (cf. MV, 11). Ao tratar de esperança, cabe referir as intenções do Santo Padre com o Jubileu Ordinário do ano 2025, com o lema: Peregrinos de Esperança<sup>27</sup>, pois na esperança reside a força para continuar a acreditar nas ações de misericórdia.

A linha de ação proposta pelo Papa baseia-se na mobilização planejada e racional de todos os recursos disponíveis, materiais e humanos, em prol do desenvolvimento. Embora não se destaque pela originalidade, a proposta ganha força pela universalidade de seu apelo e pela relevância de suas consequências. O desenvolvimento solidário da humanidade é apresentado como expressão concreta do amor e da busca pelo Reino de Deus – um reino de amor, justiça e paz, pelo qual todos os cristãos rezam. Esse ideal representa a antecipação terrena do destino ao qual Deus se comprometeu na jornada humana, e o papel da Igreja de cuidar permanentemente da salvação das pessoas, pela via do ordinário da vida: «dever da Igreja, para que deste modo os homens todos, hoje mais estreitamente ligados uns aos outros, pelos diversos laços sociais, técnicos e culturais, alcancem também a plena unidade em Cristo» (LG, 1).

---

<sup>27</sup> Cf. Francisco, *Bula de Proclamação do Grande Jubileu Ordinário do ano 2025: «Spes non Confundit»* (Paulinas, 2024).

### 1.2.1. *Ações concretas da Doutrina Social de Francisco*

O encontro com o outro, especialmente com aqueles que sofrem, convida a uma profunda transformação interior. Ao acolher os migrantes, os sem-teto, os refugiados e todos aqueles que vivem à margem, ocorre a abertura da vida das pessoas para a experiência do divino. A fé sem caridade não tem vida, «Assim também a fé; se ela não tiver obras, está completamente morta» (Tg 2, 17). O Papa exorta ainda toda a Igreja, como comunidade de fé, a qual tem a missão de promover esse encontro e de construir pontes entre culturas e povos.

Embora aparentemente não nos traga benefícios tangíveis e imediatos, é indispensável prestar atenção e debruçarmo-nos sobre as novas formas de pobreza e fragilidade, nas quais somos chamados a reconhecer Cristo sofredor: os sem-abrigo, os toxicodependentes, os refugiados, os povos indígenas, os idosos cada vez mais sós e abandonados, etc. Os migrantes representam um desafio especial para mim, por ser Pastor de uma Igreja sem fronteiras que se sente mãe de todos. Por isso, exorto os países a uma abertura generosa, que, em vez de temer a destruição da identidade local, seja capaz de criar novas sínteses culturais (EG, 210).

É fundamental promover uma sociedade mais humana, baseada em ações éticas e na vida cristã, resgatando valores muitas vezes esquecidos. Não se pode aceitar a desvalorização das pessoas, a manipulação ou propostas que neguem o diálogo e a igualdade. Além disso, a Igreja deve estar próxima dos mais necessitados, acolhendo aqueles que vivem à margem da sociedade. O Papa Francisco alerta sobre a cultura do descarte e defende que a Igreja seja um espaço acolhedor e inclusivo. Assim, é urgente conscientizar-se sobre a realidade social e garantir o respeito à vida humana em todos, «Francisco se empenha em falar dos direitos humanos preocupado com a cultura do descartável e com as violações existentes».<sup>28</sup>

#### 1.2.1.1. *Evangelii Gaudium*

A Igreja percorre as estradas da história junto com a humanidade, vivendo no mundo, mas sem pertencer a ele, «Eu não rogo que os tires do mundo, mas que os guarde do maligno. Eles não são do mundo, como eu não sou do mundo» (Jo 17,15-16). A Igreja é chamada a servir conforme sua vocação. Essa postura, refletida neste documento, baseia-se na convicção de que é essencial para o mundo reconhecer a Igreja como fermento da história, assim como para a Igreja valorizar o que recebe do progresso humano (cf. GS, 44). O Concílio Vaticano II manifestou essa solidariedade e amor ao dialogar com a humanidade, iluminando questões à luz do Evangelho e oferecendo os recursos de salvação que a Igreja, guiada pelo Espírito Santo, recebeu de Cristo. A prioridade é salvar a pessoa humana e renovar toda a humanidade.

---

<sup>28</sup> Robson Ribeiro De Oliveira Castro Chaves, «Terra, Teto e Trabalho: Direitos Humanos e a Doutrina Social da Igreja do Papa Francisco», *Revista Encontros Teológicos* 36, n.º 1 (2021): 173–89, <https://doi.org/10.46525/ret.v36i1.1648>.

Inclusive, a recuperação da identidade missionária e a busca pela unidade também são aspectos fundamentais na exortação *Evangelii Gaudium*. Ali, o Papa desafia a deixar de lado divisões internas e a olhar para os outros com um coração mais aberto e generoso. Ele apresenta a Igreja como um espaço onde a misericórdia e o acolhimento devem prevalecer sobre qualquer forma de controle ou julgamento. Propõe uma Igreja «em saída» (cf. EG, 24), superando o individualismo para fortalecer a comunhão. Embora isso não seja abordado no primeiro capítulo, o Papa defende uma Igreja com uma postura pastoral ativa. O termo «pastoral» (cf. EG, 27), remete à imagem do pastor que busca suas ovelhas em vez de esperar que elas venham até ele. Assim, toda ação da Igreja deve refletir essa atitude do Bom Pastor.

A Igreja precisa resgatar sua identidade missionária e, inspirada nas primeiras comunidades cristãs descritas nos Atos dos Apóstolos, tornar as paróquias espaços vivos de fé, presentes no cotidiano das pessoas. No capítulo seguinte, também propõe uma nova abordagem para o anúncio da mensagem cristã, priorizando o essencial e a beleza. Destaca que a religião não deve ser um fardo para os fiéis, pois Cristo e os Apóstolos estabeleceram poucos preceitos. A Igreja é apresentada como uma mãe de coração aberto, que acolhe a todos, sem agir como uma barreira à graça divina.

Na sequência dos capítulos, o Papa reflete sobre os desafios do mundo atual, abordando aspectos sociais, culturais e econômicos. Ele enfatiza que os agentes pastorais devem cultivar um espírito comunitário e otimista, evitando divisões internas e promovendo a unidade entre os cristãos. O individualismo, que fragiliza a comunhão e a missão da Igreja, deve ser superado. Mais ainda, o documento trata do anúncio do Evangelho, destacando a vocação missionária de todo cristão e a importância da unidade na diversidade. O Papa também reflete sobre a homilia e sua preparação, lembrando que Cristo não é apenas uma teoria ou ideal, mas uma pessoa viva que transforma a realidade daqueles que se abrem à sua graça. No último capítulo, discute-se a dimensão social da evangelização, com ênfase na opção preferencial pelos pobres, essencial ao Evangelho e à fidelidade à Boa Nova. O capítulo se encerra ressaltando o diálogo como caminho para a construção da paz.

Por fim, a exortação apostólica conclui com um apelo à renovação do ardor missionário, impulsionado pelo Espírito Santo. O documento também dedica uma parte especial a Maria, a Mãe da Evangelização, que acompanha e inspira a missão da Igreja.

Um desafio importante é mostrar que a solução nunca consistirá em escapar de uma relação pessoal e comprometida com Deus, que ao mesmo tempo nos comprometa com os outros. Isto é o que se verifica hoje quando os crentes se procuram esconder e livrar dos outros, e quando subtilmente escapam de um lugar para outro ou de uma tarefa para outra, sem criar vínculos profundos e estáveis. [...] É um remédio falso que faz adoecer o coração e, às vezes, o corpo. Faz falta ajudar a reconhecer que o único caminho é aprender a encontrar os demais

com a atitude adequada, que é valorizá-los e aceitá-los como companheiros de estrada, sem resistências interiores (EG, 91).

Francisco governou a Igreja por mais de doze anos de pontificado (completados a 13/03/25), durante os quais publicou quatro encíclicas. Sendo a primeira, *Lumen Fidei*, de 2013, de caráter mais teológico, contudo esta já estava rascunhada por seu antecessor, Bento XVI. Uma forte marca do pontificado de Francisco viria nas seguintes, ambas sociais, tendo a *Laudato Si*, de 2015, discorrido uma crítica ao consumismo e um alerta sobre a necessidade de uma unidade global para limitar o aquecimento global e conter a degradação ambiental. Na mesma senda, vem a *Fratelli Tutti*, no ano de 2020, que é um apelo para que a fraternidade e a consciência social sejam empregadas na reconstrução de um mundo mais justo. E, mais recentemente, no empenho de fazer um complemento da *Laudato Si*, o Papa latino-americano traz a exortação apostólica *Laudate Deum*, de 2023, precisamente no dia da festa litúrgica de São Francisco de Assis, a qual a conclui com o apelo «Porque um ser humano que pretenda tomar o lugar de Deus torna-se o pior perigo para si mesmo» (LD, 73).

#### 1.2.1.2. *Laudato si'*

Sem dúvida, as declarações sobre políticas públicas são relevantes, mas, em uma encíclica social, o essencial é a maneira como a doutrina social da Igreja aborda essas questões sob uma perspectiva teológica, filosófica e antropológica. A *Laudato si'* faz importante discussão sobre a relação humana com o ambiente natural que é consistente com os ensinamentos católicos anteriores e com o entendimento da Igreja Católica sobre a lei natural. A *Laudato si'* inicia com uma profunda reflexão sobre os danos que a humanidade tem causado à Terra. O Papa Francisco descreve o ambiente natural como uma «irmã», enfatizando a ligação intrínseca com a Terra, que fornece os elementos essenciais para a existência humana, como o ar que se respira e a água que se bebe. De tal modo, explora o Papa: «Todavia é possível voltar a ampliar o olhar, e a liberdade humana é capaz de limitar a técnica, orientá-la e colocá-la ao serviço doutro tipo de progresso, mais saudável, mais humano, mais social, mais integral» (LS, 112).

Integral significa ser inteiro, ou seja, um elemento ou situação não pode ser bem avaliada se observar apenas algumas partes, ou se essas são partes fragmentadas da realidade dos factos. O teólogo Murad explora profundamente a temática do termo integral, e ajuda a clarificar a mensagem de Francisco:

No âmbito ético, o adjetivo «íntegro» traduz a postura da pessoa sincera, transparente, que mantém suas convicções, não se levar pela corrupção ou qualquer outro tipo de assédio do mal. Já o verbo integrar deriva do latim *integrare*, que quer dizer: ato ou efeito tornar inteiro o que está separado, fragmentado ou dividido. [...]. Cada ser humano precisa integrar suas

tendências, seus desejos e pulsões, em vista da maturidade. Superar as diversas formas de fragmentação. [...] Assim, o integral é inteiro, mas sem pretensão de ser total». <sup>29</sup>

Assim, no campo da ecologia integral, para além dos sintomas, dos danos e degradação da mãe terra, faz-se necessário adentrar as causas mais profundas, tais como o ecocentrismo, o antropocentrismo, o biocentrismo, a economia, as dimensões socioreligiosas. Preciso é ainda reconhecer a posição do ser humano a respeito do mundo, superar a prática do «usa e tira». Por este prisma, elenca-se dois pontos fundamentais. Primeiramente chama-se atenção para o facto de cuidar do planeta, sempre imbuído na ótica de incluir as pessoas, buscando evitar o extremismo. <sup>30</sup> O ser humano necessita de comer, trabalhar e se relacionar, afinal, precisa usufruir do ambiente em que vive.

Ao invés de explorar a Terra de forma violenta, a encíclica convida a acarinhá-la e nutri-la, reconhecendo a responsabilidade que cada homem e mulher têm na preservação do planeta para as futuras gerações. Não obstante ao cuidado e preservação do ecossistema, é fundamental ter presente o princípio teológico do cuidar, segundo Rodrigue, o Papa Francisco, com este documento quer despertar a relação de cada um com o Criador supremo e amoroso, «A carta encíclica “*Laudato si*” não limita a criação somente ao antropocentrismo, ao contrário, envolve toda a natureza e o ecossistema como um ato amoroso querido pelo Criador». <sup>31</sup>

A riqueza da *Laudato Si*, em suma, apresenta a Ecologia Integral como uma abordagem ampla e interligada, que vai além da questão ambiental. Destaca a conexão entre a criatura e o criador, o cuidado com a vida no planeta, a justiça social, as culturas dos povos, a qualidade de vida nas cidades e o Bem Comum, exigindo também solidariedade entre as gerações. Murad tem sido um grande defensor da globalidade da *Laudato si*, como retrata:

A ecologia constitui um mosaico vivo. As pedras principais são a manutenção do ciclo da vida no planeta e a justiça social. [...]. Tudo isso tem estreitos laços com a questão central da Doutrina Social da Igreja: o Bem Comum. Por fim, tal busca se estende para além de situações imediatas, pois exige a solidariedade intergeracional». <sup>32</sup>

### 1.2.1.3. *Fratelli Tutti*

O amor e amizade social, são os temas principais abordados nesta encíclica. O sentido da existência, da convivência social e da história revelam-se na busca livre pela verdade, que dá direção e plenitude à vida. Essas questões expressam o nível mais elevado da natureza humana,

---

<sup>29</sup> Afonso Murad, «Laudato Si’ e a Ecologia Integral: um novo capítulo da Doutrina Social da Igreja», *Medellin. Biblia, Teología Y Pastoral para América Latina Y El Caribe* 43, n.º 168 (2017): 475–76.

<sup>30</sup> Cf. Martín Carbajo Núñez, *Tudo está Conectado: Ecologia Integral e Comunicação na Era Digital*, trad. José Maria Fonseca Guimarães (Editorial Franciscana, 2022), 35.

<sup>31</sup> Rodrigues, «Papa Francisco: Uma Doutrina Social e Pastoral», 231.

<sup>32</sup> Murad, «Laudato Si’ e a Ecologia Integral: um novo capítulo da Doutrina Social da Igreja», 475.

pois refletem seu compromisso com a própria existência e se conectam à religiosidade, considerada a expressão máxima da racionalidade humana. Essa religiosidade nasce do anseio pela verdade e fundamenta a busca pessoal pelo divino. Por isso, afirma o Papa Francisco na *Fratelli Tutti*: «é importante que a catequese e a pregação incluam, de forma mais direta e clara, o sentido social da existência, a dimensão fraterna da espiritualidade, a convicção sobre a dignidade inalienável de cada pessoa e as motivações para amar e acolher a todos» (FT, 86).

Nesta encíclica Francisco convida, os homens de boa vontade, a expandir horizontes nas relações humanas, revelando a beleza da amizade em sua dimensão social. Com seu potencial benéfico e transformador, a amizade impulsiona os indivíduos a irem além de si mesmos, impactando positivamente a sociedade. Em síntese, explica o Papa Francisco:

O amor cria vínculos e amplia a existência, quando arranca a pessoa de si mesma para o outro. Feitos para o amor, existe em cada um de nós «uma espécie de lei de “êxtase”: sair de si mesmo para encontrar nos outros um acrescentamento de ser». Por isso, o homem deve conseguir um dia partir de si mesmo, deixar de procurar apoio em si mesmo, deixar-se levar (FT, 88).

A promoção da Amizade Social é essencial para a fraternidade entre as nações e o bem comum. Reconhecer todos como irmãos e integrar a todos não é utopia, mas um compromisso que exige decisões políticas.<sup>33</sup> Esse esforço é um ato elevado de caridade, evoluindo uma ordem social e política baseada na caridade (cf. FT, 154; 180). Toda a vida humana tem valor igual; o bem tem de ser de todos e de cada um, sem ser uma ditadura da maioria.<sup>34</sup>

#### 1.2.1.4. *Laudate Deum*

A lógica da meritocracia distorcida leva à crença de que o sucesso individual é mais importante do que o bem-estar coletivo. Os indivíduos que alcançam o sucesso, muitas vezes, não se importam com os danos que suas ações podem causar ao meio ambiente ou à sociedade. Eles se sentem protegidos pela sua riqueza e poder, ignorando que a sua «armadura» não os protegerá das consequências de um planeta devastado, «mas se não se procura uma real igualdade de oportunidades, a meritocracia facilmente se transforma num para-vento que consolida ainda mais os privilégios de poucos com maior poder» (LD, 20).

É preciso romper com essa lógica perversa que prioriza o lucro a curto prazo em detrimento do bem-estar das pessoas e do planeta. É fundamental questionar o conceito de «progresso» que é imposto e buscar alternativas mais sustentáveis e justas. O futuro da humanidade depende da capacidade de cada cidadão, de agir com responsabilidade e construir

---

<sup>33</sup> Cf. Andrade, «Magistério Social do Papa Francisco», 2023, 74.

<sup>34</sup> Cf. John Stuart Mill, *Sobre a Liberdade*, trad. Denise Botmann (L&PM, 2018), 22.

um mundo onde o desenvolvimento seja sinónimo de preservação, justiça social e respeito pela natureza (cf. LD, 29). O recado final da exortação será o de admitir ser um problema de todos, «Admitamos, finalmente, que se trata dum problema humano e social em sentido amplo e a diversos níveis. Por isso requer-se o envolvimento de todos» (LD, 58).

#### 1.2.1.5. *Spes non Confundit*

Uma esperança permanente, assim o romano pontífice, convida cada pessoa a não desanimar. A temática da esperança acompanhou todo o seu pontificado, prova disso é uma de suas mensagens na Jornada Mundial da Juventude do Rio de Janeiro em 2013, aquando expressou: «A vocês todos quero repetir: Não deixem que lhes roubem a esperança! Não deixem que lhes roubem a esperança! Mas digo também: Não roubemos a esperança, pelo contrário, tornemo-nos todos portadores de esperança!». <sup>35</sup> Tal mensagem foi proferida no Hospital dos Franciscanos na Providência de Deus no Brasil, diante de dezenas de pessoas em recuperação com comportamentos aditivos e dependências.

Aquele que vive na esperança não é enganado, nesta senda o Papa Francisco lança a Bula de proclamação da grande Jubileu Ordinário do ano de 2025, com o título *Spes nos Confundit*, que é extraído da Carta de São Paulo aos Romanos «A Esperança não engana» (Rm 5, 5). Ancorados na esperança, com efeito, é a proposta do papa, para bem celebra e viver o Jubileu Ordinário do ano de 2025, pois segundo ele, é preciso estar firme para seguir o desafiador caminho da vida, sem perder a esperança, como afirma: «A imagem da âncora é sugestiva para compreender a estabilidade e a segurança que possuímos no meio das águas agitadas da vida, se nos confiarmos ao Senhor Jesus» (SnC, 25). A bom rigor, a esperança humana funda-se em Deus, pois a humanidade, a Igreja peregrina, tem sua segurança n'Ele, «Nessa esperança, temos como uma âncora segura e firme da alma, que penetra até ao interior do véu, onde Jesus entrou como nosso precursor» (Hb 6, 19). Em última análise a esperança nasce do coração de Jesus, de onde emana o amor (cf. SnC, 1).

#### 1.2.2. *O diálogo com todos*

O Papa é um exímio comunicador, faz uso de linguagem maternal, pois vê na simplicidade a melhor maneira de comunicar o complexo. É um portador de uma linguagem radicalmente oral, fruto de sua vida pastoral, um discurso que toca as pessoas de forma imediata. Homem de

---

<sup>35</sup> Francisco, «Visita ao Hospital São Francisco de Assis na Providência De Deus», 2013, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco\\_20130724\\_gmg-ospedale-rio.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130724_gmg-ospedale-rio.html).

diálogo, que corresponde a fragmentos de um discurso amoroso. Seria um erro trágico acreditar que a linguagem simples de Francisco é resultado de uma certa ingenuidade. Ele foge do paradigma tecnocrático, assim, no fundo, a pregação e os gestos *bergoglianos* interroga-se sobre o próprio horizonte de possibilidades da comunicação do cristianismo. Deus colocou o homem à frente das realidades terrenas para dominá-las e cuidá-las. Através do respeito pelas outras criaturas, o homem manifesta o respeito devido ao Criador. A crise ambiental tem dimensões morais «O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar» (Gn 2, 15).

Em um tempo marcado por altas taxas de desemprego e pela precarização do trabalho, é fundamental resgatar o valor intrínseco da atividade laboral, conforme atesta o Catecismo: «O trabalho é para o homem e não o homem para o trabalho» (CCE, § 2428). O trabalho, muito além de um mero meio de subsistência, é um elemento essencial para a dignidade humana, um caminho para a realização pessoal e um pilar fundamental para a construção de uma sociedade justa e solidária. Francisco defende o valor do trabalho veementemente: «A pessoa que trabalha, seja qual for a sua tarefa, colabora com o próprio Deus, torna-se em certa medida criadora do mundo que a rodeia» (Carta Apostólica *Patris Corde*, 6). A lembrar de uma fé que passa pela persistência, «Mestre, trabalhamos a noite inteira e nada apanhamos; mas por causa da tua palavra, lançarei as redes» (Lc 5, 5).

Em tempos de fragilidade e desânimo, a busca por um sentido mais profundo da vida impulsiona muitos a questionarem seus valores e a procurarem algo além de si mesmos. A fé em Deus oferece uma resposta a essa busca, proporcionando esperança, propósito e uma comunidade de apoio, «é-nos pedido que introduzamos a confiança na possibilidade de uma felicidade verdadeira, de uma esperança possível, que não se apoie unicamente nos talentos, nas qualidades, no saber, mas em Deus».<sup>36</sup> Esta afirmação da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, faz o ser humano reconhecer que é parte de algo maior, onde encontra-se a força para superar as adversidades e construir um mundo mais justo e solidário.

Por meio de suas escolhas e modo de vida, o Papa Francisco realiza uma interpretação viva do diálogo entre Deus e o mundo. Sua abordagem, fundamentada no Evangelho e na escatologia humana, valoriza o pluralismo, promove o equilíbrio e incentiva a responsabilidade na transformação da realidade. «por entre as limitações da linguagem e das circunstâncias» (EG 45). Assim, busca comunicar a verdade do Evangelho de forma cada vez mais autêntica e

---

<sup>36</sup> Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólicas, *Carta Circular «Alegrai-vos»*, 25.

eficaz.<sup>37</sup> Muito embora o papa tenha plena noção dos temas abordados em seu magistério petrino:

Não é função do Papa oferecer uma análise detalhada e completa da realidade contemporânea, mas animo todas as comunidades a «uma capacidade sempre vigilante de estudar os sinais dos tempos»? Trata-se de uma responsabilidade grave, pois algumas realidades hodiernas, se não encontrarem boas soluções, podem desencadear processos de desumanização tais que será difícil depois retroceder. É preciso esclarecer o que pode ser um fruto do Reino e também o que atenta contra o projeto de Deus. Isto implica não só reconhecer e interpretar as moções do espírito bom e do espírito mau, mas também - e aqui está o ponto decisivo - escolher as do espírito bom e rejeitar as do espírito mau... (EG, 51).

A Igreja, como sinal do amor de Deus e da vocação à unidade humana, propõe um humanismo integral e solidário, alinhado ao desígnio divino. Esse humanismo busca inspirar uma nova ordem social, econômica e política, fundamentada na dignidade, liberdade, paz, justiça e solidariedade de todas as pessoas. Com efeito, é missão da Igreja alcançar a todos, «Pelo que a Igreja, enriquecida com os dons do seu fundador e guardando fielmente os seus preceitos de caridade, de humildade e de abnegação, recebe a missão de anunciar e instaurar o Reino de Cristo e de Deus em todos os povos» (LG, 5).

A expressão mais profunda do amor de Deus é o perdão, que Jesus demonstrou em toda a sua vida. Não há passagem do Evangelho que não testemunhe esse chamado ao amor que se concretiza no perdão. Mesmo nos momentos finais, ao ser crucificado, Jesus ainda oferece palavras de perdão, «Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem» (Lc 23, 34). Na carta apostólica *Misericordia et Miseria*, o Papa Francisco irá reforçar isso:

Somos chamados a fazer crescer uma cultura de misericórdia, com base na redescoberta do encontro com os outros: uma cultura na qual ninguém olhe para o outro com indiferença, nem vire a cara quando vê o sofrimento dos irmãos. As obras de misericórdia são «artesanais»: nenhuma delas é cópia da outra; as nossas mãos podem moldá-las de mil modos e, embora seja único o Deus que as inspira e única a «matéria» de que são feitas, ou seja, a própria misericórdia, cada uma adquire uma forma distinta. Com efeito, as obras de misericórdia tocam toda a vida da pessoa. Por isso, temos possibilidade de criar uma verdadeira revolução cultural precisamente a partir da simplicidade de gestos que podem alcançar o corpo e o espírito, isto é, a vida das pessoas (MMi, 29).

O pensamento sociopolítico e econômico de Jorge Mario Bergoglio se estrutura em quatro princípios fundamentais. Esses princípios são: o tempo tem primazia sobre o espaço; a unidade deve prevalecer sobre o conflito; a realidade tem mais peso do que a ideia e; o todo é maior que a parte. Nota-se aqui a grande desenvoltura que Francisco teve para abrir diálogo atualizado com toda humanidade. Neste âmbito analisa Pimentel:

A perspectiva temporal abre a comunidade ao diálogo, como busca comum de reconhecimento e consentimento na sociedade. A duração dos processos, a atenção à

---

<sup>37</sup> Cf. Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólicas, *Carta Circular «Alegrai-vos»*, 32.

realidade, a construção da unidade, o acolhimento de todos são dinâmicas que exigem profundo entendimento e, portanto, longos e constantes diálogos.<sup>38</sup>

Esta abordagem está na *Evangelii Gaudium*, publicada ao final do Ano da Fé. O documento reflete os temas discutidos no último Sínodo dos Bispos realizado no Vaticano em 2012, reafirmando a importância desses princípios na missão da Igreja, a nova evangelização para a transmissão da fé<sup>39</sup>.

Uma das contribuições mais significativas da Igreja é a promoção de uma cultura de paz, contrapondo-se a modelos que despersonalizam o ser humano, negam sua individualidade e menosprezam seu potencial criativo e sua liberdade<sup>40</sup>. Em um mundo onde, muitas vezes, a grandeza do ser humano é associada à sua capacidade de conflito e guerra, a Igreja propõe uma visão alternativa, baseada na dignidade da pessoa, na valorização do diálogo e na construção de sociedades mais justas e fraternas (cf. CA, 51). Ao incentivar a paz como um valor fundamental, a Igreja reforça a necessidade de estruturas sociais e políticas que favoreçam a cooperação, o respeito mútuo e a resolução pacífica dos conflitos.

### **1.3. Expressão de Misericórdia capaz de gerar uma Economia**

Somente o amor possui o poder de transformar radicalmente as relações humanas. Nessa perspectiva, qualquer pessoa de boa vontade pode vislumbrar amplos horizontes de justiça e progresso humano fundamentados na verdade e no bem. A lei nova do amor abrange a humanidade toda e não conhece confins (cf. At 1, 8). Neste sentido, o Papa Francisco expande a compreensão do mandamento de não matar:

Assim como o mandamento «não matar» põe um limite claro para assegurar o valor da vida humana, assim também hoje devemos dizer «não a uma economia da exclusão e da desigualdade social». Esta economia mata. [...] O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois deitar fora. Assim teve início a cultura do "descartável", que aliás chega a ser promovida (EG, 53).

Existe ainda, o caráter de responsabilidade da Igreja em relação a formação dos leigos, no que tange a sua doutrina social, pois «a importância fundamental da formação dos leigos, para que com a santidade de sua vida e a força do seu testemunho contribuam para o progresso

---

<sup>38</sup> Álvaro Mendonça Pimentel, «O Tempo é Superior ao Espaço: O Princípio das Mudanças Sociais e Eclesiais, no Magistério de Francisco», *Perspectiva Teológica* 54, n.º 3 (2022): 683, <https://doi.org/10.20911/21768757v54n3p683/2022>.

<sup>39</sup> Cf. Alex Villas Boas, «A dimensão social da evangelização na *Evangelii Gaudium* e o discernimento da caridade», *Revista de Cultura Teológica. ISSN (impresso) 0104-0529 (eletrônico) 2317-4307* 22, n.º 84 (2014): 19, <https://doi.org/10.19176/rct.v22i84.21636>.

<sup>40</sup> Cf. Pimentel, «O Tempo É Superior Ao Espaço».

da humanidade» (CDSI, 10). Visando sempre, o desenvolvimento integral de todo homem e do homem todo.

É preciso construir um novo modelo de sociedade, baseado na justiça e na solidariedade. Os líderes devem buscar inspiração em valores transcendentais para promover o bem-estar de todos. O Papa vai, na *Evangelii Gaudium*, desmantando os conceitos, ou “preconceitos”, presentes na Igreja e sociedade, que parece estar formatada numa lógica desencarnada, assim afirma:

É indispensável que os governantes e o poder financeiro levantem o olhar e alarguem as suas perspetivas, procurando que haja trabalho digno, instrução e cuidados de saúde para todos os cidadãos. [...] Estou convencido de que, a partir de uma abertura à transcendência, poder-se-ia formar uma nova mentalidade política e económica que ajudaria a superar a dicotomia absoluta entre a economia e o bem comum social (EG, 205).

Assim como nas Encíclicas *Laudato Si'* e *Fratelli Tutti*, em que o Papa Francisco se dirige a crentes e não crentes ao tratar de temas fundamentais para toda a humanidade, o documento Economia de Francisco também busca um diálogo amplo e inclusivo. Seu objetivo é envolver diferentes tradições religiosas e visões do mundo laico, promovendo uma reflexão coletiva sobre uma economia mais justa, sustentável e centrada na dignidade humana. Desta forma, os jovens Afonso e Rita que participaram do grandioso projeto do Papa Francisco afirmam: «A Economia de Francisco é uma economia que já é, mas que ainda não está completa. Nesse sentido, é profética. Não é utopia porque a construção de uma economia que cuida de tudo e de todos [...], desejo de transformação é superior ao tempo e ao espaço».<sup>41</sup> A proposta da Economia de Francisco é, portanto, uma economia profética, um instrumento que visa o desenvolvimento integral da pessoa.<sup>42</sup> Articula uma reflexão sobre a ciência econômica e as práticas de gestão.

Francisco também aponta para a importância da oração, «Sem Jesus, as nossas orações correriam o risco de se reduzir a esforços humanos, na maioria das vezes destinados ao fracasso».<sup>43</sup> O Papa faz uso de uma catequese profunda, capaz de causar provocações interiores para as realidades tristes da atualidade, «Mas ele tomou sobre si cada grito, cada gemido, cada júbilo, cada súplica. E não esqueçamos o Espírito Santo que ora em nós, é Ele que nos leva a orar, leva-nos a Jesus».<sup>44</sup>

Recriar uma economia à luz das ideias de Francisco e de Clara, o Papa Francisco faz assim, uma provocação direta às lógicas dos sistemas econômicos vigentes, que em certa

---

<sup>41</sup> Afonso Espregueira e Rita Sacramento Monteiro, «Economia de Francisco: uma nova visão para a economia», *Brotéria* 196, n.º 1 (2023): 30.

<sup>42</sup> Cf. Espregueira e Monteiro, «Economia de Francisco: uma nova visão para a economia», 31.

<sup>43</sup> Francisco, *Catequese sobre a Oração*, ed. José António Correia Pereira (Braga: Editorial Franciscana, 2021), 72.

<sup>44</sup> Francisco, *Catequese sobre a Oração*, 72.

medida causa exclusão. A economia de Francisco pretende agir sobre a realidade; superar a análise econômica científica. A humanidade percebe, de forma cada vez mais clara, estar unida por um destino comum, que exige responsabilidades compartilhadas. Esse compromisso deve ser inspirado por um humanismo integral e solidário, fundamentado na necessidade de uma consciência moral mais profunda e coletiva. «A dimensão teológica revela-se necessária para interpretar e resolver os problemas atuais da convivência humana» (CA, 55).

É oportuno realçar que a rica tradição da Igreja, expressa em sua Doutrina Social, reflete um constante esforço para aplicar os ensinamentos de Cristo às realidades sociais, buscando promover a justiça e a paz (cf. CDSI, 8).

### *1.3.1. A Misericórdia em ação*

A cultura de misericórdia deve ser fomentada, baseada no acolhimento e na compaixão, onde ninguém seja ignorado ou deixado à margem, «É próprio de Deus usar de misericórdia e, nisto, se manifesta de modo especial a sua onnipotência».<sup>45</sup> As obras de misericórdia, singulares em sua expressão, refletem a infinita criatividade do amor de Deus, tomando formas diversas, mas sempre enraizadas na mesma essência: a misericórdia que transforma e humaniza. «As obras de misericórdia são “artesanais”: nenhuma delas é cópia da outra; as nossas mãos podem moldá-las de mil modos e, embora seja único o Deus que as inspira e única a “matéria” de que são feitas» (MMi, 20). Sendo a misericórdia uma ação concreta do amor que, perdoando, transforma e muda a vida. É assim que se manifesta o seu mistério divino. Deus é misericordioso (cf. Ex 34, 6), a sua misericórdia é eterna (cf. Sal 136/135), atravessando todas as gerações, ela abraça cada pessoa que confia no Senhor e transforma-a, dando-lhe a sua própria vida (cf. MMi, 7).

A prática da misericórdia, através de pequenos gestos, pode gerar uma profunda transformação social, pois a misericórdia divina não conhece barreiras, «Não há limites para a misericórdia de Deus» (CCE, 1864). A Igreja tem o chamado de sair da indiferença e promover uma cultura de solidariedade, onde cada pessoa seja valorizada e acolhida (cf. MMi, 20). No Evangelho, encontra-se Jesus a clarificar a presença dos pobres, e se identificou com cada um deles, «Os pobres, sempre os tendes convosco» (Jo 12, 8).

Na ótica do Papa Francisco, apenas conseguirá alcançar os objetivos desta nova lógica do «tudo está interligado», se antes, ou junto, houver uma conversão para a ecologia integral, conversão de espiritualidade inclusive:

---

<sup>45</sup> Tomás de Aquino, *Suma de Teologia*, VII (Loyola, 2002) II.II, q. 30, a.4.

A contribuição do cristianismo para uma construção da ecologia integral, onde «tudo está interligado», incide em uma espiritualidade ecológica. E destaca a importância de uma visão ampliada de sociedade, para além dos cristãos, ou seja, para com os homens e mulheres de boa vontade. Isso quer dizer, fora da humanidade mesma, como antecipação do Reino, não haverá salvação.<sup>46</sup>

A Igreja está debruçada sobre a humanidade e as suas necessidades com “infinita bondade”, uma vez que propõe um novo tipo de humanismo, centrado no Deus-Pai, em Cristo e no Espírito Santo, um humanismo cristão sob o qual a doutrina social da Igreja está intimamente integrada. Analogamente, o Concílio Vaticano II baseia-se nesse novo humanismo cristão, exposto na *Gaudium et Spes*, colocando a Igreja em diálogo com o mundo. Tendo um diálogo que as duas partes escutam e falam, «A Igreja aceita e recebe os valores, objetivos e conquistas da atividade humana no mundo. Ao mesmo tempo, oferece ao mundo a luz da Palavra de Deus, na qual o significado e o sentido de toda a realidade se tornam compreensíveis».<sup>47</sup> O homem precisa de Deus para conviver bem, a sociedade somente é capaz de ter êxito com a presença divina, e é papel da Igreja garantir esta apresentação.<sup>48</sup>

A Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa. A Esposa de Cristo assume o comportamento do Filho de Deus, que vai ao encontro de todos sem excluir ninguém. No tempo atual, no qual a Igreja está comprometida na nova evangelização, o tema da misericórdia exige ser reproposto com novo entusiasmo e uma ação pastoral renovada. É determinante para a Igreja, e para a credibilidade do seu anúncio, que viva e testemunhe, ela mesma, a misericórdia. A sua linguagem e os seus gestos, para penetrarem no coração das pessoas e desafiá-las a encontrar novamente o caminho para regressar ao Pai, devem irradiar misericórdia.

A primeira verdade da Igreja é o amor de Cristo. E, deste amor que vai até ao perdão e ao dom de si mesmo, a Igreja faz-se serva e mediadora junto dos homens. Por isso, onde a Igreja estiver presente, aí deve ser evidente a misericórdia do Pai. Nas paróquias, nas comunidades, nas associações e nos movimentos – em suma, onde houver cristãos –, qualquer pessoa deve poder encontrar um oásis de misericórdia» (MV, 12).

As comunidades de fé são interpeladas a tornar-se instrumentos da ação libertadora de Deus em favor dos pobres, promovendo sua plena integração na vida social. Tal compromisso exige escuta sensível ao clamor dos que sofrem e resposta concreta de solidariedade e justiça. Neste sentido, cada fiel é exortado pelas sagradas escrituras, quanto a sua missão neste mundo,

---

<sup>46</sup> Moisés Furmann e Olmaro Paulo Mass, «Da Ética à Prática da Solidariedade segundo a *Laudato Si*», *Revista Opinião Filosófica* 11 (agosto de 2020): 16, <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v11.980>.

<sup>47</sup> Martin Schlag, ed., *Manual da Doutrina Social da Igreja: um guia para cristãos no mundo*, trad. José de Bragança (Princípios, 2018), 12.

<sup>48</sup> Schlag, *Manual da Doutrina Social da Igreja: um guia para cristãos no mundo*, 12.

que diz: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a boa-nova aos pobres» (Lc 4,18; cf. Is 61,1), inclusive no próprio Evangelho. Dessa forma, a pobreza adquire um valor teológico e humano de grande nobreza na compreensão do Papa Francisco. Os pobres não são apenas aqueles a quem se deve socorrer ou assistir, mas tornam-se também sujeitos ativos da evangelização, capazes de anunciar o Evangelho com autenticidade e força transformadora — como observa de modo profundo Étienne Grieu: «a pobreza deixa de ser apenas um estado social e passa a ser uma mediação teológica: o lugar onde Deus fala e se revela. Os pobres tornam-se, portanto, intérpretes do Evangelho, e não meros ouvintes».<sup>49</sup> Francisco afirma esta realidade na *Evangelii Gaudium* «Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade» (EG, 187).

### 1.3.2 Frutos da Doutrina do Papa Francisco

É importante reconhecer que a evangelização é um processo essencialmente mútuo. Cada homem e cada mulher precisam ser continuamente evangelizados, permitindo que o encontro com o outro se torne ocasião de crescimento na fé e no amor. Isso não implica renunciar à missão de evangelizar, mas vivê-la com humildade e abertura, reconhecendo a necessidade constante de também ser guiado e instruído. O Papa Francisco enfatiza que a autêntica ação evangelizadora exige persistência e paciência no diálogo, pois conquistar o assentimento do outro não é um ato de imposição, mas fruto de um testemunho coerente e de uma escuta respeitosa: «A nossa imperfeição não deve ser desculpa; pelo contrário, a missão é um estímulo constante para não nos acomodarmos na mediocridade, mas continuarmos a crescer. O testemunho de fé, que todo o cristão é chamado a oferecer» (EG, 121).

Para tanto, antes de abordar questões essenciais da evangelização, é importante considerar o contexto em que atuamos. Atualmente, segundo o Papa Francisco, há um «excesso de diagnóstico» sem soluções concretas, assim como análises sociológicas que tentam ser neutras, mas são limitadas. O objetivo aqui é um discernimento evangélico, um olhar inspirado pelo Espírito Santo, «O que quero oferecer situa-se mais na linha de um discernimento evangélico. É o olhar do discípulo missionário que «se nutre da luz e da força do Espírito Santo» (EG, 50).

Em suma, a importância da doutrina social da Igreja, que deve ser integral e conectada à realidade concreta das pessoas, buscando o bem comum, a justiça e o cuidado com os mais necessitados. A teologia é vista como uma reflexão crítica e engajada, que valoriza a experiência

---

<sup>49</sup> Étienne Grieu, «Ricevere la buona notizia dai più poveri», *La Civiltà Cattolica* IV, n.º 4185 (2024): 18.

do povo e que busca superar o individualismo, o fundamentalismo e a indiferença. Assim trabalha Macarri: «A oposição se resolve em um plano superior. A tensão permanece, não se anula. Não é negando-os que se superam os limites. As oposições ajudam. A vida humana é estruturada de forma opositiva».<sup>50</sup>

O discernimento, a misericórdia e o diálogo são apresentados como elementos essenciais para uma Igreja que se coloca a serviço do Reino de Deus. Desta conjugação bem aborda Figueiredo: «importa ainda sublinhar que o discernimento acontece na memória histórica, como ato da Tradição, num quadro antropológico-cultural concreto».<sup>51</sup>

A figura do Papa Francisco emerge como um líder que promove essa visão, propondo uma nova forma de fazer pastoral que esteja atenta aos sinais dos tempos e à promoção da fraternidade e da amizade social, «A caridade, o laço da amizade social e, sobretudo, o amor aos abandonados não são gestos pontuais da forma evangélica de vida, mas seu centro».<sup>52</sup> A encarnação de Cristo é a chave para compreender a relação entre o humano e o divino e o amor como o centro do anúncio da Boa Nova. O amor de Cristo reclama a correspondência do ser humano.

---

<sup>50</sup> Maccari, «A contribuição do Papa Francisco à Doutrina Social da Igreja: um percurso de posicionamentos sócio político-econômico», 141.

<sup>51</sup> Luís M. Figueiredo Rodrigues, *E a Palavra continua a encarnar* (Escritos [Ed.Autor], 2021), 133.

<sup>52</sup> Pimentel, «O Tempo É Superior Ao Espaço», 689.

## 2. ALBINO ALVES DA CUNHA E SILVA

O menino Albino Alves da Cunha e Silva nasceu a 22 de setembro de 1882,<sup>53</sup> na freguesia de Codeçoso, pertencente ao então Arciprestado de Celorico de Basto, no seio da Arquidiocese de Braga, um território de acentuada tradição católica e de profundas raízes culturais do norte de Portugal. O nascimento de Albino deu-se num contexto familiar que combinava solidez moral, tradição religiosa e estabilidade socioeconómica,<sup>54</sup> características que, de certo modo, viriam a moldar a sua sensibilidade vocacional e a predisposição para os valores do serviço e da fé.

Na conjuntura que nascera e crescera Albino, nos fins do século XIX e os primeiros anos do século XX, Portugal atravessava um período de intensas transformações políticas e sociais, marcado pela crise da monarquia liberal, o avanço do republicanismo e o fortalecimento do anticlericalismo. Foi num ambiente rural profundamente católico, mas já sob os efeitos de uma crescente oposição entre Estado e Igreja, no qual o menino Albino cresceu e formou-se. A expulsão das ordens religiosas, a fragilidade dos seminários e a vigilância do Estado sobre as instituições eclesiais limitaram a ação da Igreja. Ordenado em 1905, Albino iniciou o seu ministério num contexto cada vez mais hostil à religião, culminando, poucos anos depois, com a Proclamação da República (1910) e a promulgação da Lei da Separação (1911), que impôs sérias restrições à Igreja. O seu percurso refletiu, assim, os desafios vividos por muitos sacerdotes da época, chamados a manter a fé e a ação pastoral num cenário de crescente secularização e conflito ideológico.

Refugiou-se no Brasil, tendo chegado ao Rio de Janeiro em 21 de setembro de 1912. Como padre, ele passou por Jaboticabal, Jaú e Barra Bonita, comunidades pertencentes à Diocese de São Carlos dos Pinhais. Depois deste trajeto, chegou em Catanduva, onde permaneceu desde 28 de abril de 1918 até à sua morte, em 19 de setembro de 1973, aos 91 anos de idade – porém o seu sepultamento deu-se a 21 de setembro.<sup>55</sup> Com fama de santidade teve o processo de beatificação aberto desde 05 de março de 2013, concluindo-se em 26 de outubro de 2014.<sup>56</sup> Tendo sido, em 20 de fevereiro de 2021, declarado venerável pela Santa Sé.

---

<sup>53</sup> Cf. Zdzislaw Josef Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, ed. Congregatio de Causis Sanctorum, com Paolo Vilotta e Gaetano Passarelli (Nova Res, 2017), 206 Doc. 2. O material denominado Positio está amplamente referenciado neste capítulo, assim, utiliza-se a citação específica do documento referido, para além da paginação.

<sup>54</sup> Cf. Victor Rodrigues de Assis, *Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva*, 2.<sup>a</sup> ed., com Synval Januário (Tipografia São Domingos, 1987), 15.

<sup>55</sup> Cf. «100 anos de chegada do Padre Albino a Catanduva», *Fundação Padre Albino 100 anos*, 2018, <http://fundacaopadrealbino.saude.ws/100anos/padre-albino/historia>.

<sup>56</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 269.

## 2.1. Uma família de valores

Era filho de Avelino Alves da Cunha e Silva e de Anna Joaquina da Mota e Andrade, os quais haviam contraído matrimônio em 12 de junho de 1879, na Paróquia de Santo André de Codeçoso,<sup>57</sup> sob presença do pároco local, padre Cláudio Alves Cardoso, o casal era pertencente a uma camada social respeitada na região, não apenas pela posição financeira confortável, mas sobretudo pela reputação ética e pelos valores religiosos que orientavam o cotidiano familiar.<sup>58</sup>

O senhor Avelino e a senhora Anna Joaquina provinham de famílias enraizadas na tradição agrícola do norte de Portugal, oriundos de uma linhagem marcada pelo trabalho diligente, pela administração prudente dos bens e pelo apego à terra. Ambos eram proprietários rurais de relevo na freguesia de Codeçoso, exercendo a atividade agrícola com espírito de iniciativa e sentido de responsabilidade, o que lhes granjeou não apenas uma posição social respeitável, mas também uma fortuna considerável, fruto da gestão estável e continuada do patrimônio fundiário. Conforme comprova o atestado de matrimônio deles:

elle de idade de vinte annos e oito mezes, solteiro, la-rador, proprietario, natural d'esta freguezia, morador no logar D'Esfrariz, filho legitimo de Luis Marinho Basto e Roza Eufrazia da Cunha e Silva, proprietaria, naturaes elle de Santa Tecla, ella d'esta freguezia; ella de idade de vinte e quatro anos e onze mezes, solteira, lavadeira, proprietaria, natural d'esta freguezia, moradora no logar d'Aldeia de Baixo, filha legitima de Domingos da Motta Andrade e D. Rita Maria Dias da Motta, lavradores, proprietarios, naturaes elle d'esta freguezia, ella da freguezia de São Pedro de Britello, os quais nubentes se receberam por marido e mulher e os uní em matrimonio.<sup>59</sup>

A sua condição de lavradores abastados colocava-os entre a elite rural local, numa sociedade em que a posse da terra representava não apenas riqueza material, mas também prestígio e influência social. Essa circunstância conferia à família um papel relevante na vida econômica e comunitária da região, sendo reconhecida não só pela prosperidade, assim retrata Vaquinhas «Na sociedade rural, [...] a propriedade fundiária, não representava apenas um instrumento de produção e um investimento seguro, mas era condição de acesso a um estatuto social e a uma posição prestigiada no seio da comunidade rural».<sup>60</sup> Persistiam, entretanto, pela honradez, pela fé cristã vivida com seriedade e pelo contributo ativo para o bem-estar da paróquia.

A casa dos Cunha e Silva destacava-se como um espaço de convivência ordenada, marcada pela observância dos preceitos cristãos e através do apreço pela educação, valores

---

<sup>57</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 205 Doc. 1.

<sup>58</sup> As citações de textos em língua estrangeira foram traduzidas pelo autor. Do original italiano.

<sup>59</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 205.

<sup>60</sup> Vaquinhas Irene, «O Campesinato», em *História de Portugal*, ed. José Mattoso, O Liberalismo (1807-1890) (Círculo de Leitores, 1993), 5:481.

fundamentais que se refletiam tanto na vida doméstica quanto na inserção da família na dinâmica comunitária local. Em ocasião dos 50 anos de sacerdócio Padre Albino revelou:

A vila ou aldeia onde nasci, poderia ter, então, umas duzentas famílias e algumas delas muito pobres. Meus pais davam, diariamente, em minha casa, almoço ou jantar a uns cinco ou seis dêsses pobres e, enquanto êles esperavam a comida, eu nunca deixava de conversar e de ouvir as lamúrias, as lamentações desses velinhos e velinhas. Criado e formado nêsse ambiente de miséria alheia, o meu coração ficou naturalmente inclinado ao amor à pobreza. Eis o que pode fazer o bom exemplo dado às crianças!<sup>61</sup>

Os valores cristãos, pelos quais os Cunha e Silva se norteavam, contrastam a certa medida com os da burguesia efêmera da época, como pode referir-se Vaquinhas e Cascão: «os valores e preocupações da burguesia oitocentista [...] articulam-se à volta de três ideias-força: a importância das relações familiares, concedendo-se a família como a célula-base da sociedade, o papel desempenhado pela educação e boas maneiras e, finalmente a valorização do ócio e do lazer».<sup>62</sup> Pois os pais de Albino eram gente de fé e de muito trabalho, quase não havia espaço para ócio e o lazer.

### 2.1.1. *Um menino do Minho*

Dessa união nasceu, a 22 de setembro de 1882, o primeiro filho varão, Albino, que foi batizado seis dias depois, no dia 28 de setembro, na mesma igreja paroquial de Santo André.<sup>63</sup> Avelino e Anna Joaquina cultivavam uma religiosidade profunda, enraizada nas práticas tradicionais da Igreja, e transmitiam aos filhos os valores cristãos e a dedicação à fé. Dos dez filhos que tiveram, apenas seis chegaram à idade adulta, dois homens e quatro mulheres. Nenhuma das filhas contraiu matrimônio, optando por dedicar-se integralmente à família e ao serviço religioso.<sup>64</sup>

Permeado de amor familiar, este ambiente, ofereceu ao jovem Albino uma base sólida para o seu desenvolvimento intelectual e espiritual. Ainda que mais tarde viesse a enfrentar dilemas vocacionais, em particular a vontade inicial do pai que espera que ele seguisse a tradição da família de ser advogado. O *ethos* familiar que o formou desde a infância revelou-se determinante na sua formação moral e na orientação do seu percurso futuro. A sua infância, passada num meio rural estruturado em torno da vida paroquial, permitiu-lhe desde cedo o

---

<sup>61</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 246.

<sup>62</sup> Vaquinhas Irene e Rui Cascão, «Evolução da Sociedade em Portugal», em *História de Portugal*, ed. José Mattoso, O Liberalismo (1807-1890) (Círculo de Leitores, 1993), 5:449.

<sup>63</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 206.

<sup>64</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 101–9 Testemunho IV: António Alvaro da Cunha e Silva.

contato direto com os ritmos da liturgia, as expressões da piedade popular e a centralidade da Igreja na vida social da comunidade.<sup>65</sup>

Sobre o primogénito Albino recaíam grandes expectativas, conforme ditava a tradição familiar, segunda a qual o primeiro filho varão detinha especial relevância social e afetiva, «Ele se aproximou e beijou o pai, que respirou o odor de suas roupas. Ele o abençoou» (Gn 27, 27a). O pai aspirava que ele seguisse a carreira jurídica, à semelhança do que fizera, influenciado por seu próprio pai, o senhor Luís Marinho Basto, uma família de juristas.<sup>66</sup> Para tal, matriculou-o no liceu de Amarante, cidade onde a família possuía vastas propriedades, a fim de que iniciasse uma formação sólida e compatível com o projeto paterno.

Contudo, o próprio Albino, viria a relatar um percurso interior inesperado. Nesse testemunho, prestado como homenagem à sua mãe e, simbolicamente, a todas as mães cristãs, ele recordou como se consolidaram nele as motivações espirituais que o levaram a optar pelo sacerdócio, as orações constantes, embora silenciosas, de sua mãe, Anna, disse ele: «Nunca deixava de rezar à noite, o terço com a família e com os empregados. Certamente, ela gostaria de ter na família um filho sacerdote, mas ela nunca demonstrou isso, ostensivamente».<sup>67</sup>

#### 2.1.1.1 Portugal um país que surge com e pela Igreja

A Igreja Católica tem uma presença profundamente enraizada na história e na cultura de Portugal, moldando a identidade do país desde a sua fundação. A sua influência manifestou-se em diversos aspetos, desde a política e a educação até a arte e às tradições populares.

A Santa Sé teve um papel crucial na formação do reino de Portugal. No tocante a Braga, como afirma Rui Ferreira: «os seus arcebispos foram sempre os primeiros apoiantes do surgimento da nova nação»,<sup>68</sup> sendo autores morais do reconhecimento papal do novo reino. Concretizado em 1179, quando Alexandre III, através da Bula *Manifestis Probatum*,<sup>69</sup> reconhecendo Afonso Henriques como o primeiro rei de Portugal, e reconhece Portugal como reino. D. Afonso Henriques já utilizava o título real e já havia sido reconhecido, em 1143, como rei, por Afonso VII de Leão e Castela. É de salientar que o papa Lúcio II, em 1144, com a bula *Devotionem tuam* – que chega em resposta à carta de vassalagem *Claves regni coelorum* –

---

<sup>65</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 171–73 Testemunho XXIV: Elisa Etelvina Coelho Barbosa Gomes da Cunha e Silva.

<sup>66</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 102 Testemunho IV.

<sup>67</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 245–47 Doc. 30.

<sup>68</sup> Rui Ferreira, *Braga: Trilhos Bragueses* (Ponto Braguez, 2021), 124.

<sup>69</sup> Cf. «Bula Manifestis Probatum», arquivos.dglab.gov.pt, Arquivos DGLAB, acedido 4 de fevereiro de 2025, [https://arquivos.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/16/2013/12/Bula-Manifestis-Probatum.pdf?utm\\_source=chatgpt.com](https://arquivos.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/16/2013/12/Bula-Manifestis-Probatum.pdf?utm_source=chatgpt.com).

referiu-se a Afonso Henriques sempre com o título de duque, nunca o chegando a reconhecer como rei.<sup>70</sup> Anteriormente, o futuro primeiro rei de Portugal, ampliou o couto de Braga, em favor do arcebispo Dom Paio Mendes, com a doação de novas terras. Este ato foi realizado em Braga, onde o Infante D. Afonso Henriques, prometeu ao arcebispo direitos sobre várias vilas e lugares, como refere Marques:

Pouco mais de duas décadas decorridas, a menos de um mês do enfrentamento dos partidários de D. Afonso Henriques com os apoiantes de sua mãe, a rainha D. Teresa, o Infante, nosso futuro primeiro rei, em 27 de Maio de 1128, ampliou ao arcebispo D. Paio Mendes o couto de Braga com a doação de novas terras e os direitos arquiiepiscopais e doações.<sup>71</sup>

Ordens religiosas, como os Templários e Hospitalários, foram fundamentais no apoio militar e espiritual durante a Reconquista. A Igreja também foi uma força motriz na expansão marítima portuguesa, com o objetivo de evangelizar novos povos. O Padroado Real permitia à Coroa portuguesa uma forte intervenção na organização eclesiástica das novas terras.<sup>72</sup>

#### 2.1.1.2 Celorico de Basto pela via eclesiástica

Com uma existência que antecede a própria nacionalidade portuguesa, o Concelho de Celorico de Basto é, atualmente, composto por quinze freguesias, resultado da reorganização administrativa que levou à fusão e agregação de algumas delas. Anteriormente, recebeu um especial tratamento pelo reinado com a emissão de um foral de privilégios. Assim consta nos anais da história: «Celorico de Basto recebeu o Foral em 29 de março de 1520, [...] sua assinatura pelo Rei D. Manuel I, sendo, portanto, claramente um documento notável de inegável interesse histórico».<sup>73</sup>

Na altura do advento de Padre Albino, o concelho era constituído por vinte e duas freguesias e três vilas. O município pertence ao distrito de Braga, integrando a região Norte e a sub-região do Tâmega e Sousa.<sup>74</sup>

A Igreja de Braga, que por sua vez é, seguramente, a mais antiga da Península Ibérica, permitindo, inclusive, que o seu arcebispo metropolitano utilize o título Primaz das Espanhas. Ela está subdividida em arciprestados, que são agrupamentos de paróquias dentro de uma determinada área geográfica, (cf. Cân 553). Essa divisão visa facilitar a coordenação e a ação

---

<sup>70</sup> Cf. José Marques, «A presença da Igreja na história militar Portuguesa das origens aos finais do século XIV», *História: Revista Da Faculdade De Letras Da Universidade Do Porto*. 8 (1991): 14-15.

<sup>71</sup> Marques, 13.

<sup>72</sup> Cf. Marques, «A presença Da Igreja Na história Militar Portuguesa Das Origens Aos Finais Do século XIV», 27.

<sup>73</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 325.

<sup>74</sup> Cf. José Manuel Ferreira Fernandes, *Pela Nossa Terra: Minho 2022* (Grupo do Partido Popular Europeu, 2022), 104.

pastoral da Igreja junto das comunidades locais. Atualmente a Arquidiocese de Braga, está organizada pastoralmente em 13 arciprestados.<sup>75</sup> Um destes é o de Celorico de Basto - precisamente onde está situada a paróquia de Codeçoso, comunidade originária do Padre Albino. Todavia, nem sempre foi assim: a atual configuração foi, mormente, estabelecida em 1916, sob a liderança do arcebispo Dom Manuel Vieira de Matos, já com uma orientação pastoral.<sup>76</sup>

Na época em que o Padre Albino residia em Codeçoso, a organização eclesiástica seguia a divisão instituída em 1713, que criara dez arciprestados com funções de auxiliares judiciários, com o intuito de aliviar a carga da Relação Eclesiástica de Braga. Esta divisão dos arciprestados, foi consequência de um sínodo, presidido pelo arcebispo Dom Rodrigo Moura Teles, no intuito de dar vazão ao grande número de causas que moviam, no contexto do juízo eclesiástico.<sup>77</sup> Essa estrutura foi concebida durante o período da monarquia, no contexto da Divisão Judicial do Reino.

A Igreja portuguesa passa por uma nova ordem canónico-jurídica, após 1834, com o fim do Antigo Regime, na qual se verificou uma acentuada desorganização administrativa e pastoral na Igreja, marcada pelo colapso das antigas comarcas eclesiásticas e das 39 visitas. Este cenário foi agravado pela crescente intervenção do Estado liberal – que se dizia representativo e democrático – influenciado pelas correntes do iluminismo e do regalismo, bem como pelo cisma que perdurou até 1841. Nesse contexto, o Vigário Capitular cismático, considerado intruso, introduziu na Arquidiocese de Braga um modelo baseado nas estruturas civis judiciais. Assim, em cada Julgado foi criado um Arciprestado, que assumia várias funções anteriormente desempenhadas pelos visitantes e vigários-gerais. No entanto, não foi criado um arciprestado para Celorico de Basto. As freguesias que hoje compõem o concelho foram repartidas entre os arciprestados de Amarante (cinco freguesias), Cabeceiras de Basto (oito) e Fafe (nove).<sup>78</sup>

Apesar dessa reestruturação, o sistema não funcionou de forma eficaz até cerca de 1859/60. Só a partir dessa altura se verificou um controlo mais efetivo por parte dos arciprestes sobre os párocos e as paróquias, embora ainda com várias lacunas, como demonstra a ausência de vistos e registos ao longo de anos consecutivos.

---

<sup>75</sup> Cf. «Arquidiocese de Braga: Apresentação», 2025, <https://www.diocese-braga.pt/index.php/apresentacao>.

<sup>76</sup> Cf. António Franquelim Sampaio Neiva Soares, Albano Fernandes Costa e Armandino Pires Lopes, «Das Grandes Divisões Administrativas da Arquidiocese aos Arciprestados Oitocentistas», em *Arciprestado de Celorico de Basto* (Arciprestado de Celorico de Basto, 2017), 15–19.

<sup>77</sup> Cf. Soares, Costa e Lopes, 26.

<sup>78</sup> Cf. Soares et al., «Das Grandes Divisões Administrativas da Arquidiocese aos Arciprestados Oitocentistas», 37.

Em 1882, com a remodelação das dioceses da Metrópole, que visava a sua redução, o Arciprestado de Amarante foi transferido para a Diocese do Porto. As suas cinco freguesias foram então novamente redistribuídas: Gémeos passou para Cabeceiras de Basto, enquanto Arnoia, Codeçoso, Moreira do Castelo e Santa Tecla passaram para o Arciprestado de Fafe.<sup>79</sup>

### 2.1.1.3 A Igreja portuguesa padece em meio a revolução

Inseridos no ideário cultural, político e social de republicanização e da nacionalização do Estado e da sociedade, os primeiros governos da Primeira República Portuguesa deram início a um vasto e ambicioso processo de laicização, muitas vezes marcado por derivações radicais para o laicismo e o secularismo, heranças diretas da modernidade política europeia do século XIX. A força do liberalismo, entrou com força avassaladora em Portugal, e tudo o que pudesse ser modificado para esta implementação, os seus agentes o fizeram, e tiveram toda audácia de mexer bruscamente com a Igreja, como refere Vítor Neto:

Nas décadas iniciais do liberalismo, muitos padres mantiveram a sua fidelidade [...] e mobilizaram os diferentes estratos da população rural [...], contra a implantação da nova ordem política. [...] Os liberais tiveram, assim, de abandonar temporariamente o seu projeto de redução do número de dioceses.<sup>80</sup>

Faz todo sentido, regressar a um período trágico, quando da assinatura do decreto de extinção das ordens religiosas, o qual foi promulgado após a vitória liberal na Guerra Civil Portuguesa (1828–1834), com o objetivo de secularizar os bens da Igreja e fortalecer o Estado. Liderado por Joaquim António de Aguiar, também conhecido com a acunha «mata-frades», o processo resultou na expulsão de religiosos, confisco de patrimônios e transformação de edifícios religiosos em espaços públicos. A medida teve grande impacto na relação entre Estado e Igreja, marcando o início de um período de laicização e reorganização do território português. Sobremaneira destaca Vítor Neto:

Joaquim António de Aguiar deu o golpe decisivo na Igreja de Antigo Regime, ao extinguir as ordens religiosas masculinas (30 de maio de 1834) e ao nacionalizar os seus bens [...] o movimento de instauração do liberalismo acabou por ter efeitos profundos no interior do aparelho eclesiástico e na classe paroquial, que se cindiu.<sup>81</sup>

Sobre a história, escrita ou oral, adota-se, frequentemente, uma perspectiva ideológica, levando a interpretações precipitadas do passado. O seu foco principal torna-se a legitimação de ideias presentes e futuras e não a compreensão da realidade passada, que é, em si, inatingível. Não é diferente no período tocante da implementação da República Portuguesa de 1910. É,

<sup>79</sup> Cf Soares et al., «Das Grandes Divisões Administrativas da Arquidiocese aos Arciprestados Oitocentistas», 37.

<sup>80</sup> Vítor Neto, «O Estado e a Igreja», em *História de Portugal*, ed. José Mattoso, O Liberalismo (1807-1890) (Círculo de Leitores, 1993), 5:268.

<sup>81</sup> Neto, «O Estado e a Igreja», 267–68.

pois, necessária uma leitura reflexiva dos acontecimentos, para evitar julgamentos injustos, neste sentido, judiciosas são as palavras do bispo Manuel Clemente:

A tónica ideológica ou convicta da história que se escreve, como das histórias que se contam, origina frequentemente leituras apressadas das memórias que restam, mais para legitimar posições actuais e futuras do que para compreender, quanto possível, a realidade passada, também irrecuperável, em termos absolutos.<sup>82</sup>

O movimento de republicanização inseria-se no quadro mais amplo de transição do regime monárquico para uma república laica, racionalista e centralizadora, assumindo como prioridade a reorganização da autoridade do Estado, tanto nos domínios da força física quanto nos domínios do capital simbólico. Ernesto Castro Real escreve a este respeito: «A mundividência laica, por vezes laicista, manifestou-se após a revolução de 5 de outubro de 1910 na invenção de “lugares de memória simbólicos”». <sup>83</sup> Ocorreu, evidentemente, uma horrenda revolução, a qual é muito bem descrita por Rui Ramos, sob direção do historiador José Mattoso:

Na manhã do dia 5 de outubro de 1910, quinta-feira, cerca das 9 horas, alguns membros do directório do Partido Republicano Português entraram no edifício da Câmara Municipal de Lisboa, subiram ao andar superior, vieram à varanda e, perante uma pequena multidão, proclamaram a República. Meia hora antes, no Quartel-General do Rossio, o comandante da 1.ª Divisão Militar, depois de reunir os seus oficiais, concluíra não ter meios para combater os cerca de 2 milhares de soldados e marinheiros revoltados, que desde a manhã do dia 4, continuavam acampados na rotunda do alto da avenida ou dentro dos barcos de guerra, no Tejo. A meio da tarde desse dia 5 de Outubro, na praia da Ericeira, o rei D. Manuel, acompanhado de sua mãe, a rainha D. Amélia, e de sua avó, a rainha D. Maria Pia, embarcou no iate Amélia, onde já estava o seu tio, o infante D. Afonso. O iate levou a família real à colónia inglesa de Gibraltar, donde seguiram para Inglaterra. A monarquia portuguesa conhecia, assim, um fim prosaico, precipitado pela recusa em combater dos oficiais da guarnição de Lisboa.<sup>84</sup>

O Estado republicano reforçou o controle sobre as forças armadas e a segurança pública para garantir lealdade ao novo regime, criando e reorganizando instituições como os «jovens turcos» republicanos, a polícia cívica, a Guarda Nacional Republicana (GNR) e o corpo de voluntários da República. Também promoveu o serviço militar obrigatório, sociedades de instrução militar e missões de propaganda, inclusive nas colónias, visando afirmar a autoridade e os valores republicanos no país e no império.

O processo de laicização foi conduzido de forma autoritária, com o Estado assumindo um papel excessivo na desclericalização da sociedade. Essa imposição de uma lógica laica estrita provocou forte confronto religioso, evidenciando a resistência de uma sociedade ainda profundamente ligada à tradição católica.

---

<sup>82</sup> Manuel Clemente, «Catolicismo português c. 1910», *Povos e Culturas*, n.º 16 (2012): 367, <https://doi.org/10.34632/POVOSECULTURAS.2012.8913>.

<sup>83</sup> Ernesto Castro Leal, *A invenção da nação: Estado e Igreja Católica em Portugal (1910-1926)*, 2, n.º 2 (2020): 61, <https://doi.org/10.34628/22CX-PM60>.

<sup>84</sup> Rui Ramos, «A estranha morte da Monarquia Constitucional», em *História de Portugal*, ed. José Mattoso, A Segunda Fundação (1890-1926) (Círculo de Leitores, 1994), 6:335.

Durante esse período, a Igreja Católica em Portugal estava profundamente fragilizada, especialmente em sua capacidade de acompanhar a modernidade. A expulsão dos Jesuítas em 1759, determinada pelo Marquês de Pombal, enfraqueceu significativamente sua função formativa e intelectual, com o encerramento dos colégios e centros de ensino que antes formavam o clero e a elite letrada. A situação agravou-se com as Invasões Francesas (1807-1811), que provocaram uma desorganização generalizada do país e impactaram negativamente as instituições religiosas, já enfraquecidas. Em 1834, com a extinção das ordens religiosas e a consequente nacionalização dos seus bens, desapareceram mosteiros, conventos, bibliotecas e centros de estudo monástico, comprometendo ainda mais a infraestrutura intelectual da Igreja.<sup>85</sup>

Os seminários diocesanos, em grande parte encerrados ou debilitados, foram reabertos apenas gradualmente e com recursos limitados a partir de meados do século XIX.<sup>86</sup> Como resultado, a Igreja Católica entrou na segunda metade do século enfraquecida culturalmente, com pouca capacidade para enfrentar os desafios ideológicos do liberalismo e do republicanismo.

Fica evidente, assim, que o embate de 1910-1911 não surgiu de forma espontânea, mas inscreve-se numa linha de continuidade histórica: o laicismo e o anticlericalismo que sustentaram parte significativa do ideário republicano haviam sido desenvolvidos e refinados desde a década de 1870, em oposição direta ao clericalismo católico de caráter intransigente, que resistia a qualquer forma de modernização institucional ou de separação entre os domínios do sagrado e do político. Não obstante, não era algo totalmente novo, pois a própria Monarquia não respeitava a Igreja como devia, tal como se pode verificar pela afirmação de Clemente: «Acontecia, porém, que a Monarquia tinha o catolicismo português como coisa sua e assim justificava o controlo que exercia sobre a Igreja».<sup>87</sup>

Ao mesmo tempo, e de forma igualmente estratégica, a Primeira República empenhou-se na politização do capital simbólico, compreendendo que a consolidação do novo regime exigia a construção de uma nova narrativa histórica e identitária. Nesse esforço, foram criados e difundidos novos símbolos nacionais, reinterpretada a memória e a história nacional à luz dos ideais republicanos, reformulado o calendário civil e enaltecidos heróis e figuras ilustres associadas ao republicanismo e ao anticlericalismo. A separação do Estado das Igrejas, decretada em 20 de abril de 1911, foi acompanhada da laicização do ensino público, da introdução da educação cívica nas escolas e da transformação da toponímia nacional,

---

<sup>85</sup> Cf. Clemente, «Catolicismo português c. 1910», 370.

<sup>86</sup> Cf. Clemente, «Catolicismo português c. 1910», 370.

<sup>87</sup> Clemente, «Catolicismo português c. 1910», 371.

substituindo nomes religiosos ou monárquicos por referências ligadas à pátria, à ciência, ao trabalho e à liberdade.<sup>88</sup>

Este foi um processo de engenharia política e simbólica que visava, por um lado, dismantelar as estruturas de legitimidade do Antigo Regime, em particular a aliança histórica entre trono e altar e, por outro, afirmar uma nova ordem baseada na racionalidade secular, na autoridade do Estado republicano e na criação de uma cultura cívica nacional e laica. Muito clarividentes são as palavras de Ernesto Castro Real: «O aprofundamento da secularização fez-se através do culto cívico da pátria e da religiosidade profana estadual, com a finalidade de retirar o controlo simbólico e social da mediação eclesiástica, e até do religioso sagrado, à Igreja Católica».<sup>89</sup> Esta transformação encontrou resistências, especialmente nas zonas rurais e entre as populações mais ligadas à Igreja Católica, mas constituiu um dos eixos centrais do projeto republicano português nas suas primeiras décadas de existência.

Apesar das dificuldades do período, especialmente após a Lei da Separação de 1911 e as consequentes espoliações, a Igreja mostrou resiliência, reestruturando os arciprestados para torná-los mais funcionais e próximos das comunidades, e revitalizando conferências e palestras para a formação do clero e dos fiéis. Assim comenta Clemente: «Positivamente, [...] o mesmo catolicismo demonstrara uma notável capacidade de resistência às medidas republicanas de 1910-1911, pela acção espontânea ou conjugada de clérigos e populações».<sup>90</sup> De facto, parece ter faltado ao catolicismo português uma compreensão do que se passava ao seu redor: a dimensão atroz do anticatolicismo de tantos republicanos. A par disto, ignoraram-se, ainda, o que dizia o papado, concretamente as posições de Leão XIII sobre a questão social e política.<sup>91</sup>

Assim, neste cenário, nasceu e cresceu Albino Alves da Cunha e Silva, podendo resumir as intempéries da implementação da república portuguesa, numa determinada cronologia:

2 de Outubro em Lisboa. Os republicanos marcam a revolução para a 1 hora do dia 4.  
3 de Outubro. Assassinato de Miguel Bombarda. 20h00 Última reunião dos conspiradores na Rua da Esperança.  
4 de Outubro. 0h45-1h15 Revoltas no quartel de Infantaria 16 (Campo de Ourique), Artilharia 1 (Campolide) e quartel da Marinha (Alcântara). 5h00 Acampamento na Rotunda.  
7h00 Cândido dos Reis é encontrado morto. 8h00-9h00 os oficiais do exército abandonam a Rotunda. 10h00 Grupo de 50 manifestantes é recebido a tiro nos Restauradores.  
12h30-16h00 Paiva Couceiro ataca a Rotunda. 14h00 O S. Rafael e o Adamastor bombardeiam as Necessidades. 16h00 A Marinha bombardeia o Terreiro do Paço.  
21h00 O D. Carlos cai nas mãos dos Republicanos.  
5 de Outubro. 6h00-7h00 Duelos de artilharia na Avenida.

---

<sup>88</sup> Cf. Castro Leal, *A invenção da nação*, 63.

<sup>89</sup> Castro Leal, *A invenção da nação*, 63.

<sup>90</sup> Clemente, «Catolicismo português c. 1910», 367.

<sup>91</sup> Cf. Clemente, «Catolicismo português c. 1910», 373.

### 2.1.2. *Vocação: doutor de causas maiores*

Desde os verdes anos, Albino iniciou os estudos primários na cidade de Amarante, revelando desde então uma vocação intelectual precoce. Padre Albino, relatou, com franqueza, que durante a juventude foi atraído pelos ideais do mundo moderno, aspirando ser médico, profissão que, a seu ver, conferia prestígio e destaque social. Nesse período, como ele próprio confessou, deixou-se envolver pelas amizades e pelos “prazeres do mundo”. Argumentava parafraseando sua vida com Santo Agostinho, que na sua obra *Confissões* escreveu: «Eu pecava, porque em vez de procurar em Deus os prazeres, as grandezas, e as verdades, procurava-os nas suas criaturas: em mim e nos outros».<sup>93</sup>

Eu não me considero como um pecador, segundo os dados históricos, semelhantes a Santo Agostinho, mas não deixei de ter as minhas faltas. Tinha ao menos, uma bôa de orgulho. Confiado nos bens paternos, desejava ser um doutor, porque entendia que só essa qualidade me daria nome e posição social e eu queria então ser um grande do mundo!<sup>94</sup>

Após profunda reflexão, decidiu abandonar os projetos seculares e ingressou no Seminário Menor, como etapa preparatória para a entrada, em 1898, no Seminário Conciliar de São Pedro e São Paulo, em Braga. Com determinação, realizou percurso formativo dos Seminários, onde recebeu sólida formação teológica e humanística. A busca vocacional de Albino era incansável; carregava em si uma vocação celeste ao sacerdócio, a semelhança da promessa divina, ilustrada no livro do profeta Samuel: «Eu suscitarei para mim um sacerdote fiel, que agirá segundo o que está no meu coração e na minha mente» (1Sm, 2,35).

A aceitação dessa escolha vocacional por parte do pai foi serena e desprovida de resistência, o que contribuiu para que Albino iniciasse a formação eclesial com plena liberdade interior.<sup>95</sup> Esse percurso inicial revela a influência profunda da matriz familiar, da espiritualidade doméstica e da religiosidade tradicional na constituição da identidade e da missão daquele que, mais tarde, se tornaria uma figura notável da pastoral social e caritativa.

A trajetória formativa do jovem Albino rumo ao ministério sacerdotal decorreu num contexto marcado por instabilidades políticas e por uma crescente tensão entre o Estado e a Igreja, o que, em parte, explica a escassez de documentação relativa ao seu percurso inicial. Os arquivos da Arquidiocese de Braga e dos seminários diocesanos não conservaram os registos

---

<sup>92</sup> Ramos, «A estranha morte da Monarquia Constitucional», 380.

<sup>93</sup> Agostinho, *Confissões* (Livraria Apostolado da Imprensa, 1984), 51.

<sup>94</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 246 Doc. 30.

<sup>95</sup> Cf. Testemunho: Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 102.

completos dos seus estudos primários e secundários, da sua entrada no seminário, bem como da formação filosófica e teológica, uma lacuna atribuída à destruição ou perda de documentos na sequência das convulsões políticas que se seguiram à implantação da República em 1910.

Apesar disso, é possível reconstruir parte do seu percurso a partir de fontes eclesiásticas remanescentes. A 9 de junho de 1903, D. Manuel Baptista da Cunha, Arcebispo de Braga, deu início ao denominado Processo de Gênero, conforme as exigências do Direito Canónico e do regime do Padroado Régio vigente em Portugal. Este processo visava comprovar a “pureza de sangue” cristã – expressão típica do contexto luso-católico – e a ausência de antecedentes criminais ou desonrosos, nomeadamente relacionados com crimes de lesa-majestade, condição indispensável para a ordenação.<sup>96</sup> Após a análise dos elementos recolhidos, D. Manuel emitiu, em 22 de junho do mesmo ano, sentença favorável, declarando Albino apto para receber as ordens sacras e aceder às dignidades eclesiásticas, «Julgamos, portanto, o dito Albino Alves da Cunha e Silva por habilitado para que possa ser promovido a ordens e a todas as mais honras e dignidades ecclesiasticas pelo que respeita a esta sua habilitação canónica».<sup>97</sup>

Seguiu-se, então, o processo de ordenações. Em 15 de agosto de 1903, recebeu a tonsura clerical na capela pública do Paço Arquiepiscopal de Braga, e no dia seguinte foi-lhe conferido o conjunto das Ordens Menores.<sup>98</sup> Na condição de clérigo em *minoribus*, tornou-se necessário constituir o chamado patrimônio eclesiástico, um fundo de subsistência que garantiria, segundo o direito canônico, o seu sustento futuro, nomeadamente em caso de invalidez ou na velhice. Assim, a 13 de abril de 1904, seus pais efetuaram uma doação notarial, formalizada diante do notário Manoel José Leite Maciel, de uma extensa propriedade agrícola situada na localidade de Santa Luzia, freguesia de Britelo, composta por habitações, campos de cereal, vinhas, olivais e pomares. A aprovação final da dotação foi concedida pelo arcebispo a 5 de julho do mesmo ano.<sup>99</sup>

Albino foi sucessivamente ordenado subdiácono em 24 de setembro, diácono a 17 de dezembro, e, por fim, sacerdote a 23 de junho de 1905, sempre pelo arcebispo Dom Manuel Baptista da Cunha, na capela episcopal de Braga.<sup>100</sup> A cerimônia de ordenação ocorreu na Capela do Paço, uma notável obra outrora situada no interior do antigo Paço Arquiepiscopal de Braga, hoje Biblioteca pública de Braga e Reitoria da Universidade do Minho. Esta capela havia

---

<sup>96</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 207.

<sup>97</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 214–15.

<sup>98</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 215., 215.

<sup>99</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 276.

<sup>100</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 215–16.

sido ampliada pelo prelado Dom Rodrigo de Moura Telles em 1708 e, mais tarde, reformulada em 1751 pelo arcebispo Dom José de Bragança, sob a direção artística de André Soares.<sup>101</sup>

A capela, devotada a Nossa Senhora da Conceição, quiçá soubesse o recém-ordenado sacerdote que viria a exercer seu ministério justamente nas terras da Conceição Aparecida, a qual seria proclamada padroeira nacional, «A declaração aconteceu em julho de 1930, pelo Papa Pio XI. No final de 1930, Dom Sebastião Leme tomou a iniciativa de realizar uma festa para a proclamação de Nossa Senhora Aparecida como Padroeira do Brasil».<sup>102</sup> Por conseguinte, infelizmente, a majestosa capela acabou por ser desmantelada em 1921.<sup>103</sup>

Cumpria-se, então, a etapa seguinte da formação: o exercício pastoral prático, alternado com formações complementares. A primeira paróquia que lhe foi confiada foi precisamente a de sua terra natal, Codeçoso, o que constituiu um significativo retorno às origens e uma oportunidade de exercício pastoral junto da comunidade que o vira crescer. Obteve autorização para residir temporariamente na casa familiar, deslocando-se periodicamente a Braga para os cursos suplementares exigidos para o pleno exercício do ministério – tais como pregação, administração dos sacramentos e bênçãos litúrgicas. O jovem presbítero que havia sido nomeado para a sua freguesia de origem, entre finais de 1906 e meados de 1907, obteve permissões reiteradas para ausentar-se da paróquia. Em 23 de setembro de 1906 foi-lhe conferida a administração interina da freguesia; em 25 de outubro de 1907 foi nomeado vigário paroquial. E, em julho de 1908, assumiu formalmente o múnus paroquial como pároco titular.<sup>104</sup>

Posteriormente, desempenhou o ministério em outras localidades, onde continuou a evidenciar notável zelo pastoral. Dom Jorge Ortiga faz referência a passagem de Padre Albino pelo clero bracarense «Preparou-se nos nossos Seminários, trabalhou como pároco nas nossas comunidades e agora louvamos o Senhor pela sua vida».<sup>105</sup>

Assim, desde os primeiros anos de sacerdócio, destacou-se pelo vigor do seu apostolado e pelo profundo compromisso com o anúncio do Evangelho, o qual realizava com notável coragem, clareza doutrinária e grande sensibilidade social. A sua ação pastoral refletia não apenas uma sólida formação intelectual, mas também uma fé vivida com autenticidade e entrega, características que viriam a marcar profundamente a sua trajetória eclesial. O bispo

---

<sup>101</sup> Cf. Ferreira, *Braga: Trilhos Bragueses*, 117.

<sup>102</sup> «A Mãe Aparecida e o título de Padroeira do Brasil», A12, acedido 22 de abril de 2025, <https://www.a12.com/santuario/historia-de-nossa-senhora-aparecida-1900>.

<sup>103</sup> Cf. Ferreira, *Braga: Trilhos Bragueses*, 118.

<sup>104</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 216–17.

<sup>105</sup> Jorge Ferreira da Costa Ortiga, «Os Frutos e a Árvore: Discurso na defesa de Pe. Albino Silva como Servo de Deus», Arquidiocese de Braga, 26 de outubro de 2014, [https://www.diocese-braga.pt/storage/contents/contents\\_AIfefe/2014.10.23\\_albino.pdf](https://www.diocese-braga.pt/storage/contents/contents_AIfefe/2014.10.23_albino.pdf).

Dom Valdir Mamede que passou por Catanduva referiu: «em breve período de tempo, passou de vigário encomendado a vigário colado. Naquela época, vigorava o regime de concurso clerical público para o provisionamento de Paróquias e respectivos benefícios».<sup>106</sup>

Contudo, vieram tempos difíceis e adivinhava-se uma perseguição à Igreja. Nada deteve o seu entusiasmo juvenil de fidelidade ao ideal sacerdotal. A radicalidade na vivência do seu sacerdócio não poderia ser tolerada pelos ventos de uma mentalidade laicizante e inimiga da Igreja.

### 2.1.3. *A consequência de sua coragem*

Quando se desencadeou a Revolução, em outubro de 1910, o Governo Provisório, como já referido, pôs em vigor as antigas leis de Pombal que expulsaram os Jesuítas de Portugal e também o *Decreto Ditatorial Liberal* que suprimiu todos os conventos, mosteiros e estabelecimentos religiosos. Instituiu-se o divórcio, a secularização dos cemitérios, proibiu-se o ensino religioso nas escolas primárias e decretou-se a separação entre a Igreja e o Estado, segundo o ideal de que «a religião ficaria para o íntimo de cada um, cada vez mais superada pelo ideário civil, patriótico e progressista»,<sup>107</sup> como refere Dom Manuel Clemente.

Iniciou-se, assim, uma perseguição aos presbíteros mais zelosos e com capacidade de iniciativa. Padre Albino, convicto na fidelidade aos princípios evangélicos e aos ensinamentos da Igreja, sofreu, como muitos outros membros do clero e leigos comprometidos, severas perseguições no contexto do anticlericalismo da Primeira República Portuguesa. Foi condenado à prisão e deportação para a África, em consequência de sua atuação pastoral e fidelidade à missão eclesial, aconteceu algo semelhante com outros membros do clero: «alguns dos padres perseguidos tenham abandonado as suas paróquias e emigrado, sobretudo para o Brasil».<sup>108</sup> Em alguns casos não foram bem vistos por parte dos fiéis, contudo, a outros, muito louvor foi rendido, ao saberem dos frutos. Assim como refere António de Jesus Ramos «Muitos destes padres, porém, exerceram dignamente o seu apostolado em terra estrangeira, tendo bastantes deles, inclusive, deixado obras de vulto».<sup>109</sup>

---

<sup>106</sup> Valdir Mamede, «Discurso na abertura da Semana Padre Albino 2021», manuscrito, Catanduva, 19 de setembro de 2021.

<sup>107</sup> Clemente, «Catolicismo português c. 1910», 369.

<sup>108</sup> António De Jesus Ramos, «A Igreja e a I Republica: a reacção católica em Portugal às leis persecutórias de 1910-1911», *Didaskalia* 13, n.º 1-2 (1983): 284, 251-302 Páginas, <https://doi.org/10.34632/DIDASKALIA.1983.835>.

<sup>109</sup> Ramos, «A Igreja e a I Republica», 284 Nesta referência o autor faz menção direta do Padre (Monsenhor) Albino.

## 2.2. A decisão de escolher

Antes da execução da sua sentença, Padre Albino, com sábia estratégia e confiando na divina providência, empreendeu uma fuga clandestina.<sup>110</sup> Partiu de Braga em direção a Monção, na fronteira com a Galiza, Espanha, sendo acolhido pelo sacerdote que fora seu formador no seminário. Com o auxílio deste, atravessou o rio Minho, alcançando a localidade de Salvaterra de Minho, em território espanhol.<sup>111</sup> Seguiu, então, para Tui, cidade episcopal onde residia Padre Manoel Gomez Gonzalez, sacerdote da arquidiocese de Braga que, posteriormente, também buscava refúgio no Brasil.<sup>112</sup> Percorrer outras terras foi uma atitude vital para Padre Albino, e o fez com espírito missionário, a exemplo de divino mestre Jesus, «Jesus percorria todas as cidades e povoados ensinando em suas sinagogas e pregando o Evangelho do Reino, enquanto curava toda sorte de doenças e enfermidades» (Mt 9, 35).

Durante a sua permanência em Tui, Padre Albino tomou conhecimento de que o navio Zelândia, de bandeira brasileira, encontrava-se ancorado no porto de Vigo, com o propósito de transportar exilados e migrantes para o Brasil. Interpretando este acontecimento como sinal da Providência divina. Assim, por meios clandestinos, entrou em contato com o seu arcebispo Dom Manoel, que se encontrava exilado em Águeda, no distrito de Aveiro, a fim de obter o seu consentimento expresso, o qual concedeu-lhe:

Ao concedermos permissão ao Nosso Amado em Cristo Albino Alves da Cunha e Silva para residir fora da Nossa Arquidiocese, no Brasil, por seis meses, afirmamos e testemunhamos que ele é sacerdote da Nossa Arquidiocese, pároco canonicamente ordenado na paróquia comumente conhecida como “Codeçoso”, dotado de bons costumes, aprovado para receber as confissões dos fiéis nesta Arquidiocese e, até onde sabemos, livre de qualquer impedimento canônico.<sup>113</sup>

E através de meios discretos, recebeu, em 4 de setembro de 1912, não apenas a permissão para se transferir temporariamente ao Brasil, mas também uma carta de recomendação dirigida ao Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti (1897-1930), o primeiro cardeal da América Latina.<sup>114</sup>

### 2.2.1. *Uma nova pátria*

A autorização episcopal era válida por seis meses, sendo renovada subsequentemente para Padre Albino, por mais algumas vezes. Embarcou, finalmente, com destino ao Brasil, chegando

---

<sup>110</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 278.

<sup>111</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 278.

<sup>112</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 278.

<sup>113</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 218 Doc. 7.

<sup>114</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 218 Doc. 7.

ao Rio de Janeiro em 21 de setembro de 1912, havia acabado de completar 30 anos de idade. Chegava então à terra que seus antepassados vieram descobrir e evangelizar, como relatou o Pêro Vaz de Caminha «de terra chã com grandes arvoredos, ao qual monte alto o capitão pôs nome o Monte Pascoal e à terra a Terra de Vera Cruz».<sup>115</sup>

Após desembarcar, padre Albino procurou regularizar sua situação canônica junto à cúria arquiépiscopal, apresentando-se munido de carta de recomendação emitida por seu bispo, Dom Manoel Baptista da Cunha, arcebispo de Braga. Sua identidade e condição clerical foram confirmadas por pessoas de confiança na capital fluminense, que na altura era também a capital nacional, como o padre José Augusto de Freitas, pároco da igreja da Candelária. Em 26 de setembro de 1912, recebeu autorização provisória para o exercício do ministério, concedida pelo cardeal Dom Joaquim Arcoverde e confirmada por Dom Sebastião Leme, bispo auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro, que era responsável por estas questões, o aval teve validade inicial de vinte dias.<sup>116</sup>

#### 2.2.1.1 Brasil acolhe em meio a revolta

A separação entre a Igreja e o Estado também ocorreu no Brasil e, representou um divisor de águas na história institucional e religiosa do país. Para muitos, ela era vista como a única via capaz de revigorar a Igreja, enquanto libertava o Estado de um vínculo histórico já insustentável. Todas as forças sociais e ideológicas pareciam convergir para esse ponto de viragem, que se tornou o objetivo central de várias correntes intelectuais e políticas no final do Império. «Só a separação haveria de rejuvenescer a Igreja e tirar do Estado um ônus não mais justificável»,<sup>117</sup> assim evidência o historiador Montenegro.

A Proclamação da República em 1889 resultou do embate entre grupos com visões distintas. De um lado, liberais e positivistas, unidos na crítica à influência da Igreja na esfera pública, articularam o projeto republicano, ainda que distantes da realidade social. Do outro, uma elite conservadora e religiosa – composta por bispos, clero e fiéis, sobretudo rurais – defendia a tradição católica, embora a hierarquia eclesiástica nem sempre conseguisse mobilizar efetivamente a população.

Embora distante da ortodoxia, a religiosidade popular, expressava forte devoção ao clero por meio de práticas comunitárias e festividades. Ao mesmo tempo, os grandes proprietários

---

<sup>115</sup> Pero Vaz De Caminha, *Carta de achamento do Brasil* (Editora da Unicamp, 2021), <https://doi.org/10.7476/9788526815469>.

<sup>116</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 219 Doc. 8.

<sup>117</sup> João Alfredo Montenegro, *Evolução do Catolicismo no Brasil* (Editora Vozes, 1972), 136.

rurais, afetados pela abolição da escravidão, em 13 de maio de 1888, com a assinatura da Lei Áurea sentia o peso da instabilidade econômica e social.<sup>118</sup> Esse setor, tradicionalmente monarquista, começou a encarar a monarquia com ceticismo, o que contribuiu para um clima de insatisfação generalizada.

Nesse cenário, a crescente insatisfação dos militares, especialmente aqueles influenciados pelo positivismo, encontrou terreno fértil. Eles viam na República a concretização do progresso e da ordem racional. Os militares canalizaram essa insatisfação em uma ação política decisiva, que culminou na Proclamação da República em 1889.<sup>119</sup>

Assim, foi esse conjunto de forças heterogêneas, com interesses distintos, mas convergentes no objetivo de ruptura, que permitiu a instauração do regime republicano e a promulgação da Constituição de 1891, que oficializou a separação entre Igreja e Estado no Brasil: momento histórico que encerrou o padroado e abriu caminho para a construção de um Estado laico.<sup>120</sup>

#### 2.2.1.2 Por outras terras andou

Nesse contexto, a convite de seu amigo, o padre jesuíta José Coelho da Rocha,<sup>121</sup> padre Albino dirigiu-se à Diocese de São Carlos do Pinhal,<sup>122</sup> onde foi acolhido por Dom José Marcondes Homem de Mello.<sup>123</sup> Este o nomeou vigário paroquial em Jaboticabal, atuando ao lado do pároco João Carreli. À medida que sua licença de Braga se aproximava do vencimento, solicitou nova autorização para permanecer no Brasil, deferida em junho de 1913. Com o falecimento de Dom Manoel Baptista, os pedidos de prorrogação passaram a ser feitos pelo vigário capitular de Braga, padre Antônio José da Silva Corrêa Simões, em contato com Dom Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo de São Paulo.<sup>124</sup>

Seu ministério em Jaboticabal foi marcado por zelo e rápida integração à comunidade. Em fevereiro de 1914, foi transferido para a paróquia de Jaú, onde permaneceu até junho do

---

<sup>118</sup> Cf. Princesa do Brasil Isabel, «Lei Áurea: Declara extinta a escravidão no Brasil», BNDigitl do Brasil, 13 de maio de 1888, <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/20142>.

<sup>119</sup> Cf. Montenegro, *Evolução do Catolicismo no Brasil*, 136.

<sup>120</sup> Cf. Montenegro, 137–45.

<sup>121</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 85–86 Testemunho II: Anália Nunes.

<sup>122</sup> Cf. «História da Diocese», Diocese de São Carlos, s.d., <https://www.diocesesaocarlos.org.br/historia-da-diocese/> A Diocese de São Carlos do Pinhal foi criada a 7 de junho de 1908 pelo Papa Pio X através da bula *Diocesium Nimiam Amplitudinem* desmembrada integralmente da então Diocese de São Paulo. [...] Nesta época a Diocese de São Carlos do Pinhal compreendia todo o território das atuais dioceses de Jaboticabal, São José do Rio Preto, Catanduva, Jales, parte de Piracicaba e parte de Barretos.

<sup>123</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 221 Doc. 10.

<sup>124</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 220 Doc. 9.

mesmo ano, sendo então designado vigário da paróquia de São José, em Barra Bonita. Embora a documentação sobre esse período seja escassa, os registros disponíveis destacam sua intensa atividade pastoral e sua habilidade organizativa. Passou por sucessivas e rápidas nomeações, sendo transferido três vezes em menos de dois anos, o que evidencia a confiança que Dom Marcondes depositava em seu ministério.<sup>125</sup>

Em setembro de 1914, padre Albino solicitou licença ao bispo de Botucatu, Dom Lúcio Antunes de Souza, para administrar os sacramentos em São Manuel, paróquia vizinha que carecia de assistência. A solicitação, feita em caráter emergencial, demonstra sua prudência e respeito às normas canônicas.<sup>126</sup>

Ali, Padre Albino promoveu significativas obras estruturais, mobilizou recursos locais e incentivou a criação de irmandades e sodalícios, como o Apostolado da Oração, a Pia União das Filhas de Maria, a Congregação de São Luís Gonzaga e a Adoração ao Santíssimo Sacramento. Solicitou também a doação de um terreno ao lado da casa paroquial para ampliar as atividades pastorais, comprometendo-se a agradecer publicamente ao doador, escreve-lhes no fim desta missão: «despeço-me com eterno reconhecimento e infinitas saudades de todos os seus habitantes, especialmente das pessoas das minhas íntimas relações».<sup>127</sup>

Demonstrando sensibilidade pastoral e social, priorizou a evangelização da população rural, planejando missões em épocas de menor demanda agrícola. Buscava envolver os proprietários de terras na formação cristã dos trabalhadores, ressaltando seu valor moral e social, «os Exm<sup>os</sup> Fazendeiros do Brasil querem que seus colonos sejam moralizados para que nelles brilhe sempre a honestidade, o amôr ao trabalho, a humildade, a concórdia e, enfim, a virtude»,<sup>128</sup> de tal maneira, escreveu o missionário Albino.

### 2.2.1.3 Catanduva o reconheceu

Recebeu-se então a comunicação de que Dom José Marcondes decidira transferir novamente o padre Albino, desta vez com a incumbência de revitalizar e estruturar uma nova realidade eclesial: Catanduva. O próprio sacerdote, ao encerrar suas atividades pastorais em Barra Bonita, registrou no livro paroquial, em 21 de abril de 1918, um balanço sintético de sua atuação. Tal anotação não revela um gesto de exaltação pessoal, mas sim uma manifestação de gratidão e testemunho de sua vivência espiritual e pastoral. Como ele próprio reconheceria

---

<sup>125</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 222 Doc. 11.

<sup>126</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 242 Doc. 26.

<sup>127</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 241 Doc. 25.

<sup>128</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 243–44 Doc. 28.

publicamente: «Herdei de minha mãe a tenacidade no trabalho, a constância na oração, minha formação moral e o amor a Deus, base de todo meu êxito, real ou aparente, grande ou pequeno».<sup>129</sup>

A transferência para Catanduva, à época pertencente à Diocese de São Carlos, concretizou-se com a posse canônica da Paróquia de São Domingos em 28 de abril de 1918, «fui eu nomeado seu 2º Vigário, podendo ter então a cidade 200 casas».<sup>130</sup> O município havia acabado de ser constituído, no dia 14 daquele mês, e apresentava-se como uma localidade marcada por profundas carências: um vilarejo de poucas casas de madeira, carente de infraestrutura básica, habitado quase exclusivamente por agricultores. A população era formada majoritariamente por imigrantes italianos, japoneses, espanhóis e portugueses, todos em condições de grande simplicidade material.

Curiosamente, Padre Albino não foi bem-recebido pelos catanduvenses. É certo que ele já havia ganhado algum traquejo em lidar com os brasileiros das terras por onde passou, desde a sua chegada no Rio de Janeiro em 1912, contudo, isso não foi suficiente para ter de sentir a rejeição na pele. Nos primeiros tempos, quando passava pelas ruas, sempre humilde e recolhido, não era compreendido pelo povo. Enfrentou grande resistência da comunidade local, que preferia seu antecessor, o popular e informal padre Maurizio Caputo.<sup>131</sup> Diferente deste, Albino era mais sóbrio, reservado e disciplinado, como observa o testemunho de seu sobrinho: «havia um sacerdote que era muito querido e popular: falava com todos, entrava nas casas dos paroquianos, participava das festas e frequentava os bares para beber cachaça. (Padre Albino), não foi bem recebido, pois era mais austero».<sup>132</sup> Assumiu uma paróquia em condições precárias, com a administração negligente e o desvio de ofertas por parte do sacristão. A própria declaração de Padre Albino oferece indícios eloquentes sobre o acolhimento que recebeu: «À minha posse assistiram umas três ou quatro pessoas...».<sup>133</sup>

Há evidências que indicam que Dom José Marcondes havia inicialmente convidado outro presbítero para assumir a missão pastoral em Catanduva, mas este recusou veementemente, justificando sua decisão com a seguinte avaliação depreciativa da localidade: tratava-se de um refúgio de ladrões e assassinos; e não por acaso era conhecida como «Cerradinho do mau costume», os ladrões eram protegidos por um fazendeiro da vizinha Ibirá.<sup>134</sup> A vida de um de

---

<sup>129</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 247 Doc. 30.

<sup>130</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 250 Doc. 32.

<sup>131</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 101–9 Testemunho IV: Antônio Alvaro da Cunha e Silva.

<sup>132</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 103 Testemunho IV.

<sup>133</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 285.

<sup>134</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 284.

seus inspirados, passaria por esta radicalidade, relata Frei Francisco Belotti: «Quando se tornou padre, perguntou ao bispo dom José qual cidade ninguém queria ir. A resposta foi Jaci».<sup>135</sup>

A povoação havia se iniciado em 1886, na região do atual bairro São Francisco, como Cerradinho. Em 1893, foram construídas duas capelas em margens opostas do rio São Domingos, dando origem ao povoado de São Domingos do Cerradinho. Com a chegada da Estrada de Ferro Araraquarense, em 1910, os dois núcleos se unificaram sob o nome de Vila Adolpho. Em 1915, Dom José Marcondes criou uma capelania curada e nomeou o padre Maurício Caputo como capelão. A emancipação política veio em 14 de abril de 1918, com a criação da Câmara Municipal e a mudança oficial do nome para Catanduva. Poucos dias depois, em 28 de abril, Padre Albino assumiu como o primeiro pároco da nova Paróquia de São Domingos.<sup>136</sup>

A experiência de Padre Albino revela uma fratura no reconhecimento da alteridade, marcada pela ausência de uma hospitalidade autêntica, que, ao falhar, gera exclusão. Jacques Derrida oferece, nesse ponto, uma leitura decisiva: a hospitalidade incondicional, afirma ele, consiste em uma abertura total ao outro; ao estrangeiro, ao desconhecido, sem restrições ou exigências, nem mesmo a de saber seu nome.<sup>137</sup> Nem sempre os profetas têm bom acolhimento, ou ainda como expressa o apóstolo João: «Veio para o que era seu e os seus não o receberam» (Jo 1, 11).

### 2.2.2. *O início de uma grande missão*

Enfrentou críticas, a desconfiança da população e a tentativa de substituição por parte de alguns paroquianos, chegando-se a organizar um comitê contra sua permanência. O seu bispo, no entanto, manteve sua confiança no sacerdote: «Padre Albino a construirá e, se for ajudado, construirá muito mais».<sup>138</sup> Apesar das adversidades, padre Albino seguiu comprometido com a revitalização da paróquia e o bem-estar da comunidade.

Ainda no seu segundo ano em Catanduva, iniciou as obras na igreja matriz. Para isso, saiu pelas ruas da cidade, pelos sítios e fazendas, à procura de doações, debaixo de sol ou chuva; a pé, a cavalo, de carro; de dia e de noite, passando fome e sede. E sofrendo decepções. Com muitas dificuldades, angariou os donativos necessários, contando, principalmente com os

---

<sup>135</sup> Marques Raul, «A Mão da Providência», *Diário da Região* (São José do Rio Preto), 23 de março de 2024.

<sup>136</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 71–84 Testemunho I: Synval Janeiro.

<sup>137</sup> Cf. Jacques Derrida e Anne Dufourmantelle, *Da Hospitalidade*, trad. Fernanda Bernardo (Palimage Editores, 2003), 39–40.

<sup>138</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 287.

paroquianos pobres. Para espanto geral de todos, a obra terminou. Não obstante ao seu duro trabalho, ninguém acreditava no sucesso deste. Com a conclusão da igreja em 1925, cuja decoração contou com obras do renomado artista Benedito Calixto de Jesus, a comunidade testemunhou a concretização de uma verdadeira catedral erguida com a colaboração popular.<sup>139</sup>

Ele gradualmente conquistou não apenas o respeito, mas também o amor e a profunda admiração da comunidade. Sua presença em Catanduva estendeu-se por impressionantes 55 anos, um legado de dedicação que perdurou até sua morte, em 19 de setembro de 1973. Durante mais de meio século, ele se tornou uma figura verdadeiramente querida, deixando uma marca indelével na memória e no coração de todos que tiveram o privilégio de conhecê-lo.

Assim, ele se dedicou às necessidades dos menos favorecidos, oferecendo generosamente seu tempo, talentos e recursos materiais. De sua posição como pároco de Catanduva, ele mobilizou, por meio das estruturas da Igreja Católica local, os recursos financeiros necessários para fundar e sustentar a obra em seus estágios iniciais.

### 2.2.3. *Da sopa à medicina*

Iniciada em 1922, a Santa Casa de Misericórdia, hoje Hospital Padre Albino, foi inaugurada em 26 de junho de 1926.<sup>140</sup> Nesta data, já todos confiavam nele, convictos de sua honestidade e capacidade. Para esta obra, contou com a ajuda das pessoas abastadas da cidade, pois começava a reconhecer-se o seu compromisso com os mais necessitados. Neste mesmo ano, Padre Albino teve de tomar uma importante decisão, a de romper definitivamente os laços eclesiásticos com sua terra mãe, quando em 12 de outubro de 1926, renuncia à paróquia de Codeçoso, tendo o arcebispo de Braga, Dom Manuel Viera de Matos acolhido sua renúncia.<sup>141</sup>

Naquela altura, não havia nenhuma estrutura social e as carências no âmbito sanitário eram imensas. Depois da saúde veio a sua preocupação com a assistência aos idosos. surgiu o Lar dos Velhos que foi a sua segunda obra em Catanduva, inaugurado em 29 de junho de 1929.

O sacerdote realizou muitos outros trabalhos nos anos seguintes, tendo, inclusive, regressado a Portugal, e ido à Itália, como constar-se-á mais adiante. Contudo, no ano de 1969, inicia o ciclo das escolas de ensino técnico e superior, primeiramente a Faculdade de Medicina, ideia e sonho de Padre Albino, para formar médicos tendo em vista uma assistência qualificada, mas, sobretudo, para permitir a subsistência do hospital que deveria cuidar da população

---

<sup>139</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 75 Testemunho I.

<sup>140</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 324–25.

<sup>141</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 223–24 Doc. 13.

extremamente pobre e sem recursos. Como ele próprio escreveu à população de Catanduva em 1968: «Agora, quando já me despeço da vida, quero ver realizado o meu sonho que é o seu é o de todos catanduvenses: a Faculdade de Medicina de Catanduva».<sup>142</sup>

O presbítero missionário reuniu todos os seus esforços, e com muita perseverança e paciência, viu o sonho tornar realidade, nascia a Faculdade de Medicina, com o Decreto aprovado nº 64.651 de 06/06/1969.<sup>143</sup> Posteriormente, começa a funcionar no Hospital das Clínicas, tendo o próprio Padre Albino pedido o prédio aos acionistas de modo particular e gradativo.<sup>144</sup>

Posteriormente, nasceram o Colégio Comercial Catanduva (1971), a Faculdade de Administração de Empresas (1972) e a Faculdade de Educação Física (1973). Além destas, Padre Albino foi responsável pela criação da Casa da Criança Sinharinha Netto em 1936, a Vila São Vicente de Paulo em 1934, o Lar Ortega-Josué em 1935, o Ginásio Dom Lafayette em 1946, o Santuário Nossa Senhora Aparecida em 1954. Naturalmente, estas são apenas para referir algumas obras mais emblemáticas.<sup>145</sup>

### 2.3. O legado de uma vida

Traduzir integralmente o legado de Padre Albino é, em grande medida, uma tarefa bem difícil. Por onde ele passou, deixou um rastro profundo de misericórdia e bondade. Não edificou apenas prédios e instituições, mas, sobretudo, ergueu vidas abatidas pela falta de esperança, fé e amor; «Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e vos darei descanso» (Mt 11, 28), de maneira copiosamente encarnada. Foi nesse espírito que, em 16 de maio de 1955, julgou ter chegado o momento oportuno para redigir seu Testamento Cerrado:

Achando-me são e em juízo perfeito, tomei a deliberação de fazer meu testamento e últimas disposições, para dispor de meus bens, segundo permitem as leis do país. Declaro que nasci em Codeçoso, concelho e comarca de Celorico de Basto, distrito de Braga, provincia do Minho, Portugal, sendo filho legítimo de Avelino Alves da Cunha e Silva e de Ana Joaquina da Mota e Andrade, já falecidos. Estando na plena posse do estado de solteiro, e não tendo, portanto, herdeiros necessários, posso dispor livremente dos meus bens, e o faço do modo seguinte: deixo a Maria Cecília Pery de Linde Guerreiro de Amorim Peixoto da Cunha e Silva, filha legítima de meu irmão Doutor Antonio Alves da Cunha e Silva e de Mariana Pery de Linde Guerreiro de Amorim Peixoto da Cunha e Silva, já falecida, todos os bens por mim havidos por morte de meus pais, que devem corresponder a umas propriedades agrícolas situadas na freguesia de Infesta, concelho e comarca de Celorico de Basto, Portugal. Nomeio meu testamenteiro meu sobrinho doutor Alberto Avelino da Cunha e Silva em quem sempre depus absoluta confiança e se, por ocasião do meu falecimento, ele já não existir, ficará a cargo do meu sobrinho Doutor Antonio Alvaro da Cunha e Silva a nomeação do mesmo. E

<sup>142</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 256–57 Doc. 36.

<sup>143</sup> Cf. Victor Rodrigues de Assis, *Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva*, 98.

<sup>144</sup> Cf. Victor Rodrigues de Assis, 103–5.

<sup>145</sup> Cf. «100 anos de chegada do Padre Albino a Catanduva», Fundação Padre Albino 100 anos, 2018, <http://fundacaopadrealbino.saude.ws/100anos/padre-albino/a-obra>.

assim tenho concluído meu testamento, que por minha livre e espontânea vontade, e sem coação de qualquer natureza, escrevi e assino de meu próprio punho, pedindo à Justiça do Paiz que o cumpra e faça cumprir tão inteiramente como nele se consta.  
Catanduva, estado de São Paulo, Brasil, 16 de Maio de 1955. Padre Albino Alves da Cunha e Silva<sup>146</sup>.

E para concluir o testamento, também acrescentou: «Em tempo: no Brasil nada possuo atualmente, mas se tiver alguns bens na hora da minha morte, deixo-os todos à Associação Beneficente Catanduva, dessa cidade. Catanduva, 16 de maio de 1955. Padre Albino Alves da Cunha e Silva».<sup>147</sup>

### 2.3.1. *Apóstolo da caridade*

Até mesmo as outras religiões possuíam admiração pelo Padre Albino, sua mentalidade aberta, permitia o diálogo inter-religioso e mesmo o ecumênico que não era tão comum naquela época. A maçonaria local, por exemplo, reconhecendo o amplo respeito que Padre Albino conquistara, doou espontaneamente um edifício à Associação de Beneficência de Catanduva, onde foi criado um asilo para idosos. Sua dedicação à assistência social e seu espírito conciliador o levaram a colaborar, por exemplo, com um hospital gerido por espíritas, voltado ao atendimento de pacientes com transtornos mentais.<sup>148</sup>

Em certa ocasião, numa publicação de um jornal local, na coluna opinião, o médico que muito ajudou o Padre Albino com a Faculdade de Medicina, bem como sendo seu médico pessoal, o Dr. Michel Curi disse: «Eu me sinto profundamente gratificado por ter convivido por mais de 25 anos com uma personalidade desta têmpera, colaborando com ele, recebendo seus ensinamentos e até sendo seu médico e amigo por todo esse tempo».<sup>149</sup>

Um dos gestos mais simbólicos por reconhecer a legado do Padre Albino, foi a criação da Semana Padre Albino, através da Lei 2.372, de 19/06/1986, ato liderado pelo prefeito municipal, o Dr. José Alfredo Luiz Jorge, sendo vivenciada até os dias atuais. Trata-se da criação da “Semana Monsenhor Albino”, com o objetivo de homenagear aquela que seria considerada a figura mais ilustre da história de Catanduva. Com a proposta da visitação e discussão das instituições fundadas por Monsenhor Albino: hospital, igreja, asilo, faculdade, entre outras. Por meio de conferências transmitidas por rádio e proferidas por historiadores, religiosos, membros de associações de serviço, entidades assistenciais, estudantes, autoridades

---

<sup>146</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 226 Doc. 16.

<sup>147</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 226 Doc. 16.

<sup>148</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 296.

<sup>149</sup> Victor Rodrigues de Assis, *Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva*, 103.

e representantes da sociedade civil.<sup>150</sup> Mesmo imerso em intensas responsabilidades administrativas, Padre Albino nunca deixou de priorizar sua vocação espiritual. Reconhecido como um sacerdote de profunda devoção, ele mantinha uma vida de oração disciplinada e fervorosa. Sua rotina incluía celebrações diárias, momentos de adoração pessoal, a recitação do rosário, ladainhas e a prática regular da Via Sacra.<sup>151</sup> A capela do hospital que fundou foi consagrada à Imaculada Conceição, e o mês de maio, dedicado à Virgem Maria, era marcado por celebrações solenes que reuniam crianças e membros da comunidade em fervorosa participação.

### 2.3.1.1 Sempre presente com os seus

Padre Albino regressou a Portugal em 1948 motivado por questões pastorais e pessoais. No Brasil, o contexto político das décadas de 1930 e 1940 foi marcado pela aliança entre Igreja e Estado durante o Estado Novo do presidente Getúlio Vargas, mas a redemocratização e as mudanças econômicas e sociais trouxeram novos desafios.<sup>152</sup> Em Portugal, Padre Albino buscava resolver um conflito envolvendo a administração do patrimônio familiar, que havia sido entregue por suas irmãs ao pároco local, o ardiloso Padre Alcídio Marinho.<sup>153</sup>

A situação agravou-se quando Albino e seu irmão Antônio foram vítimas de agressão durante uma tentativa de diálogo com as irmãs. Após denúncias à Igreja e às autoridades civis, Padre Albino foi surpreendido por uma contra-acusação de Padre Alcídio, que o denunciou por recorrer à justiça civil sem autorização e por exercer funções sacerdotais fora de sua diocese.<sup>154</sup>

O arcebispo de Braga repreendeu Albino, exigindo explicações. Em resposta, ele apresentou uma defesa detalhada, reafirmando sua conduta ética, sua longa trajetória missionária no Brasil e o reconhecimento recebido da Santa Sé.<sup>155</sup>

No trecho conclusivo da justificativa, de 10 de janeiro de 1949, Padre Albino e seu irmão o Dr. Antônio, expuseram com clareza a motivação de seu retorno a Portugal, dirigindo-lhes ao arcebispo:

Fomos obrigados a regressar a Portugal, chamados pela urgente necessidade de defender os bens que nossos pais, trabalhando honestamente, deixaram como patrimônio familiar aos filhos e seguidamente para serem depois transmitidos aos netos. [...] temos três irmãs, já idosas, quase analfabetas que se deixaram fanatizar pelo Padre Alcídio José Marinho, seu Abade, passando-lhe uma procuração para administração de seus bens e até de compra e

---

Cf. Victor Rodrigues de Assis, *Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva*, 103.

<sup>151</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albinus Alves da Cunha e Silva*, 85–86 Testemunho II.

<sup>152</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 294–95.

<sup>153</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 229–31 Doc. 18.

<sup>154</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 234 Doc. 20.

<sup>155</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 234–35 Doc. 21.

venda. Tal administração era e é perfeitamente ruínoza e puramente em proveito próprio dele, que esbanja dinheiro que não lhe pertence e adquiriu propriedades e um automóvel com dinheiro que também não é dele, pois ele tem saído da casa dos signatários e suas irmãs. Isto explica inteiramente a necessidade daquele nosso regresso a Portugal.<sup>156</sup>

Durante sua permanência em Portugal, Padre Albino reuniu documentos para comprovar irregularidades na administração dos bens familiares, feitas com a intermediação do Padre Alcídio Marinho. Com estes gestos, Padre Albino buscou reparação moral e patrimonial. Reafirmou sua fidelidade à Igreja e defendeu a legitimidade de suas ações, exigindo justiça diante dos abusos cometidos pelo pároco de Codeçosos.

### 2.3.1.2 Otimizar a viagem: Roma

Por não obter sucesso em Portugal, no tocante a encontrar uma congregação religiosa masculina para dirigir o colégio católico de Catanduva, em 1949, Padre Albino viajou à Itália, com este objetivo. Em Roma, entrou em contato com os Padres Doutrinários, cuja congregação fora fundada por César de Bus, cuja missão incluía a educação e a catequese. A proposta de Padre Albino foi bem acolhida, e iniciou-se o processo de envio de religiosos ao Brasil. Com apoio logístico e financeiro dele, e a colaboração da Diocese de São José do Rio Preto, os Doutrinários assumiram papel importante na formação educacional de Catanduva. A escolha por uma congregação italiana reflete seu zelo doutrinário e capacidade de articulação internacional em favor de sua missão pastoral.<sup>157</sup>

### 2.3.1.3 A missão continua

Para uma adequada compreensão dos acontecimentos que se desenrolaram em Catanduva durante os primeiros anos do ministério de dom Albino, é imprescindível situá-los no contexto político mais amplo do Brasil da época, período de revolução constitucionalista de 1932<sup>158</sup>. Paralelamente ao contexto político, dom Albino deparou-se, ao chegar a Catanduva, com uma grave situação de saúde pública: a presença significativa de pessoas acometidas pela hanseníase. Ele descreve: «Antigamente, havia na cidade muitos leprosos que cavalgavam de todos os lados; homens e mulheres, vivendo em tendas espalhadas nas matas então extensas desta região».<sup>159</sup>

---

<sup>156</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 235–36 Doc. 22.

<sup>157</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis* 33.

<sup>158</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis* 31.

<sup>159</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 249 Doc. 31.

Após retornar da Itália, Padre Albino retomou com vigor suas atividades pastorais e sociais em Catanduva. Em novembro de 1949, chegaram os primeiros Padres Doutrinários à cidade, graças à articulação feita por ele em Roma. Esses religiosos assumiram responsabilidades na paróquia e fundaram um seminário menor, uma escola e um pensionato, com apoio da população local. Em 1952, também chegaram as Irmãs Franciscanas de Santo Antônio, que passaram a cuidar de obras assistenciais como a Casa da Criança e o Lar Ortega Josué.<sup>160</sup>

Ao longo da década de 1950, Padre Albino proferiu diversos discursos em eventos cívicos e religiosos, exaltando a generosidade do povo catanduvense, reafirmando seu compromisso com os pobres e reiterando sua concepção de sacerdócio como serviço humilde e desinteressado. Mesmo após um grave acidente de carro em 1959, que comprometeu sua saúde, ele manteve ativa sua atuação junto às obras sociais, agora com limitações físicas, mas com vigor espiritual intacto. Mesmo com a saúde debilitada, Padre Albino acompanhava tudo de perto, mantendo uma vida simples e devotada à missão cristã até seus últimos dias.<sup>161</sup>

### 2.3.2. *Sensibilidade para perceber e disponibilidade para servir*

Ao perceber a necessidade de organizar, de forma institucional, a gestão dos bens e propriedades vinculados às obras assistenciais que vinham sendo promovidos, Padre Albino fundou, em 19 de outubro de 1926, a Associação de Beneficência de Catanduva. A primeira diretoria, presidida por Ricardo Lunardelli, nomeou a Santa Casa como «Hospital Padre Albino» e definiu que seus diretores trabalhariam voluntariamente, prática mantida até hoje. Fiel à sua postura de desapego, recusou-se a manter qualquer bem em seu nome, mesmo sendo o principal idealizador e executor da iniciativa. Embora tenha se oposto à proposta de nomear o hospital em sua homenagem, prevaleceu a decisão da assembleia. A primeira medida tomada, para isso, foi a transformação da Associação Beneficente de Catanduva, mantenedora do Hospital Padre Albino, em Fundação, que viria a tornar-se, no futuro, fundamental para constituída como a instituição de manutenção das faculdades.<sup>162</sup>

Em 01 de dezembro de 1930, Padre Albino solicitou a vinda de quatro irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição de Araraquara, para auxiliar no atendimento hospitalar, assistência

---

<sup>160</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 252 Doc. 33.

<sup>161</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 160–66 Testemunho XXI - Sra Cândida Ferreira.

<sup>162</sup> Cf. «A Fundação», Fundação Padre Albino, acessado 28 de julho de 2025, <https://www.fundacaopadrealbino.com.br/paginas/historia.php>.

humanitária e religiosa. Com o tempo, outras irmãs se juntaram a essa missão de dedicação e amor ao próximo.<sup>163</sup>

A estrutura organizacional da Associação refletia sua rigorosa preocupação com a ética e a impessoalidade na administração. O ponto de partida de Padre Albino era que a comunidade de Catanduva encontrasse nas obras de caridade a união de todas as classes, sendo ele mesmo o maior benfeitor desta obra, bem como de toda a cidade.<sup>164</sup> Um dos últimos bispos de Catanduva, Dom Valdir Mamede irá referir: «o exemplo de Padre Albino, o seu zelo apostólico de pastor, e sua sensibilidade em se aperceber das novas necessidades, sempre permanecerá um marco referencial seguro».<sup>165</sup> À luz disto, ainda acrescenta:

Neste sentido, a atuação de Padre Albino no campo sanitário e educacional, com a criação e instalação das unidades já citadas, demonstra que possuía uma visão pioneira quanto ao futuro da cidade de Catanduva e região. A municipalidade de Catanduva, penso, deve ser reconhecida a Padre Albino.<sup>166</sup>

Toda aquela rejeição que o recém-chegado a Catanduva tivera, converteria em acolhimento de gratidão eterna, sendo o primeiro cidadão imigrante nesta cidade a receber o título de Cidadão Catanduvense, que ocorreu em 20 de março de 1968:

Muito se poderá apontar acerca da personalidade do amado Pastor; no entanto, é dispensável, porque o povo, no seu todo, a conhece sobejamente, exaltando-a e reverenciando-a. Esta Câmara que, desde a reconstitucionalização de 1948, não concedeu títulos, fugindo a essa norma, agora, Exmo. Sr. Presidente, terá de quebrá-la. Sim, vamos conceder a Monsenhor Albino Silva, que está ainda lutando pela criação da Faculdade de Medicina, o título de Cidadão Número Um de Catanduva, reconhecendo todos os seus atributos.<sup>167</sup>

Padre Albino, movido por sua profunda bondade e espírito de serviço, foi responsável pela fundação de inúmeras instituições que transformaram a realidade de Catanduva e região, especialmente nas áreas da saúde, educação e assistência social. Após seu falecimento, sua obra foi perpetuada pela Fundação Padre Albino, que, por meio de seus conselheiros, continua a expandir e fortalecer esse legado, consolidando ainda mais sua memória e contribuição histórica para a comunidade.<sup>168</sup>

Nos últimos anos, na sequência de variadíssimas debilidades físicas, o Padre Albino deixou a Casa Paroquial e passou a residir no hospital, no famoso quarto 84.<sup>169</sup> Permanecia sentado na primeira sala à direita da entrada. Chegava a impacientar a vida do hospital porque

---

<sup>163</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 251–53 Doc. 33.

<sup>164</sup> Cf. José Carlos Rodrigues Amarante, *Balanço Social 2017* (Catanduva, 2017), 3.

<sup>165</sup> Mamede, «Discurso na abertura da Semana Padre Albino 2021».

<sup>166</sup> Mamede, «Discurso na abertura da Semana Padre Albino 2021».

<sup>167</sup> Victor Rodrigues de Assis, *Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva*, 91–92.

<sup>168</sup> Cf. Fundação Padre Albino 100 anos, «100 anos de chegada do Padre Albino a Catanduva».

<sup>169</sup> Cf. Victor Rodrigues de Assis, *Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva*, 123 O quarto 84 ficou famoso por ter sido o último lugar que Padre Albino escolheu para viver. Localizado no hospital que ele mesmo construiu.

observava toda a movimentação da portaria e nunca permitia que um doente que chegasse não fosse atendido a qualquer hora e com os melhores cuidados, como ele mesmo reconheceu sua fragilidade «Devido à minha doença, vertigens frequentes, talvez proveniente da idade avançada, 86 anos».<sup>170</sup>

Um dos melhores amigos de Albino, foi o seu pastor direto, o bispo Dom Lafayette Libânio, quem o fez *monsenhor*, depois de ver com os próprios olhos, o valor deste homem, deste grande missionário.<sup>171</sup> E, que inclusive esteve com ele no dia de sua morte, a dada altura evidenciou publicamente, ao clero e a toda a gente, a amabilidade e vigor do Padre Albino:

Há 37 anos o conheço de perto e posso afirmar que ele, realmente, encarna em si as virtudes de verdadeiro sacerdote. Exemplo de humildade profunda, aliada ao amor a Nossa Senhora, e a Jesus Cristo na Eucaristia e no pobre. Mons. Albino poderá dizer como São Paulo aos seus fiéis: «Sede meus imitadores como eu sou de Cristo».<sup>172</sup>

Ao concluir sua trajetória neste mundo, celebrou-se um momento de gratidão da Igreja por toda uma dedicação e entrega a um povo que tinha readquirido esperança através de muitas obras que ainda hoje diferenciam a cidade e região. Nestas tudo fala do Padre Albino. Muitas pessoas já não o conheceram em vida, todavia reconhecem o bem por ele semeado. Ao abrir o processo de beatificação de Padre Albino, Dom Jorge Ortega escreveu: «Não nos encontramos diante de um simples filantropo e de alguém com a capacidade motivadora das pessoas para causas marcadas pela preocupação do Bem Comum».<sup>173</sup>

Faleceu no dia 19 de setembro perto do meio-dia.<sup>174</sup> O sepultamento deu-se a 21 de setembro, às 16h, no ato do sepultamento uma das últimas palavras foram proferidas pelo Dr. Lenício Pacheco Ferreira: «Com veneração, trazemos viva à mente a imagem deste grande catanduvense, deste extraordinário sacerdote que hoje se despede de nós».<sup>175</sup> Sendo o corpo transportado num carro do Corpo dos Bombeiros, para o Cemitério Nossa Senhora do Carmo, acompanhado por uma multidão contabilizada em cerca de 30 mil pessoas, evento noticiado nos meios de comunicação da época: «Uma multidão incalculável, jamais vista em Catanduva, acompanhou na tarde desta sexta-feira os restos mortais de Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva. Uma das mais impressionantes manifestações de sentimento popular calcado no amor e no respeito a uma figura de um homem singular».<sup>176</sup> Hoje, falar de Catanduva é evocar o Padre Albino.

---

<sup>170</sup> Victor Rodrigues de Assis, *Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva*, 123.

<sup>171</sup> Cf. Victor Rodrigues de Assis, 56.

<sup>172</sup> Victor Rodrigues de Assis, 9.

<sup>173</sup> Ortega, «Os Frutos e a Árvore: Discurso na defesa de Pe. Albino Silva como Servo de Deus».

<sup>174</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, 227 Doc. 17.

<sup>175</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 263–65 Doc. 40.

<sup>176</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 265–66 Doc. 41.

### 2.3.3. *De perseguido a patrono*

O fundador da Fraternidade São Francisco de Assis na Providência de Deus,<sup>177</sup> Frei Francisco Belotti, teve a oportunidade de conhecer pessoalmente o Padre Albino, figura que exerceu profunda influência em sua formação espiritual e vocacional. Natural de Catanduva, Frei Francisco desde a infância cultivou grande admiração por Padre Albino, a ponto de escolhê-lo como modelo de vida. Essa inspiração manifestou-se de maneira simbólica no dia de sua ordenação diaconal, em 21 de dezembro de 1984, quando fez questão de utilizar paramentos que haviam pertencido ao Venerável.

Em 4 de outubro de 1985, memória litúrgica de São Francisco de Assis, o Frei Francisco fundou oficialmente a Associação Lar São Francisco de Assis na Providência de Deus. E depois de um período de *ad experimentum*, nasceria a Fraternidade São Francisco de Assis na Providência de Deus, no dia 11 de agosto de 2000<sup>178</sup>. Face a esta evolução, e proximidade constante com aquele que inspirou a nascimento destas duas instituições, no ano de 2016, a Fraternidade declarou formalmente Padre Albino como seu patrono, ocasião celebrada com uma peregrinação de seus membros à cidade de Catanduva.

A partir de 4 de fevereiro de 2019, a Fraternidade dos Franciscanos na Providência, passou a estar presente também em Braga<sup>179</sup>. Ali, já está em funcionamento o Centro de Acolhimento *O Poverello*, instituição de cuidados continuado e paliativos, voltado à promoção humana.<sup>180</sup> Além disso, está em fase de planejamento a criação de uma obra social que levará o nome do Venerável Padre Albino, com o objetivo de perpetuar sua memória na diocese em que nasceu.

A somar-se à sua atuação já consolidada em diversas regiões do Brasil, bem como no Haiti, na Tanzânia e em El Salvador. Inspirada pelo testemunho de vida do Padre Albino, a Fraternidade realiza um trabalho missionário de evangelização e divulgação de seu legado, marcado por virtudes evangélicas e notável serviço social.<sup>181</sup>

Se num dia fora perseguido, noutros o cidadão do Minho tornara-se venerável, ao ponto de unir municípios. Os municípios de Celorico de Basto e Catanduva estão oficialmente geminados desde o dia 12 de julho de 2015, altura a qual foi celebrado um acordo de gemação,

---

<sup>177</sup> Cf. «Franciscanos na Providência», Franciscanos na Providência, acessado 9 de julho de 2025, <http://www.franciscanosnaprovidencia.org.br/>.

<sup>178</sup> Cf. Franciscanos na Providência, «Franciscanos na Providência».

<sup>179</sup> Cf. Mauro Assi, «Instalada missão em Portugal para divulgar Padre Albino», Unifipa, 2019, <https://unifipa.edu.br/noticias/detalhes/9061>.

<sup>180</sup> Cf. «O Poverello», opoverello, acessado 9 de julho de 2025, <https://opoverello.org/>.

<sup>181</sup> Cf. Franciscanos na Providência, «Franciscanos na Providência».

o ato ocorreu na Capela de Santa Luzia, na Villa de Basto. Na ocasião o presidente da Câmara Municipal era o celoricense Joaquim Mota e Silva, e do lado de Catanduva tinha como prefeito municipal o catanduvense Geraldo Vinholi.<sup>182</sup> Celorico de Basto também recebeu honrosamente o bispo de Catanduva, Dom Otacílio Luziano da Silva, quem dera entrada no processo de beatificação do Venerável Padre Albino, o vice-postulador, o padre José Luiz Casimiro acompanhou a visita.<sup>183</sup>

Com a declaração da heroicidade das virtudes deste sacerdote bracarense e catanduvense, as dioceses de Braga e de Catanduva, acolheram, de modo muito especial, a responsabilidade de cuidar dos mais pobres e abandonados. Os trabalhos sobre a processo de beatificação avançaram, partindo de Catanduva para o Vaticano: «o Inquérito diocesano foi realizado na Cúria Eclesiástica de Catanduva, para o qual esta Congregação para as Causas dos Santos emitiu o decreto sobre validade jurídica em 26 de junho de 2015».<sup>184</sup>

Uma vez concluída a Positio, a questão de se o Servo de Deus havia exercido heroicamente as virtudes cristãs foi discutida de acordo com os procedimentos normais. O Congresso Especial de Consultores Teológicos foi realizado, com um resultado positivo, em 13 de fevereiro de 2020. Os Cardeais e Bispos, reunidos em Sessão Ordinária em 9 de fevereiro de 2021, reconheceram que o Servo de Deus havia exercido heroicamente as virtudes teologais, cardeais e relacionadas.<sup>185</sup>

No dia 20 de fevereiro, Sua Santidade o Papa Francisco recebeu em audiência o Cardeal Marcello Semeraro, Prefeito do Dicasterio para as Causas dos Santos.<sup>186</sup> Durante o encontro, o Santo Padre autorizou a promulgação do Decreto que reconhece as virtudes heroicas do Servo de Deus Albino Alves da Cunha e Silva, presbítero diocesano.<sup>187</sup> Sua trajetória de fé, marcada por uma vida de oração, humildade, zelo missionário e dedicação incansável aos mais pobres e doentes, foi considerada exemplar pela Igreja, alcançando agora uma etapa significativa em seu processo de beatificação.

Com o reconhecimento de suas virtudes heroicas, Padre Albino passa a ser oficialmente denominado “Venerável”, título conferido àqueles cuja vida demonstrou, em grau eminente, a prática das virtudes cristãs. O próximo passo no processo será o reconhecimento de um milagre

---

<sup>182</sup> Joaquim Monteiro da Mota e Silva, «Revista Municipal “Celorico de Basto”», Câmara Municipal de Celorico de Basto, 2015, 9–10.

<sup>183</sup> Joaquim Monteiro da Mota e Silva, «Revista Municipal “Celorico de Basto”», 41.

<sup>184</sup> Marcello Semeraro, «Decreto sobre as Virtudes», Dicastero delle Cause dei Santi, 20 de fevereiro de 2021, <https://www.causesanti.va/it/venerabili/albino-alves-da-cunha-e-silva.html>.

<sup>185</sup> Semeraro, «Decreto sobre as Virtudes».

<sup>186</sup> Cf. Vatican News, «Papa reconhece virtudes heroicas de 7 Servos de Deus, entre eles, Pe. Albino Alves da Cunha e Silva», Vatican News, 20 de fevereiro de 2021, <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-02/papa-francisco-promulgacao-decretos-virtudes-heroicas-pe-albino.html>.

<sup>187</sup> Cf. «Congregazione a promulgare il Decreto riguardante le virtù eroiche del Servo di Dio Albino Alves da Cunha e Silva», Postulatore delle Cause dei Santi, 20 de fevereiro de 2021, <https://www.postulazionecausesanti.it/pb/congregazione-a-promulgare-il-decreto-riguardante-le-virtu-eroiche-del-servo-di-dio-albino-alves-da-cunha-e-silva/>.

atribuído à sua intercessão, condição necessária para sua beatificação. Este Decreto representa não apenas um marco importante para a causa do Venerável Padre Albino, mas também um momento de grande júbilo para todos os que, no Brasil e em Portugal, conservam viva sua memória e continuam sua obra de evangelização e cuidado com os mais necessitados.

O Padre Albino construiu muito no Brasil. Como pároco que foi em Braga, desafia para um testemunho da caridade através de variadíssimas iniciativas sociais. O caminho que percorreu foi alcançado com persistência e fé. O prefeito do Dicastério da Causa dos Santos, assim expressou:

Por trás de um caráter enérgico e de uma laboriosidade empreendedora, o Servo de Deus Albino Alves da Cunha e Silva guardou sabiamente o tesouro de sua vocação sacerdotal. Entregou-se à vontade de Deus, a ponto de ter, como maior desejo, «morrer completamente pobre: sem dinheiro, sem posses, sem dívidas e sem pecados».<sup>188</sup>

E continua a acrescentar que Albino foi um homem desapegado dos bens terrenos, que vivia com simplicidade, voltado às coisas do céu e dedicado aos necessitados. Iniciou suas obras confiando inteiramente na Providência de Deus:

Era um homem totalmente desapegado dos bens terrenos: vivia em completa simplicidade, concentrado nas coisas do céu, sempre preocupado em como melhor atender às necessidades dos necessitados. Iniciou suas obras confiando unicamente na Providência Divina.<sup>189</sup>

Se, porventura, Padre Albino tivesse vivido mais tempo, teria testemunhado os tempos difíceis da Revolução, a perseguição religiosa e, posteriormente, a mudança de cenário com a assinatura da Concordata entre Portugal e a Santa Sé em 1940, marco de reconciliação que seria renovado em 2004, sinalizando o progresso nas relações entre Igreja e Estado;

A presente Concordata entrará em vigor com a troca dos instrumentos de ratificação, substituindo a Concordata de 7 de maio de 1940. Assinada em três exemplares autênticos em língua portuguesa e em língua italiana, fazendo todos fé, aos 18 dias do mês de maio do ano de 2004.<sup>190</sup>

Teve o empenho e doação de muitos para chegar até aqui, muito mais até das pessoas que estavam no terreno: «A Santa Sé e a República Portuguesa declaram o empenho do Estado e da Igreja Católica na cooperação para a promoção da dignidade da pessoa humana, da justiça e da paz».<sup>191</sup>

Padre Albino é eternamente lembrado como o “Apóstolo da Caridade”, título que resplandece como um selo de santidade em sua trajetória. Com coração ardente e mãos incansáveis, dedicou-se aos pobres, aos doentes e aos idosos, fazendo da própria vida uma

---

<sup>188</sup> Semeraro, «Decreto sobre as Virtudes».

<sup>189</sup> Semeraro, «Decreto sobre as Virtudes».

<sup>190</sup> «Concordata Entre a República Portuguesa e a Santa Sé», Portal do Ministério Público, 2004, [https://dcjri.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/concordata\\_santa\\_se.pdf](https://dcjri.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/concordata_santa_se.pdf).

<sup>191</sup> Portal do Ministério Público, «Concordata Entre a República Portuguesa e a Santa Sé».

tradução viva do mandamento maior de Cristo, que foi o de amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo (cf, Mt, 22, 36-40), assim, ele encarnou as palavras do Senhor: «Em verdade vos digo: todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fizestes» (Mt 25,40).

Sua existência foi tecida de lutas e superações: suportou com fé a perseguição em sua pátria e enfrentou, com humildade e perseverança, as provações que encontrou em terras distantes. Nada, porém, conseguiu deter o vigor de sua missão. As obras que deixou – erguidas com sacrifício, amor e confiança na Providência, como testemunha São João Crisóstomo: «Não fazer o bem aos pobres é privá-los da vida; é matá-los. O que temos em nossas mãos pertence a todos».<sup>192</sup>

Assim, sua memória permanece como luz que não se apaga, sustentando milhares de vidas e revelando que a verdadeira grandeza não está no poder ou na glória humana, mas na caridade sem fronteiras. Padre Albino brilha, assim, como exemplo de pastor segundo o Coração de Cristo, cuja memória resplandece como chama perene de fé, esperança e amor.<sup>193</sup>

---

<sup>192</sup> São João Crisóstomo, Homilias sobre o Rico e Lázaro, trad. de D. Estevão Bettencourt, OSB, São Paulo: Paulinas, 1980, p. 37.

<sup>193</sup> Cf. Vatican News, «Papa reconhece virtudes heroicas de 7 Servos de Deus, entre eles, Pe. Albino Alves da Cunha e Silva».

### 3. O PEREGRINO ALBINO: ESPERANÇA EM MOVIMENTO

A vida de Padre Albino revela-se como a de um autêntico peregrino de esperança, cuja trajetória não se limita a deslocamentos geográficos, mas traduz-se em um constante movimento espiritual, social e missionário. De Codeçoso, pequena aldeia portuguesa marcada pela simplicidade da terra e pela rudeza do trabalho, até Catanduva, cidade que em seu próprio nome guarda a marca de uma terra de “pouco valor”, Albino não se prendeu ao solo de origem nem ao de destino, mas fez de cada passo uma ocasião de serviço e de anúncio do Evangelho. Sua peregrinação, entretanto, não foi marcada por grandiloquência de palavras, mas pela eloquência silenciosa das obras. Nesse itinerário, converteu rejeições em acolhimento, adversidades em oportunidades e espaços aparentemente periféricos em centros de transformação humana e espiritual. Como um cidadão do infinito, fez da pátria estrangeira sua própria terra de missão, recordando que a verdadeira pertença não está no lugar fixo, mas no coração que se abre à Providência de Deus e ao próximo que necessita.

Seu caminho encontra ressonância no próprio Papa Francisco, quando recorda continuamente que a missão se realiza “em saída” (cf. EG, 24), no movimento, na proximidade concreta com os mais pobres e esquecidos. Também Albino, como o saudoso Francisco, experimentou a revelação de Deus no caminho: na construção de hospitais, escolas, lares de idosos, faculdades e na presença constante entre os enfermos e os abandonados, onde o rosto do Cristo sofredor se fazia visível. Assim, o peregrinar de Padre Albino não foi um caminhar errante, mas uma marcha firme, iluminada pela Doutrina Social da Igreja, que ele encarnou antes mesmo de sua plena sistematização no magistério contemporâneo. Sua vida tornou-se anúncio concreto de que a paz é fruto da justiça (cf. Is 32, 17), que a caridade é caminho de redenção e que a fidelidade às verdades eternas não afasta, mas aproxima do humano.

O Venerável Padre Albino deixou um legado modesto em escritos, com publicações raras e esparsas em jornais e revistas locais, focadas principalmente em narrativas históricas sobre Catanduva, onde serviu como pároco por muitos anos. Seus textos, desprovidos de pretensões literárias, não se dedicaram a explorar os fundamentos da espiritualidade católica, como fé, esperança, humildade, pobreza, oração, obediência, sacramentos ou mortificação, nem discorreram sobre a caridade, virtude que ele viveu com excepcional dedicação. Mais do que nas palavras, Padre Albino se revelou um homem de ação, cuja vida foi um reflexo autêntico e inspirador dessas virtudes, manifestadas em seu incansável serviço aos outros.<sup>194</sup>

---

<sup>194</sup> Cf. Zdzislaw Josef Kijas, *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*, ed. Congregatio de Causis Sanctorum, com Paolo Vilotta e Gaetano Passarelli (Nova Res, 2017), 81.

Neste capítulo, portanto, contempla-se Padre Albino sob o signo do peregrino: aquele que ama e serve além das palavras, que constrói paz a partir da justiça e que encontra no serviço humilde a expressão maior do amor evangélico. Por conseguinte, realiza-se uma leitura da vida do Padre Albino e os mais recentes ensinamentos da Igreja, no tocante a sua Doutrina Social, no pontificado do Papa Francisco. Ao percorrer as etapas de sua missão, ver-se-á como transformou fragilidades em esperança, como conjugou fé e obras no mesmo horizonte, e como soube trocar o instante pelo eterno, deixando como herança um testemunho que continua a inspirar e a frutificar até hoje.

### 3.1. Amar além das palavras – ouvir as obras

Entre os conterrâneos mais ilustres de Padre Albino encontra-se Santo Antônio de Lisboa, que, em seus Sermões de Pentecostes, exortava à coerência entre a palavra e o testemunho de vida, recordando que a linguagem adquire autenticidade quando confirmada pelas obras: «cessem, por favor, as palavras; falem as obras»<sup>195</sup>. À luz dessa exortação, pode-se compreender que o ministério de Padre Albino se caracterizou, antes de tudo, pelo primado das obras. Não apenas pelas realizações materiais como hospitais e escolas, mas sobretudo pelo testemunho de virtudes que marcaram a sua vida. Foi nesse espírito que ele próprio se apresentou diante do Arcebispo de Braga, Dom António Bento Martins Júnior<sup>196</sup>, quando regressou a Portugal para tratar de questões familiares:

pois a família é a base da sociedade cristã, e não tendo nunca cometido imoralidades, torpesas e iniquidades que me desonrem perante Deus e a sociedade, pelo contrario, sem lisonja, tendo sempre tido uma vida de trabalhos, de sacrificios, e de renuncias, e, havendo, por isso, feito algumas obras humanitárias que beneficiaram a pobreza e enaltecem o sacerdocio catolico em geral.<sup>197</sup>

O caminho pastoral pelo qual percorreu Padre Albino em Catanduva destacou-se pela dedicação concreta à comunidade, especialmente aos pobres e marginalizados. Tal orientação, que antecipou de certo modo o apelo do Papa Francisco a uma Igreja em saída, manteve-se como marca constante de seu ministério até os últimos dias de sua vida. «com especial atenção aos mais pobres e fracos, aos doentes, aos idosos, aos excluídos da sociedade».<sup>198</sup>

---

<sup>195</sup> António, *Santo António de Lisboa: biografias, sermões*, Fontes Franciscanas, vol. 1, 3 (Editorial Franciscana, 1998).

<sup>196</sup> António Bento Martins Júnior nasceu em 1881, em Vila do Conde, e faleceu no ano de 1963, em Braga. Foi bispo de Bragança-Miranda entre 1928 e 1932 e Arcebispo de Braga entre 1932 e 1963.

<sup>197</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 237 Doc. 23.

<sup>198</sup> Francisco, «Mensagem do Papa Francisco para o XCIX Dia Mundial das Missões 2025», Vatican, 2025, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/20250125-giornata-missionaria.html>.

Após recuperar-se de grave enfermidade em 1919, iniciou a campanha para construir a igreja matriz, percorrendo fazendas a cavalo e arrecadando mantimentos e animais, que vendia em prol da obra; deste modo, o próprio Padre Albino discursou perante o seu bispo e religiosas:

Em 1919, já curado, saí com um único amigo, de casa em casa pela cidade, para ver quanto cada família poderia me dar por mês para a construção da igreja... Depois dessa experiência desoladora na cidade, decidi comprar um cavalo velho e ir pedir, levando sacos vazios em seu dorso, pelas fazendas, cereais para vendê-los e, com o valor arrecadado, começar a construção da igreja.<sup>199</sup>

Alguns anos depois, em 1925, foi concluída a igreja de São Domingos de Gusmão, resultado de ampla mobilização popular e de sua atuação direta na construção. Com a construção finalizada, Padre Albino trouxe um dos maiores artistas do Brasil, Benedito Calixto de Jesus, para realizar a decoração pictórica. Sua dedicação incansável e eficiência em todas as áreas conquistaram a admiração da comunidade, que rapidamente desenvolveu grande estima por ele. Hoje a cidade faz parte do roteiro turístico nacional, por conta das obras expostas na igreja, deste renomado artista.<sup>200</sup>

Sua gestão caracterizou-se pela austeridade e transparência, registrando todas as entradas e saídas financeiras. Em 1926, com grande determinação assumiu a construção da Santa Casa de Misericórdia, atual Hospital Padre Albino, motivado pela gratidão aos pobres que haviam colaborado na edificação da matriz, isso se deu pois viram nele a competência; e, por ter sido desafiado pelo médico diretor da comissão das obras, depois ele relatou: «Aceitei o convite por dever de gratidão aos pobres, pois foram eles que me ajudaram a construir a igreja».<sup>201</sup> Confirmando afetivamente a generosidade do povo mais pobre.

Para garantir a correta administração dos bens, fundou a Associação de Beneficência de Catanduva, recusando qualquer patrimônio pessoal e impondo atendimento gratuito aos necessitados. Além da assistência hospitalar, fomentou a vida leiga e educativa. Criou congregações marianas voltadas à formação espiritual e, com as Irmãs de Nossa Senhora do Calvário, fundou o Colégio Nossa Senhora do Calvário em 1927.<sup>202</sup> Sua vida pessoal era marcada pela simplicidade e pelo desapego, chegando a vender o terreno da casa paroquial para financiar obras sociais. Chegou a ceder a casa para as irmãs residirem, pois passavam elas por dificuldades, assim destacou: «No princípio da sua vida, tiveram aqui as maiores dificuldades

---

<sup>199</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 81–82 Testemunho I: Synval Januário.

<sup>200</sup> Cf. «Fundação Benedito Calixto», Pinacoteca de Santos, acessado 27 de setembro de 2025, <https://www.pinacotecadesantos.org.br/benedicto-calixto.html>.

<sup>201</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 84 Testemunho I: Synval Januário.

<sup>202</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 291.

para seu alojamento. Deixei a casa paroquial [...] e sidi-lha por alguns anos, indo eu morar noutra casa».<sup>203</sup>

Preocupado com a expansão do atendimento médico, trouxe em 1930 as Irmãs Franciscanas austríacas, responsáveis pela consolidação do hospital.<sup>204</sup> Assim, sua ação pastoral articulou fé, educação e assistência social, deixando marcas profundas na estrutura comunitária de Catanduva. Suas atitudes chegaram a dar-lhe a alcunha de samaritano moderno, assim expressou Ricardo Lunardelli «Ao mesmo tempo viu que não seria complete limitar-se a curar somente as feridas espirituais, como moderno Samaritano, tratou da construção de casas para curar as feridas físicas».<sup>205</sup>

Evidencia-se, portanto, que o venerável Padre Albino não poupou esforços para ampliar o acolhimento e o cuidado destinados aos pobres e esquecidos. Buscou recursos para garantir condições adequadas aos cuidadores, possibilitando-lhes desempenhar a missão com maior eficiência, e nunca se fechou em si mesmo, com as suas causas. Nessa mesma direção enfatiza o Papa Francisco: «Muitos tentam escapar dos outros fechando-se na sua privacidade confortável ou no círculo reduzido dos mais íntimos, e renunciam ao realismo da dimensão social do Evangelho» (EG, 88).

### 3.1.1. Cidadão do infinito

Sempre atuante, Padre Albino registrou ter obtido a doação de diversos terrenos no bairro São Francisco, cedidos por proprietários locais, para que os Padres Doutrinários edificassem um seminário menor em honra de seu fundador, “César de Bus”, bem como uma escola primária e um pensionato estudantil denominado em homenagem ao bispo Dom Lafayette. Em discurso pronunciado em 1959, não apenas destacou o espírito dos Doutrinários; mas também enalteceu a participação e a generosidade do povo de Catanduva:

É digno de louvor o generoso, heróico e patriótico povo deste município, que sempre protegeu, auxiliou e incentivou todos os religiosos e religiosas que aqui trabalharam pelo bem da população e de suas famílias, e sobretudo, pelo crescimento, progresso e realização desta próspera cidade no cenário nacional.<sup>206</sup>

Aproveitar todas as oportunidades para chegar a todos, desta forma Padre Albino fazia uso de todos os recursos próprios e de outras movimentos e congregações para alcançar cada vez mais e mais pessoas, sobretudo os mais pobres e abandonados, por esta via exorta Francisco

---

<sup>203</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 252 Doc. 33.

<sup>204</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 251–53 Doc. 33.

<sup>205</sup> Victor Rodrigues de Assis, *Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva*, 74–77.

<sup>206</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 253 Doc. 33.

«refletirmos sobre um amor que se abre a todos» (FT, 82). No ano de 1952, chegaram ao Brasil as Religiosas Franciscanas de Santo Antônio. Padre Albino logo as chamou para atuarem em Catanduva. Em 13 de julho de 1954, ele lhes confiou a Casa da Criança “Sinharinha Netto” e o Lar “Ortega Josué”, com o objetivo de ali constituírem um jardim de infância e um curso primário misto.<sup>207</sup>

Por ocasião do jubileu de ouro sacerdotal (1905–1955), em 31 de dezembro de 1955, Padre Albino proferiu um discurso em banquete beneficente promovido pelos Padres Doutrinários, cujo objetivo era arrecadar recursos para a manutenção do seminário menor. O evento contou com a presença do bispo de São José do Rio Preto, Dom Libânio Lafayette.<sup>208</sup> Na ocasião, o sacerdote ressaltou a importância da iniciativa, observando que as cerimônias religiosas sempre se mostram úteis a todos, sobretudo quando se vinculam a fins caritativos. Referindo-se às dificuldades enfrentadas pelos Doutrinários na formação de futuros sacerdotes, em grande parte oriundos de famílias pobres. Sensibilizado, afirmou com clareza: «Criado e formado nêsse ambiente de miséria alheia, o meu coração ficou naturalmente inclinado ao amor a pobreza. Eis o que pode fazer o bom exemplo dado às crianças!».<sup>209</sup>

Certa vez, buscando esclarecer a natureza de seu sacerdócio, associada a seu firme engajamento social, declarou: «Alguns acreditam que, se eu cuidasse de meus próprios interesses com o mesmo empenho com que trato dos assuntos sociais, seria um homem muito rico. Isso é um grande engano!».<sup>210</sup> A missão evangelizadora implica proximidade concreta aos afastados e excluídos, assumindo a vida humana em suas fragilidades, assim afirma Francisco:

Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até a humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem, assim, o “cheiro de ovelhas”, e estas escutam a sua voz. Em seguida, a comunidade evangelizadora dispõe-se a “acompanhar” (EG, 24).

Existe, de fato, uma ligação interessante entre Padre Albino e o Papa Francisco. Padre Albino chegou no Brasil, no dia 21 de setembro de 1912, e, precisamente no mesmo dia, só que anos à frente, foi quando o Papa Francisco sentiu o chamado ao sacerdócio em 21 de setembro de 1953, tinha cerca de 17 anos, preparava-se para sair para festejar o Dia do Estudante com os seus colegas. Mas decidiu começar o dia visitando a sua paróquia.<sup>211</sup> Ele relata a consequência do episódio:

---

<sup>207</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 252 Doc. 33.

<sup>208</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 247 Doc. 30.

<sup>209</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 246 Doc. 30.

<sup>210</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 247 Doc. 30.

<sup>211</sup> Cf. Sergio Rubin et al., eds., *El jesuita: la historia de Francisco, el papa argentino*, Biografía e historia (Vergara, Grupo Zeta, 2013), 25.

Naquela confissão aconteceu-me algo estranho, não sei o que foi, mas mudou a minha vida; eu diria que me pegaram de surpresa”, [...] foi a surpresa, o estupor de um encontro; percebi que me estavam esperando. Isso é a experiência religiosa: o estupor de encontrar-se com alguém que te está esperando. Desde esse momento, para mim, Deus é aquele que te ‘antecipa’. A gente o procura, mas Ele é quem nos procura primeiro. Queremos encontrá-lo, mas é Ele quem nos encontra primeiro”. E acrescenta que não foi apenas o “estupor do encontro” que despertou a sua vocação religiosa, mas também o modo misericordioso com que Deus o interpelou.<sup>212</sup>

### 3.1.2. *Transformar a rejeição em acolhimento*

No âmbito social, a Igreja reivindica sobretudo a liberdade de anunciar integralmente o Evangelho, missão dada pelo seu próprio fundador Jesus de Nazaré «Vão pelo mundo inteiro e anunciem a Boa Notícia para toda a humanidade» (Mc 16,15) e, deve permanecer fiel ao tesouro que recebeu afirma Francisco:

Todos têm o direito de receber o Evangelho. Os cristãos têm o dever de o anunciar, sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível. A Igreja não cresce por proselitismo, mas “por atração”. (EG, 14)

O sacerdote do Minho que exerceu sua missão no interior do Brasil manteve sempre viva a consciência do dever de anunciar o Evangelho, o que constituiu motivação constante para perseverar junto àquela comunidade, mesmo após ter experimentado uma dolorosa rejeição que o marcou profundamente.<sup>213</sup> Cabe-lhe o direito e o dever de manter viva a chama da liberdade e da unidade humana. Segundo o Papa Francisco, o ato de anunciar deve estar munido de gestos de misericórdia, sendo conjugada a missão de anunciar com o trabalho de fazer misericórdia, logo afirmou: «Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa» (MV, 12).

Embora a sociedade hodierna valorize a empatia sobretudo em relação àqueles que demonstram atitudes semelhantes, a lógica evangélica ultrapassa essa reciprocidade. O ensinamento de Cristo propõe a prática do bem inclusive em favor daqueles que causam danos, revelando uma ética da misericórdia que não se limita ao critério da retribuição, mas se enraíza no amor incondicional (cf. Mt 5, 38-47). O venerável Padre Albino conseguiu com maestria exercer esta ordem sagrada na prática, transformou a rejeição em acolhimento, pagou o mal com o bem. Pois mesmo tendo sido rejeitado de início pelo povo de Catanduva, ele fez uso disso para promover ainda mais o bem as pessoas desta terra. A certa altura, em 1968, na

---

<sup>212</sup> Rubin et al., *El jesuita*, 26.

<sup>213</sup> Cf. Victor Rodrigues de Assis, *Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva*, 82.

qualidade de presidente do Capítulo Diocesano Monsenhor<sup>214</sup> Albino proferiu: «são os nossos paroquianos e o povo em geral, a quem nós devemos procurar harmonizar e dar assistência espiritual e até material, ensinando os ricos a cuidar dos pobres em obras sociais, e os pobres a auxiliar os ricos com os seus honrados trabalhos manuais».<sup>215</sup>

A fé vivida na caridade remove a indiferença e abre o coração ao bem. Pela simplicidade dos gestos de serviço, transmite-se a Boa-Nova de Cristo ressuscitado. O bem, *per se*, aproxima de Deus e ilumina a vida com o seu desígnio de amor, sustentando nas provações e oferecendo alegrias autênticas. Diferentemente do dinheiro e do poder, que desiludem e corrompem, o bem retribui infinitamente mais, pois o ser humano foi criado para acolher e partilhar o amor divino<sup>216</sup>.

### 3.1.3. No caminho ocorre a revelação

A tradição neotestamentária, em continuidade com os profetas do Antigo Testamento, reafirma a centralidade da justiça social, ao mesmo tempo em que denuncia a recorrente exploração da pessoa humana pelos seus semelhantes. Contudo, no horizonte cristão, a perfeição da vida não se esgota na observância da justiça, mas encontra plenitude na caridade: «A vida social deve ser ancorada no desígnio divino» (CDSI, 577). A justiça e o direito constituem instrumentos fundamentais para a ordem social, mas não são suficientes para gerar comunhão fraterna. A caridade, ao contrário, orienta o olhar do discípulo para as necessidades ocultas do próximo e inspira, em certos casos, a renúncia aos próprios direitos em favor de uma solidariedade mais profunda, a caridade enobrece a justiça, assim ensina o magistério da Igreja, no que tange a sua doutrina social: «A caridade pressupõe e transcende a justiça: esta última «deve ser completada pela caridade» (CDSI, 206).

Nesse contexto, a missão de Cristo foi anunciada no Evangelho de Lucas: «O Espírito de Senhor está sobre mim pois ele me ungiu, para anunciar a Boa-Nova aos pobres: enviou-me para proclamar a libertação aos presos e, aos cegos, a recuperação das vistas; para dar liberdade aos oprimidos» (Lc 4,18-19) como cumprimento da profecia de Isaías, apresenta-se como inauguração histórica do Reino de Justiça, em que a misericórdia se manifesta como realização plena da justiça. As bem-aventuranças (Mt 5,3-12; Lc 6,20-26) sintetizam esse programa, possuindo não apenas dimensão espiritual, mas também incidência social e política. No

---

<sup>214</sup> O título de Monsenhor foi concedido pela Santa Sé a pedido de Dom Lafayette Libânio (então bispo de São José do Rio Preto). Em 02 de fevereiro 1953, durante o pontificado de Pio XI. Victor Rodrigues de Assis, *Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva*, 58; Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 235 Doc. 22.

<sup>215</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 259 Doc. 37.

<sup>216</sup> Cf. Andrade, «Magistério Social do Papa Francisco», 2023, 73.

evangelho de Mateus, elas configuram uma verdadeira constituição do novo povo de Deus, com Jesus como novo Moisés que orienta a vida comunitária segundo critérios de justiça e misericórdia<sup>217</sup>.

A proposta de Jesus dirige-se prioritariamente aos pobres, aflitos, famintos e marginalizados – identificados, na tradição judaica, como *anawim*. Trata-se de indivíduos oprimidos pelas estruturas sociais, cuja esperança repousa unicamente em Deus. Ao proclamar que deles é o Reino dos Céus, Jesus subverte a lógica social que privilegia os detentores de poder e riqueza, instituindo um princípio radical de inversão evangélica: a dignidade e a esperança pertencem, em primeiro lugar, aos que foram excluídos<sup>218</sup>.

Toda revelação divina nasce do diálogo entre Deus e o seu povo. Também a fé na Ressurreição está enraizada nesse diálogo contínuo, que acompanha o caminho do Povo de Deus ao longo da história. Jesus pôde afirmar: «Eu sou a Ressurreição e a Vida!» (Jo 11,25), porque nele este mistério transcendente não apenas se manifestou em plenitude, mas também se realizou de modo concreto e definitivo.

O Espírito Santo, dom do Ressuscitado, introduz a pessoa no dinamismo trinitário de amor, comunhão e partilha. Uma pessoa que ama as outras através da própria alegria de amar é reflexo da Trindade, neste sentido a Igreja é bastante clara: «Antes e acima de tudo está o projeto de Deus sobre a criação e, em particular, sobre a vida e o destino do homem, chamado à comunhão trinitária» (CDSI, 74). A fé nasce do encontro com Jesus, um encontro pessoal, por onde ocorre uma transformação expressiva de mentalidade e atitude (cf. EG, 120). A Igreja, por meio da sua pastoral, possibilita este encontro. Não por menos, cada história de fé nasce de um encontro transformador com Deus, que envolve toda a pessoa e desperta um amor tão grande e verdadeiro que merece plena confiança. O fundador dos Franciscanos na Providência Frei Francisco Belloti, fraternidade sob a qual teve inspiração de Padre Albino, testemunhou:

O Servo de Deus era uma pessoa determinada e não tinha medo de proclamar a verdade evangélica, nem perdia o ardor de sua missão. Creio que tinha bem clara no coração a sua vocação: não demonstrava nem medo nem reservas em ir ao encontro das pessoas para expor como compreendia a sua missão no mundo social<sup>219</sup>.

---

<sup>217</sup> Cf. Altair Manieri et al., «Estudo 01 - Doutrina Social da Igreja: Fundamentos bíblicos e primeiros séculos do cristianismo», Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2025, <https://cepastcnbb.org.br/estudo-01-doutrina-social-da-igreja-fundamentos-biblicos-e-primeiros-seculos-do-cristianismo/>.

<sup>218</sup> Cf. Manieri et al., «Estudo 01 - Doutrina Social da Igreja: Fundamentos bíblicos e primeiros séculos do cristianismo».

<sup>219</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 119 Testemunho VI: Nélio Joel Angeli Belotti.

### 3.1.4. Esperança

O caminhar pode ser entendido não apenas em sua dimensão física, restrita ao deslocamento corporal, mas também como metáfora do percurso existencial que cada ser humano realiza ao longo da vida. Nesse horizonte, o grande desafio consiste em caminhar sustentado pela esperança, preservando-a não obstante os contextos de provação e em momentos historicamente ou pessoalmente adversos. Este alerta foi repetidamente feito pelo Papa Francisco «a vida cristã é um caminho, que precisa também de momentos fortes para nutrir e robustecer a esperança» (SnC, 8). A existência terrena não se apresenta como referência última para a eternidade; ao contrário, é a vida eterna que ilumina e dá sentido à vida presente. Sob o olhar meramente humano, a trajetória parece ir da vida para a morte; porém, à luz da fé cristã, o caminho se revela como passagem da morte para a vida plena, na qual Deus se manifesta como o Senhor dos vivos, guardando pessoalmente o nome de cada pessoa.

Assim como o Papa Francisco assinalou constantemente a esperança, o Padre Albino a viveu profundamente por todo seu apostolado. Viver plenamente o Batismo significa rejeitar a indiferença diante da miséria e da violência que se naturalizam no cotidiano. A sociedade tende a acostumar-se com a exclusão dos pobres, a marginalização dos refugiados e a ausência da fé no âmbito familiar, o que resulta em um coração anestesiado frente às exigências do Evangelho. Em contraste com qualquer forma de indiferença, Padre Albino atuou sempre animado por uma esperança concreta, orientada à criação de instituições de saúde e de assistência social voltadas ao cuidado do próximo. Nesse âmbito, Milton Silva destaca que «Teve sempre esperança na Misericórdia e na Providência Divina; começava a construir as obras sem nada, confiando unicamente na Providência Divina. Era completamente desapegado dos bens terrenos»<sup>220</sup>.

Nos Evangelhos, Jesus ensina caminhando, não transmitindo ideologia ou filosofia abstrata, mas oferecendo um itinerário de vida que deve ser percorrido junto com Ele. Esse caminho, marcado pela Cruz, exige coragem e confiança, pois a esperança cristã encontra-se justamente no mistério pascal de morte e ressurreição. Às vezes torna-se necessário edificar a esperança, no sentido de que cada discípulo missionário se empenhe, com dedicação e cuidado, para que ela possa renovar e florescer no coração das pessoas, o Papa Francisco esclarece isso: «os discípulos de Cristo são os primeiros convocados a formar-se para serem “artesãos” de esperança e restauradores de uma humanidade, frequentemente, distraída e infeliz»<sup>221</sup>.

O ato de caminhar apresenta-se como arte que exige equilíbrio: nem estagnar nem acelerar demais, mas avançar com perseverança, aceitando o cansaço e as dificuldades. A queda,

---

<sup>220</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 143 Testemunho XV: Milton Silva.

<sup>221</sup> Francisco, «Mensagem do Papa Francisco para o XCIX Dia Mundial das Missões 2025»§ 3.

inevitável na jornada, não constitui o maior problema, mas a permanência no chão; a verdadeira arte está em levantar-se e prosseguir com esperança (cf. SnC, 25).

A missão de Jesus tem início na Galiléia, território periférico e culturalmente diverso, símbolo de abertura universal da mensagem cristã, que não excluía ninguém, nota-se que «não são as pessoas com saúde que precisam de médico, mas as doentes. Não é a justos que vim chamar à conversão, mas a pecadores» (Lc 5, 31-32). Essa realidade se aproxima do mundo atual, marcado pelo encontro e confronto de culturas, onde a tentação do fechamento e da autodefesa deve ser superada pela atitude de abertura e anúncio a todos.

A vida cristã não pode permanecer estática, pois a estagnação conduz à corrupção espiritual. É necessário avançar diariamente, sustentado pela misericórdia de Deus, que nunca se cansa de perdoar e restaura a dignidade do ser humano. A fidelidade divina se manifesta na memória que Deus guarda de cada pessoa, confirmando sua presença constante (EG, 129).

### **3.2. A paz é fruto da justiça**

O livro mais messiânico da Antigo Testamento, o do profeta Isaías<sup>222</sup>, apresenta a paz como uma realidade total, assim descreve: «A paz constitui fruto da justiça» (Is 32, 17), contudo, está relacionado com todas as dimensões da pessoa, como apresenta a doutrina social; «entendida em sentido amplo como o respeito ao equilíbrio de todas as dimensões da pessoa humana» (CDSI, 494). Ao mesmo tempo, a paz é também fruto do amor. Nesse horizonte, Tomás de Aquino retrata: «A verdadeira paz é mais matéria de caridade que de justiça, pois a função da justiça é somente remover os obstáculos para a paz: a ofensa e o dano; mas a paz, ela mesma, é ato próprio e específico da caridade»<sup>223</sup>.

Muito pode ser feito em favor dos pobres, dos frágeis e dos que sofrem, promovendo a justiça e edificando a paz. A história recente mostrou a violência gerada pela tentativa de excluir Deus do horizonte humano (cf. FT, 274). Percebe-se, porém, que nesse esforço por defender a dignidade da pessoa, construir uma convivência pacífica entre os povos e cuidar da criação, caminham juntos também homens e mulheres sem vínculo religioso explícito, mas que buscam a verdade, a bondade e a beleza. Tornam-se, assim, aliados preciosos nessa tarefa comum.

A atenção do Papa Francisco aos pobres não nasce de ideologia política, mas do coração do Evangelho, no qual a pobreza ocupa lugar central desde o Antigo Testamento. A opção preferencial pelos pobres, portanto, não deve ser confundida com comunismo, mas reconhecida

---

<sup>222</sup> Cf. *Bíblia Sagrada*, 18.<sup>a</sup> ed. (Edições CNBB, 2012).

<sup>223</sup> Tomás de Aquino, *Suma de Teologia*, VII vol. II, q. 29, art. 3.

como expressão autêntica da caridade cristã, que se concretiza no cuidado com refugiados, feridos e vítimas da violência e exploração. Sobre o comunismo o Padre Albino tinha uma posição bastante clara: «Tudo é ruim no comunismo, nada é bom»,<sup>224</sup> assim proferiu numa de suas homílias.

Francisco exige que ninguém fique sozinho, excluído, conforme assinala: «Cuidemos de quem sofre e está sozinho, porventura marginalizado e descartado»<sup>225</sup>. Nessa perspectiva, o Papa Francisco, sobre a opção preferencial pelos pobres configura-se como caminho de assimilação ao Pai misericordioso e como sinal concreto na busca da justiça e do amor nas relações interpessoais<sup>226</sup>. Essa opção exige a coragem de iniciar, de forma progressiva, uma síntese entre justiça e solidariedade, um horizonte ao qual toda a humanidade é chamada:

A opção preferencial pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus manifesta a sua misericórdia antes de mais a eles. [...] Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles (EG, 198).

Os cristãos carregam sua própria fragilidade ao anunciar o Evangelho – são “vasos de barro” que contêm um tesouro precioso (cf. 2Cor 4, 7). No entanto, é justamente essa debilidade que evidencia que a força da evangelização não provém deles, mas de Deus. Daí deriva a necessidade de se abrir ao Espírito Santo, tornando-se instrumentos de misericórdia e ternura, especialmente em favor dos pobres, dos excluídos e dos doentes. Evangelizar, portanto, não é uma opção secundária, mas uma exigência constitutiva da fé cristã. Como prova desta vivência de Padre Albino, testemunhou Vera Leão: «Padre Albino preocupou-se, antes de tudo, em catequizar e evangelizar os seus paroquianos, bem como em prover às suas necessidades, sobretudo no que dizia respeito à assistência sanitária e à formação cultural dos jovens»<sup>227</sup>.

Recorda-se, que no momento da eleição papal, o cardeal Cláudio Hummes dirigiu a advertência e essa recordação levou à escolha do nome Francisco, inspirado no santo de Assis, símbolo da paz, da pobreza e do amor à criação. Assim, delineou-se o desejo de uma Igreja pobre e para os pobres, fiel ao testemunho de simplicidade e de proximidade com os mais necessitados. O papa mesmo que explicou:

Na eleição, tinha ao meu lado o Cardeal Cláudio Hummes, o arcebispo emérito de São Paulo e também prefeito emérito da Congregação para o Clero: um grande amigo, um grande amigo! Quando o caso começava a tornar-se um pouco «perigoso», ele animava-me. E quando os votos atingiram dois terços, surgiu o habitual aplauso, porque foi eleito o Papa. Ele abraçou-me, beijou-me e disse-me: «Não te esqueças dos pobres!» E aquela palavra

<sup>224</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 254–56 Doc. 34.

<sup>225</sup> Francisco, «Mensagem de Sua Santidade Papa Francisco Para o XXXII Dia Mundial do Doente», 2024, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/20240110-giornata-malato.html>.

<sup>226</sup> Cf. Grieu, «Ricevere la buona notizia dai più poveri», 3.

<sup>227</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 131 Testemunho XI: Vera Helena Milan Leão.

gravou-se-me na cabeça: os pobres, os pobres. Logo depois, associando com os pobres, pensei em Francisco de Assis<sup>228</sup>.

Um dos grandes atributos que se encontra no Padre Albino é o apreço pela verdade, não obstante a preservação de uma verdade com caridade. Este atributo já lhe foi proferido nas orações fúnebres dirigidas a si: «A compreensão humana deve se exteriorizar, se manifestar e se sublimar, segundo os exemplos deixados por monsenhor Albino na caridade e na solidariedade»<sup>229</sup>. Neste sentido também assinala o Papa Bento XVI:

A caridade na verdade coloca o homem perante a admirável experiência do dom. A gratuidade está presente na sua vida sob múltiplas formas, que frequentemente lhe passam despercebidas por causa duma visão meramente produtiva e utilitarista da existência. O ser humano está feito para o dom, que exprime e realiza a sua dimensão de transcendência. (CV, 34)

### 3.2.1. *Periferias do mundo*

A expressão periferias do mundo possui um sentido estritamente físico e geográfico, entretanto, no pensamento do Papa Francisco, assume também uma dimensão existencial e social. O termo refere-se a espaços e territórios marcados pelo sofrimento, onde a dor e a indignação se manifestam de forma intensa. Trata-se de regiões castigadas por guerras, genocídios, fome, seca, regimes ditatoriais, desastres ecológicos e pela violência associada ao tráfico de drogas. «Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo» (EG, 187).

Embora ninguém almeje habitar tais periferias, o planeta encontra-se povoado por esses espaços de exclusão e dor. Nesses contextos, a esperança e o consolo revelam-se mais necessários do que em qualquer outro lugar. A proposta de uma Igreja em saída, formulada por Jorge Mario Bergoglio, apresenta-se como resposta a essa realidade, com uma dupla função: por um lado, aliviar e curar; por outro, transmitir a mensagem libertadora e esperançosa do Evangelho<sup>230</sup>.

A insistência recai sobre o fato de que a Igreja não pode ser reduzida a uma organização não governamental de caráter assistencial. A sua missão é comunicar a mensagem de Cristo, irradiar a sua luz e a sua palavra. Com isso, Francesc Torralba indica o sentimento do papa ao

---

<sup>228</sup> Francisco, «Discurso do Santo Padre Francisco», Vatican, 16 de março de 2013, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco\\_20130316\\_rappresentanti-media.pdf](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.pdf).

<sup>229</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 264 Doc. 40.

<sup>230</sup> Cf. Francesc Torralba, *Diccionário do Papa Francisco*, trad. Inês Guerreiro (Farol, 2022), 285–86.

expressar: «deve ser mãe e mestra, hospital de campanha, assim como foco transmissor de esperança na ressurreição»<sup>231</sup>.

Nesse horizonte, atribui-se às instituições educativas a responsabilidade de dar a conhecer as periferias do mundo, a fim de que as novas gerações não sucumbam à denominada “globalização da indiferença”. Torna-se fundamental combater a ignorância, a delinquência e a marginalização por meio das ferramentas da educação, de modo a evitar a reprodução de novas periferias.

Uma Igreja fechada em si mesma, centrada apenas em regras ou em hábitos do passado, trai sua identidade apostólica. É necessário redescobrir a beleza de ser Igreja em saída, fiel à sua vocação missionária, é brilhante a novidade do termo que o papa traz: «A Igreja “em saída” é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido» (EG, 46). A autêntica identidade eclesial não se encontra no fechamento, mas na abertura à missão que prolonga o envio dos Apóstolos. Um dado importante levantado por Van Thuan é de que a Igreja faz parte da minoria, começou assim com Cristo, e mesmo diante desta realidade ela deve ir as periferias: «A Igreja como “minoría” é chamada a viver segundo este estilo do Evangelho, a fazer suas as prioridades e as preferências de Jesus».<sup>232</sup>

A Igreja deve sair de si mesma e assumir os riscos da missão, preferindo a abertura ao mundo ao fechamento estéril. Sua identidade realiza-se na proximidade com os pobres, onde se toca a carne de Cristo, pois a pobreza, enraizada na encarnação, é categoria teológica e fundamento de uma Igreja pobre para os pobres. Como grande referencial da temática da atenção aos pobres e a pobreza encontra-se o santo de Assis, Francisco, o qual afirma: «Os que vinham para receber esta vida, davam aos pobres tudo o que podiam ter».<sup>233</sup> Ao que revela de Padre Albino, com seu olhar agregador, foi capaz de compreender as situações de pobreza ao seu redor, não apenas compreender e, sim, de sempre estender a mão para ajudar as pessoas se levantarem. Com evidências desde a sua infância e depois como missionário, à vista disso destaca-se:

A vila ou aldeia onde nasci, poderia ter, então, umas duzentas famílias e algumas delas muito pobres. Meus pais davam, diariamente, em minha casa, almoço ou jantar a uns cinco ou seis desses pobres e, enquanto eles esperavam a comida, eu nunca deixava de conversar e de ouvir as lamúrias, as lamentações desses velhinhos e velhinhas. Criado e formado nesse ambiente

---

<sup>231</sup> Torralba, *Diocionário do Papa Francisco*, 286.

<sup>232</sup> François Xavier Nguyen van Thuan, *Testemunhas da Esperança*, trad. Maria Delfina Chorão de Aguiar (Gráfica de Coimbra, 2000), 189.

<sup>233</sup> Fassini, *Fontes Franciscanas*, 84 Testamento § 16.

de miséria alheia, o meu coração ficou naturalmente inclinado ao amor a pobreza. Eis 0 que pode fazer o bom exemplo dado as crianças!<sup>234</sup>

Esta atenção especial dirigida aos pobres das periferias do mundo, Padre Albino manteve-se até o fim de sua vida, exercitando continuamente a prática da mendicância, atitude que se configurava como um exercício de seu desprendimento:

Mais uma vez venho bater as portas. Mais velho, mais alquebrado, sob o peso de meus 86 anos as pernas já quase não me sustentem, como nas andanças de outrora, quando pessoalmente o procurava para pedir, pedir sempre, para meus pobres, para as minhas obras assistenciais, enfim para esta Catanduva que é todo o meu coração<sup>235</sup>.

A missão cristã exige que os fiéis sejam portadores da Palavra de vida em todos os ambientes: nos bairros, no trabalho e em cada espaço de convivência. O Evangelho apresenta a imagem do pastor que deixa noventa e nove ovelhas para buscar a que se perdeu (cf. Lc 14, 4-7), entretanto a realidade atual parece mostrar o inverso: falta ir ao encontro das “noventa e nove” que estão distantes. O vietnamita Van Thuan chama este estado de periferia de terra dolorosa, «No meu trabalho cotidiano verifico porém que inúmeros povos sofrem por serem marginalizados e discriminados e não ser respeitada a sua dignidade humana. Há muitos “Lázarus” à mesa dos ricos, angustiados pela pobreza e insegurança sanitária e cultural»<sup>236</sup>. Isso significa que a Igreja não pode permanecer fechada em si mesma, limitada ao espaço paroquial, mas deve sair em busca daqueles que ainda não experimentaram a presença de Cristo.

O chamado à missão inclui a atenção concreta às misérias humanas. A pobreza material, manifestada na carência de direitos e necessidades básicas, interpela a ação da Igreja, que é impelida a se colocar ao lado dos pobres para curar as feridas da dignidade humana. Neles, os cristãos reconhecem o rosto de Cristo, de modo que amar e servir os pobres é, em última instância, amar e servir o próprio Senhor. É dever de cada cristão exorta a doutrina social: «O cristão é chamado a trabalhar não só para conseguir o pão, mas também por solicitude para com o próximo mais pobre» (CDSI, 265).

### 3.2.1.1 Naturalização da Miséria

Quase de forma integral, o ministério do pontificado do Papa Francisco foi embasado na seara da misericórdia, a começar pela escolha de seu lema de vida, «como mote e programa de vida, a expressão de são Beda *miserando atque eligendo* (Olhou-o com misericórdia e o elegeu),

---

<sup>234</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 246 Doc. 30.

<sup>235</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 256 Doc. 36.

<sup>236</sup> Thuan, *Testemunhas da Esperança*, 46.

que reproduziu também no brasão pontifício»<sup>237</sup>. Nele há uma clara referência ao chamado vocacional de São Mateus (cf. Mt 9, 9), cuja festa celebra-se a 21 de setembro, mesmo dia do chamado vocacional do jovem Bergoglio.

O conceito de naturalização designa o processo de transformar em natural aquilo que não o é. Aplicado à miséria, implica concebê-la como fenômeno normal ou inevitável, quando, na realidade, se trata de um flagelo decorrente de fatores históricos, sociais, políticos e ambientais, tais como a desigualdade, as guerras, a exploração laboral e a degradação ecológica (cf. MV, 15).

A miséria distingue-se da pobreza por representar a ausência absoluta de recursos indispensáveis à sobrevivência humana. «Não podemos esquecer-nos dos pobres: trata-se dum convite hoje mais atual do que nunca, que se impõe pela sua evidência evangélica» (MMi, 20), nesta veemência aborda o Papa Francisco. A sua naturalização associa-se a processos de habituação e à chamada globalização da indiferença, nos quais a repetição das imagens de sofrimento, mediadas pelos meios de comunicação, conduz à banalização da dor e à diminuição da capacidade de indignação.

O Papa Francisco denuncia a miséria como escândalo ético e social, sublinhando que não decorre da escassez de recursos, mas da má distribuição dos mesmos, ele afirma «é uma vergonha a existência de seres humanos viver em condições miseráveis no planeta, é um escândalo que brada aos céus»<sup>238</sup>. A sua permanência revela a falta de vontade política para a sua erradicação, configurando uma afronta à dignidade humana. A naturalização da miséria, ao produzir conformismo e resignação, enfraquece o compromisso coletivo de enfrentamento desse fenômeno e compromete a responsabilidade moral de combatê-lo<sup>239</sup>.

A opção de Jesus pela pobreza não se explica pela pobreza em si, mas pela lógica do amor divino que, pela encarnação e pela cruz, transforma a fragilidade em fonte de riqueza espiritual. Diferentemente de uma esmola piedosa ou de uma filantropia que dá do supérfluo, a pobreza de Cristo expressa a total entrega de si mesmo, inaugurando a verdadeira lógica da salvação.

Existe sim, uma opção preferencial pelos pobres por parte da Igreja «o amor preferencial pelos pobres representa uma opção fundamental da Igreja, e ela o propõe a todos os homens de boa vontade» (CDSI, 3), contudo, esta opção não invalida a sua responsabilidade de cuidar de todos, sobretudo ao que se refere a salvação das almas, sendo está a sua lei suprema

---

<sup>237</sup> Dicastério para a Comunicação, «Explicação do Brasão “miserando atque eligendo”», Vatican, acedido 28 de setembro de 2025, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/elezione/stemma-papa-francesco.html>.

<sup>238</sup> Torralba, *Diocionário do Papa Francisco*, 250.

<sup>239</sup> Cf. Torralba, *Diocionário do Papa Francisco*, 249–51.

«observando a equidade canônica e tendo-se sempre diante dos olhos a salvação das almas, que deve ser sempre a lei suprema na Igreja» (CIC, 1752). Também foi e nisso está a preocupação de Padre Albino: «Façamos, pois, todos, por alcançarmos as bem-aventuranças eterna, que está ao alcance de todos, para revermos os nossos parentes que já a possuem, pela prática das virtudes cristãs»<sup>240</sup>. Embora se reconheça uma clara preferência pelos pobres, permanece o grande desafio de discernir por onde iniciar a ação, uma vez que a pobreza se manifesta em múltiplas formas e em diferentes contextos. Como observa Edmilson Santos, trata-se de uma realidade difusa que interpela continuamente a missão pastoral e social: «Sem dúvida, a efetiva opção pelos pobres continua sendo um desafio para a Igreja, que se vê constantemente interpelada pelo evangelho e a própria realidade, pois em qualquer direção que olharmos, vamos nos deparar com alguém em situação de vulnerabilidade»<sup>241</sup>.

### 3.2.1.2 Fragilidade

Na antropologia implícita no magistério de Jorge Mario Bergoglio, sobressai o reconhecimento da vulnerabilidade como traço universal da condição humana «somos chamados a cuidar da fragilidade do povo e do mundo em que vivemos» (EG, 216). Essa visão, em consonância com a tradição bíblica, recorda a natureza transitória do ser humano, comparado ao pó ou a vasos de barro, o que fundamenta a necessidade de uma ética do cuidado. A fragilidade humana, longe de ser apenas limitação física, possui também uma dimensão moral, que remete à possibilidade de falha, arrependimento e reconciliação.

No pensamento de Bergoglio, a fragilidade assume caráter ambíguo: revela precariedade e transitoriedade, mas, ao mesmo tempo, torna-se origem da relação interpessoal e da abertura à alteridade. A experiência da vulnerabilidade conduz à consciência da dependência mútua, reforça os vínculos comunitários e desperta a humildade ontológica, afastando da soberba existencial e aproximando do mistério de Deus. «Cuidar da fragilidade das pessoas e dos povos significa guardar a memória e a esperança; significa assumir o presente na sua situação mais marginal e angustiante e ser capaz de ungi-lo de dignidade»<sup>242</sup>.

Essa dimensão moral da fragilidade encontra seu correlato teológico no pecado, entendido como transgressão derivada da debilidade moral. O reconhecimento da própria limitação conduz à consciência da necessidade da graça divina, capaz de curar e restaurar. Em harmonia

---

<sup>240</sup> Doc. 30 Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 247.

<sup>241</sup> Santos, «Evangelização e promoção humana à luz da Evangelii Gaudium e da Doutrina Social da Igreja», 6.

<sup>242</sup> Francisco, «Discurso do Santo Padre ao Parlamento Europeu», Vatican, 2014, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco\\_20141125\\_strasburgo-parlamento-europeo.html#\\_ftn8](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141125_strasburgo-parlamento-europeo.html#_ftn8).

com a constituição pastoral *Gaudium et spes*, Bergoglio descreve o ser humano como portador de uma *semina aeternitatis*, uma semente de eternidade que, embora guardada em recipientes frágeis, constitui a fonte última de esperança diante da morte<sup>243</sup>.

### 3.2.1.3 Cultura do Descarte

A expressão “cultura do descarte”, recorrente no magistério do Papa Francisco, designa uma prática de exclusão que reduz pessoas à condição de descartáveis quando não correspondem aos padrões dominantes. Essa lógica, presente de modo particular no sistema neoliberal, fragiliza a dignidade humana, valor central da Doutrina Social da Igreja.

As principais vítimas dessa dinâmica são os pobres, os frágeis e os vulneráveis – doentes, pessoas com deficiência, dependentes e idosos. A lógica social que privilegia a saúde e a produtividade marginaliza a fragilidade e a dependência, em contraste com a antropologia bíblica, que reconhece no ser humano a necessidade constitutiva do cuidado. O descarte dos idosos, em especial, compromete a transmissão da memória coletiva e das raízes culturais, enquanto a exclusão das crianças e dos jovens manifesta-se na exploração laboral ou na negação de oportunidades. Como grande profeta e um dos elementos constituintes do caráter profético é a exortação à conversão, o Papa Francisco nunca teve medo de denunciar, e denunciou inúmeras vezes o sistema instalado da cultura do descarte: «Persistem hoje no mundo inúmeras formas de injustiça, alimentadas por visões antropológicas redutivas e por um modelo económico fundado no lucro, que não hesita em explorar, descartar e até matar o homem» (FT, 22).

A crítica do Papa sublinha, portanto, que a cultura do descarte constitui não apenas uma ameaça ética, mas também uma perda social e antropológica, pois atinge a dignidade intrínseca da pessoa e corrói a coesão comunitária ao eliminar os vínculos intergeracionais e enfraquecer a solidariedade social<sup>244</sup>. Para o Papa Francisco, a dimensão social não é acrescentada ao Evangelho, mas tem com ele uma relação interna e intrínseca:

Ao lermos as Escrituras, fica bem claro que a proposta do Evangelho não consiste só numa relação pessoal com Deus. [...] A proposta é o Reino de Deus (Lc 4,43); trata-se de amar a Deus, que reina no mundo. Na medida em que ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos (EG, 180).

---

<sup>243</sup> Cf. Torralba, *Diocionário do Papa Francisco*, 175–77.

<sup>244</sup> Cf. Torralba, *Diocionário do Papa Francisco*, 71–74.

A cultura do descarte não fazia parte do vocabulário do Padre Albino, ele fez exatamente o contrário, sua conduta evidenciava a opção pela acolhida incondicional. Exigia que todos fossem atendidos ao recorrerem às suas obras, como atestam um caloroso testemunho:

Um doente que vem de longe, chega e é internado. Não há formalidades. Que pode fazer um pobre diabo perambulante, sem dinheiro e enfermo, a procurar atestados e assinaturas a fim de que se possam abrir as portas do hospital para indigentes? Não. Nada pode fazer. Por isto, não temos organização neste particular. O “camarada” aparece e longe já vai para o nosso estoque que dia a dia aumenta, pois vem gente de longe que é recusada em muitas cidades, mas em Catanduva, não. E temos de tudo aí, para dar aos infelizes. E a porta do hospital, está sempre apinhada de pobres, que recebem medicamentos e receitas, consultas e tratamentos, sem que lhes perguntarmos, nem sequer os nomes. Não temos com vê, organização. Esta atrasaria todo o expediente: e a dor e o sofrimento que se procura diminuir e cortar, não pode esperar pelos métodos<sup>245</sup>.

### 3.2.2. *O cuidado como ação fundamental*

O crescimento da igualdade social não pode ser reduzido ao mero incremento econômico, ainda que este constitua condição necessária. Ele exige, de modo mais profundo, uma compreensão antropológica que reconheça a dimensão transcendente da pessoa humana. Com efeito, desprovido da perspectiva de um imperativo ético e de uma vida eterna, o progresso terreno corre o risco de se tornar limitado, carecendo de horizonte e sentido último. Macarri ao falar da cultura do cuidado do cuidado do Papa Francisco aborda assim: «E é esse compromisso em cuidar dos mais frágeis que nos revela a cultura do cuidado, cultura esta que se impõe como um imperativo ético para o convívio social e um novo estilo de vida»<sup>246</sup>.

Além disso, a promoção da cultura do cuidado requer decisões políticas e institucionais, bem como a implementação de mecanismos e processos que favoreçam uma distribuição mais equitativa das riquezas, a criação de oportunidades laborais dignas e a efetiva promoção integral dos pobres. «A atitude basilar de se autotranscender, rompendo com a consciência isolada e autorreferenciada, é a raiz que possibilita todo o cuidado dos outros e do meio ambiente; e faz brotar a reação moral de ter em conta o impacto que possa provocar cada ação e decisão pessoal fora de si mesmo» (LS, 208). Tal promoção não deve restringir-se a práticas assistencialistas, mas configurar-se como um processo emancipatório e transformador. Macarri afirma que: «Tanto a encíclica *Laudato Si'* quanto a *Fratelli Tutti* realçam a dimensão do cuidado: cuidar

---

<sup>245</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 23.

<sup>246</sup> Maccari, «A contribuição do Papa Francisco à Doutrina Social da Igreja: um percurso de posicionamentos sócio político-econômico», 132.

da fragilidade. O dever ético que faz emergir uma cultura do cuidado que permeie toda a sociedade»<sup>247</sup>.

Paralelamente, nas vias da cultura do cuidar, Padre Albino, no dia 9 de junho de 1968, redigiu uma mensagem circular que pode ser considerada um documento paradigmático de sua trajetória pastoral e social, pois revela o vínculo profundo estabelecido com a população de Catanduva e sua notável capacidade de articulação junto aos diferentes setores da sociedade. A circular evidencia tanto a dimensão administrativa de sua atuação quanto o sentido pastoral que orientava sua visão de serviço público e eclesial.

Atualmente há na cidade o Hospital Padre Albino que é a sua Santa Casa de Misericórdia, abrangendo a Maternidade e a Pediatria, anexos a êle e ainda o Asilo de Velhos. Essa Santa Casa, nada deve a seus fornecedores; paga aos viajantes as duplicatas, com descontos; trabalham nela 38 bons médicos: clínicos, ortopedistas, anestesistas, alguns operando cataratas e outros emiesofago e ainda outros fazem tôda espécie de operações. Mantém em sua boa administração 14 Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição, 132 empregados, homens, mulheres e moças, recebendo todos pontualmente seus salários.<sup>248</sup>

A circular de 1968 da Santa Casa de Misericórdia de Catanduva não apenas registrava a gestão de Padre Albino, mas projetava sua visão estratégica para o futuro das obras assistenciais. O questionário anexo, voltado a medir o interesse popular em participar como acionista da futura fundação mantenedora da Faculdade de Medicina, evidencia sua capacidade administrativa e sua preocupação em institucionalizar e dar perenidade às iniciativas criadas. A assembleia de constituição da fundação, realizada em 30 de outubro de 1968, simbolizou a transição da obra pessoal e carismática do sacerdote para uma estrutura jurídica coletiva, orientada à sustentabilidade. Nesse gesto, Padre Albino demonstrou prudência administrativa e consciência histórica, antecipando debates atuais sobre filantropia, governança e responsabilidade social.

O documento evidencia a concepção abrangente de caridade cultivada por Padre Albino, que entendia a saúde em sentido integral, contemplando hospital, maternidade, pediatria e asilo de idosos. O documento destaca não apenas a expansão assistencial, mas também o rigor administrativo, com ênfase na transparência financeira, na ausência de dívidas e na austeridade como marca de gestão. Assim, a circular configura-se como testemunho histórico da capacidade de Padre Albino de integrar dimensões espirituais, sociais e administrativas, consolidando sua obra como referência de responsabilidade institucional e compromisso comunitário<sup>249</sup>.

---

<sup>247</sup> Maccari, «A contribuição do Papa Francisco à Doutrina Social da Igreja: um percurso de posicionamentos sócio político-econômico», 147.

<sup>248</sup> Albino Alves da Cunha e Silva, «Fatos Antigos e Modernos», *A Feiticeira, Cópia Pública III*, 731-732, 5 de setembro de 1971, 56.

<sup>249</sup> Cf. Revista A Feiticeira VII, n. 30.

Nesse processo, o sacerdote articulava-se com notável competência no manejo dos bens materiais. Diversas propriedades foram transformadas em fontes de renda destinadas ao hospital e demais serviços assistenciais. Entre os exemplos, destacam-se uma área em Itajobi, onde se mantinham duas casas e a criação de suínos, bem como uma fazenda de café em Porecatu (Paraná), doada por Riccardo Lunardelli. Além desses empreendimentos, a fundação beneficiava-se continuamente de doações que Padre Albino conseguia mobilizar, assim como de uma pensão enviada por seus familiares em Portugal, proveniente da herança de bens da família. Esse modelo de financiamento diversificado revela um traço singular de sua gestão: a combinação entre caridade popular, apoio de benfeitores e racionalização patrimonial.

Ricardo Lunardelli comprou terras no norte do Paraná e, quando celebrei o meu jubileu paroquial, ofereceu-me cem alqueires de suas férteis terras; mas recusei, dizendo-lhe que as doasse aos pobres, considerando-a como doada a mim. Então ele fez a doação, por escritura pública, de cem alqueires de ótimas terras à Associação Beneficente de Catanduva.<sup>250</sup>

O reconhecimento dessa postura equilibrada e visionária pode ser ilustrado pelo testemunho do padre doutrinário Giovanni Albera, que, em conferência proferida em 1968, descreveu Monsenhor Albino como “homem de fé e verdadeiro sacerdote do Altíssimo”, sublinhando sua dedicação à formação sacerdotal e a perseverança que o caracterizava como sinal de vocação autêntica<sup>251</sup>. Tal apreciação reforça a percepção de que sua atuação administrativa não se dissociava de sua identidade sacerdotal, mas antes constituía extensão concreta de sua espiritualidade e compromisso evangélico.

Entre as iniciativas mais relevantes dos últimos anos de Padre Albino destaca-se o Sanatório dos Tuberculosos, confiado às Irmãs Pequenas Missionárias de Maria Imaculada. Acolhendo cerca de 700 pacientes, a instituição alcançou reconhecimento nacional como referência em sua especialidade, mesmo diante da resistência inicial da população local ao tratamento da tuberculose. O êxito do empreendimento evidencia a capacidade do sacerdote de enfrentar, com visão inovadora e coragem pastoral, desafios de saúde pública marcados pelo estigma social<sup>252</sup>.

Assim, os últimos anos de Padre Albino revelam não apenas sua constância espiritual, mas também sua habilidade como gestor e estrategista social. Ao conjugar fé, caridade e racionalidade administrativa, soube lançar as bases de um projeto institucional que ultrapassou os limites de sua biografia e se perpetuou como legado coletivo para a comunidade de Catanduva e região. A fazer ressonância com a atuação de Padre Albino, marcada por uma

---

<sup>250</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 82 Testemunho I: Synval Januário. Breve consideração.

<sup>251</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 15.

<sup>252</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 315–16.

prática social orientada ao cuidado, encontra-se a confirmação dessa mesma lógica na linguagem e no magistério do Papa Francisco, conforme cita Macarri: «A dimensão do cuidado, é, por fim, o centro do pensamento social do Papa Francisco: cuidar das fragilidades e das periferias: sejam elas, urbanas, físicas ou existenciais»<sup>253</sup>.

### 3.2.3. *A não perder o ponto de partida*

A exortação de Clara de Assis: «Não perca de vista seu ponto de partida, conserve o que você tem, faça o que está fazendo e não o deixe mais, em rápida corrida»<sup>254</sup>, sintetiza uma espiritualidade de fidelidade e perseverança. Nela se destaca a importância de permanecer enraizado no propósito inicial da vocação cristã, valorizando os dons recebidos e a constância na prática cotidiana. Observa-se que mesmo com as intempéries da vida, Albino não perdeu o seu ponto de partida. Nem a perseguição, muito menos os acidentes.

Um grave acidente automobilístico acometeu Padre Albino, no dia 17 de fevereiro de 1959, em Catanduva, quando se deslocava para uma reunião no Patronato de Nossa Senhora das Dores. O veículo em que se encontrava foi violentamente atingido por outro automóvel conduzido por um jovem, e a força do impacto o lançou para fora do carro, ocasionando fraturas nas costelas e traumatismos cranianos. O episódio produziu forte comoção coletiva: imediatamente internado no hospital por ele mesmo fundado, permaneceu em tratamento durante cinquenta e cinco dias, período no qual centenas de pessoas acorriam diariamente à instituição, seja para doar sangue, seja para rezar, seja para obter informações acerca de seu estado clínico<sup>255</sup>.

Embora tenha gradualmente retomado as atividades religiosas e sociais, o acidente deixou sequelas permanentes. Nos anos subsequentes, seu estado de saúde agravou-se progressivamente, obrigando-o a utilizar primeiramente uma bengala e, posteriormente, cadeira de rodas. Apesar das limitações físicas, Padre Albino não interrompeu sua atuação pastoral e social, permanecendo atento à manutenção das obras que fundara e às necessidades da população mais vulnerável (cf. FT, 233).

O envolvimento de Padre Albino com a Fundação que levava seu nome demonstra sua preocupação em garantir a continuidade institucional de sua missão social e espiritual. Além de transferir à Fundação a gestão de hospitais, escolas e obras assistenciais, manteve papel

---

<sup>253</sup> Maccari, «A contribuição do Papa Francisco à Doutrina Social da Igreja: um percurso de posicionamentos sócio político-econômico», 149.

<sup>254</sup> Fassini, *Fontes Franciscanas*, 1361.

<sup>255</sup> Cf. Victor Rodrigues de Assis, *Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva*, 129.

orientador nos âmbitos espiritual, administrativo e ético, deixando um legado material e normativo que serviu de referência para seus sucessores<sup>256</sup>. Nos últimos anos, já debilitado pela idade e pela doença, Padre Albino recolheu-se ao hospital, mas manteve ativa rede de relações com autoridades, fiéis e colaboradores. Sua fragilidade física contrastava com a força moral e espiritual que continuava a exercer, constituindo-se em testemunho eloquente de liderança pastoral sustentada na vulnerabilidade.

Até o fim, manifestou em discursos, alocações e pequenos encontros a essência de seu projeto de vida: fidelidade à providência divina, dedicação aos pobres e convicção no papel transformador da educação. Tais elementos constituíram a base de sua identidade pastoral e missionária, perpetuando-se como inspiração para a comunidade catanduvense e para os religiosos e religiosas que deram continuidade à sua obra.

Àquela altura, sua presença havia ultrapassado a dimensão estritamente eclesial, tornando-se símbolo da própria cidade de Catanduva. Respeitado e amado pela população, Padre Albino era visto não apenas como líder religioso, mas como referência ética, moral e social, cuja vida expressava um modelo singular de sacerdócio encarnado na história local<sup>257</sup>. E definiu assim sua concepção do sacerdócio: «O sacerdote deve ser pobre, viver dignamente, mas na pobreza, com os pobres e para os pobres! Ele não está neste mundo para se ocupar com bens materiais, mas com os celestes e eternos»<sup>258</sup>.

### **3.3. Amar servindo e servir amando**

A identidade cristã define-se, antes de tudo, pela assimilação do modo de vida de Jesus Cristo, mais do que pela mera adesão doutrinal, prática sacramental ou fidelidade a tradições institucionais «Seguindo a Cristo e em união com Ele, os cristãos podem esforçar-se por ser imitadores de Deus, como filhos bem amados, e por proceder com amor, conformando os seus pensamentos, palavras e ações com os sentimentos de Cristo Jesus» (CCE, 1694). Nessa perspectiva, o cristianismo apresenta-se como um humanismo teológico, no qual a revelação em Cristo confirma que a autenticidade da fé coincide com a autenticidade do humano. Tudo o que degrada a dignidade da pessoa não apenas se opõe ao humanismo, mas configura-se como antítese do próprio cristianismo, ainda que praticado em nome da Igreja ou de Deus.

---

<sup>256</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 256–57 Doc. 36.

<sup>257</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 265 Doc. 41.

<sup>258</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 247 Doc. 30.

A centralidade da cruz, como expressão do cuidado solidário e da renúncia de si, evidencia que a vivência cristã implica resistência às dinâmicas culturais marcadas pelo individualismo e pelo hedonismo contemporâneos, quando na verdade o bem é sinal da verdadeira liberdade (cf. CCE, 1733). Nesse horizonte, o seguimento de Cristo traduz-se em compromisso radical com a promoção da dignidade humana e com a denúncia de toda forma de desumanização.

Acusações e calúnias, por vezes a esperança de Padre Albino foi testada, no mês de julho de 1951, o jornal *Gazeta Farroupilha*, de Londrina, publicou um artigo ofensivo, posteriormente reproduzido na *Gazeta Brasil*, do Rio de Janeiro, no qual Mons. Albino era falsamente acusado de “grileiro, ladrão, assassino e latifundiário”, em razão da fazenda de 103 alqueires recebida de Ricardo Lunardelli, no Paraná, e transferida por escritura à Associação Beneficente de Catanduva, atual Fundação Padre Albino<sup>259</sup>. Em sua resposta pública, o sacerdote ofereceu um testemunho exemplar de desprendimento e pobreza, ao afirmar:

Eu não tenho terras no Paraná, e nem em qualquer parte do mundo, a não ser a de minha cova no cemitério desta cidade, a única que está em meu nome e, portanto, a única que é minha”. E acrescentava: “É verdade que meus pais deixaram-me em comum alguns bens de raiz: fiz doação deles a uma sobrinha minha. Se os doei, já não são meus<sup>260</sup>”.

O jornalista Ricardo Lunardelli, em artigo intitulado “Um Apóstolo”, destacou que «em pouco tempo o sacerdote imigrante conquistava definitivamente a veneração, o respeito, o afeto da gente boa e simples de Catanduva. Era uma conquista obtida menos pela persuasão de um pregador que pelos atos de um verdadeiro apóstolo»<sup>261</sup>. A doação da sede da loja maçônica para fins assistenciais foi interpretada como um sinal inequívoco desse reconhecimento público.

Sensível à condição das famílias em situação de vulnerabilidade habitacional, Padre Albino promoveu a construção das Casas da Vila São Vicente, inauguradas em 5 de março de 1934, com o intuito de prover moradia digna a pessoas sem condições de pagar aluguel. No mesmo ano, com a doação de um terreno de 2.000 m<sup>2</sup> feita por Riccardo Lunardelli, Nazareno Domini, Lorenzo Domini e Pietro Celli, foi iniciada a construção do orfanato-escola Ortega Josué, cuja pedra fundamental foi lançada em 9 de julho de 1935. A obra foi erguida com o auxílio da população e ficou sob os cuidados das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário.

As jovens da Ação Católica, organizadas sob a liderança de Padre Albino, já haviam fundado o Berço do Pobre, destinado à doação de roupas para bebês até um ano de idade. Visando ampliar o alcance dessas ações, fundou-se, em 5 de abril de 1936, a Liga Feminina da

---

<sup>259</sup> Cf. Victor Rodrigues de Assis, *Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva*, 193.

<sup>260</sup> Victor Rodrigues de Assis, *Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva*, 193.

<sup>261</sup> Victor Rodrigues de Assis, *Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva*, 82.

Ação Católica. O primeiro registro das atas da instituição já expressava seus propósitos ampliados:

Compete agora às senhoras da Ação Católica fundar uma escola de alfabetização para empregadas domésticas e jovens pobres, assim como um curso profissionalizante, onde possam aprender economia doméstica, costura e culinária. O reverendíssimo diretor falou também da necessidade de sustentar um centro de assistência médica para indigentes. Ao final, mencionou a fundação de uma creche, assistência e proteção à infância, cuja direção ficará a cargo das senhoras da Ação Católica, que devem, com suas forças, trabalhar, não apenas com ardor, mas também com muita perseverança<sup>262</sup>.

As ações sociais de Padre Albino não resultavam de impulsos momentâneos, mas de planejamento estratégico e compromisso a longo prazo. A creche foi inaugurada apenas em 25 de dezembro de 1941, em cerimônia que contou com a presença do bispo de São José do Rio Preto, Dom Lafayette Libânio.

O zelo pastoral de Padre Albino era abrangente, estendendo-se a doentes, pobres, crianças e jovens. Seu afeto era tão evidente que, segundo relatos populares, até os animais se afeiçoavam a ele. Tornou-se conhecida a imagem cotidiana de Monsenhor Albino caminhando pelas ruas próximas à casa paroquial, rezando o breviário, seguido por seus perus, que libertava do viveiro ao sair para suas orações.

### 3.3.1. *Princípios sociais na prática*

O Papa Francisco identifica quatro tensões orientadoras da convivência social: (1) entre plenitude e limite, da qual deriva o princípio de que “o tempo é superior ao espaço”, privilegiando processos duradouros (EG, 223); (2) entre conflito e unidade, que deve ser integrado para gerar verdadeira “amizade social” (EG, 227-228); (3) entre realidade e ideia, estabelecendo a primazia da realidade sobre construções abstratas (EG, 232); e (4) entre todo e parte, que valoriza a diversidade no interior de um todo poliédrico, fundamento da solidariedade e da subsidiariedade (EG, 236)<sup>263</sup>.

Deste modo, o Papa inaugura uma nova etapa da Doutrina Social da Igreja ao enfrentar duas crises centrais do tempo presente: a ecológica, que ameaça a casa comum e faz gemer a Terra (LS, 53), e a antropológica, marcada pela lógica de descartar vidas consideradas não dignas (FT, 18)<sup>264</sup>. Contra políticas efêmeras e ideológicas, propõe processos de longo prazo

---

<sup>262</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 297.

<sup>263</sup> Cf. Porfírio Pinto, «A Doutrina Social da Igreja em Tempos Sombrios A proposta do Papa Francisco», em *Quando a religião se engaja com a sociedade: Cristianismo social e suas afinidades eletivas - ensaios sobre poder religioso, política e cultura no Brasil e em Portugal*, 1.ª ed., por José Eduardo Franco e Rogério Klaumann (Pimenta Cultural, 2025), 2:199, <https://doi.org/10.31560/pimentacultural/978-85-7221-453-7.7>.

<sup>264</sup> Cf. Pinto, «A Doutrina Social da Igreja em Tempos Sombrios A proposta do Papa Francisco», 192.

orientados à paz social, ancorados na primazia da realidade e na valorização da diversidade (EG, 223-236).

Entre as causas que assume com maior firmeza destacam-se a justiça e solidariedade intergeracional, assim destaca Porfírio Pinto:

De todos os modos, há duas causas que ele abraça com muita coragem e esperança. A primeira, a da justiça/solidariedade intergeracional, pois, sem esta, não haverá desenvolvimento integral e sustentável dos povos, nem a construção da casa comum (o mundo no seu todo). A segunda, a compaixão, pelo que, com os olhos postos na parábola evangélica do bom samaritano, ele convoca todos os homens de boa vontade a construir “um novo vínculo social” (FT, n.º 66)<sup>265</sup>.

Tais princípios são orientadores da convivência social segundo o Papa Francisco, Macarri confirma esta tensão apresentada e vivida pelo Papa Francisco «A preocupação com o todo, a realidade, o tempo e a unidade são marcas do pensamento de Bergoglio. Marcas estas que originam a proposta de um novo pacto cultural e social, centrado na cultura do cuidado»<sup>266</sup>. Apresenta-se agora a prática desta apresentação do papa ao fazer paralelo com a vida e obra do Padre Albino<sup>267</sup>.

### 3.3.1.1 O tempo é superior ao espaço

O princípio «o tempo é superior ao espaço» (EG, 222), nasce de uma compreensão profundamente evangélica: a realidade histórica é dinâmica e marcada por processos de amadurecimento que requerem paciência, continuidade e perseverança. Para o Papa, ocupar espaços de poder ou garantir resultados imediatos pode oferecer uma sensação de segurança, mas não gera transformações duradouras; ao contrário, «dar prioridade ao espaço leva-nos a ficar loucos por resolver tudo no momento presente, tentando tomar posse de todos os espaços de poder e autoafirmação» (EG, 223). A prioridade do tempo, ao contrário, consiste em “iniciar processos” que se desenvolvem lentamente e podem frutificar em mudanças significativas e estáveis para o futuro (EG, 224).

Essa visão de longo prazo encontra um paralelo evidente na trajetória pastoral de Padre Albino. Sua ação em Catanduva não se restringiu a resolver necessidades pontuais, mas buscou estruturar instituições capazes de perdurar no tempo e atender gerações futuras. A fundação da Santa Casa de Misericórdia, a construção de escolas, o apoio aos seminários e, sobretudo, a

---

<sup>265</sup> Pinto, «A Doutrina Social da Igreja em Tempos Sombrios A proposta do Papa Francisco», 204.

<sup>266</sup> Maccari, «A contribuição do Papa Francisco à Doutrina Social da Igreja: um percurso de posicionamentos sócio político-econômico», 149.

<sup>267</sup> Para melhor enriquecer esta parte do trabalho, foi realizado algumas entrevistas exploratórias com pessoas ligadas diretamente ao legado deixado pelo Padre Albino Alves da Cunha e Silva. Os conteúdos completos das entrevistas estão em anexo a esta dissertação.

criação da Fundação Padre Albino revelam a consciência de que a obra de caridade e evangelização não poderia depender apenas de sua presença pessoal, mas necessitava de bases sólidas para assegurar continuidade. Como recorda o padre José Luiz Cassimiro, quem é vice postulador da causa de beatificação de Padre Albino, «Padre Albino pensava sempre no futuro, queria deixar algo que permanecesse para além dele»<sup>268</sup>.

Também Fernanda, paciente que se beneficia dos serviços prestados pelas obras deixadas pelo Padre Albino, ao refletir sobre seu legado, sublinha esse caráter processual de sua atuação: «Ele plantava sementes, não se preocupava em ver tudo pronto, mas em começar»<sup>269</sup>. O testemunho reforça a afinidade entre o modo de agir de Albino e a proposta do Papa Francisco, para quem «iniciar processos significa privilegiar ações que gerem novos dinamismos na sociedade e envolvam outras pessoas e grupos que os desenvolverão até frutificar em acontecimentos históricos importantes» (EG, 223).

Para além disso, a criação da Fundação Padre Albino, em 1968, constitui uma expressão clara dessa prioridade do tempo sobre o espaço. Segundo Dr. José Carlos Rodrigues Amarante, atual Presidente do Conselho de Curadores da Fundação Padre Albino, «ele sabia que não estaria para sempre, mas fez questão de que sua obra continuasse viva»<sup>270</sup>. Ao transferir suas iniciativas para uma estrutura institucional e coletiva, Padre Albino assegurava que a assistência hospitalar, a educação e a formação sacerdotal não dependessem unicamente de seu carisma pessoal, mas fossem sustentadas por uma base sólida e autônoma, capaz de sobreviver ao tempo.

Essa postura pastoral manifesta a consciência de que a evangelização se realiza como processo de sementeira, muitas vezes sem a certeza de ver a colheita. Nesse sentido, Padre Albino pode ser visto como alguém que antecipou a lógica missionária descrita por Francisco: «Este critério é uma exortação a assumir a tensão entre plenitude e limite, dando prioridade ao tempo» (EG, 223). Ao valorizar a paciência histórica e o investimento em obras de longo prazo, sua ação apostólica revelou uma compreensão profunda de que a caridade cristã se traduz não apenas em gestos imediatos, mas também em estruturas permanentes de cuidado.

Dessa forma, o princípio de que o tempo é superior ao espaço ilumina a vida e a missão de Padre Albino, mostrando como sua prática pastoral, voltada à fundação de processos duradouros, converge com o horizonte proposto pelo Papa Francisco. Sua obra, mais do que ocupar espaços, consistiu em inaugurar dinâmicas históricas que continuam a gerar frutos no

---

<sup>268</sup> Entrevista José Luiz Cassimiro, anexos.

<sup>269</sup> Entrevista Fernanda Rocha Martins, anexos.

<sup>270</sup> Entrevista José Carlos Rodrigues Amarante, anexos.

presente, constituindo um testemunho concreto da perenidade do Evangelho quando encarnado em instituições vivas a serviço do povo.

### 3.3.1.2 A unidade prevalece sobre o conflito

O segundo princípio destacado pelo Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* afirma que «a unidade prevalece sobre o conflito» (EG, 226). Reconhece-se, em primeiro lugar, que o conflito é inevitável e não pode ser ignorado ou negado. Entretanto, a chave cristã para lidar com ele não é a negação ou a resignação, mas a sua transformação: «Aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo» (EG, 227). Francisco sublinha que a unidade não elimina a diversidade, mas a integra em um horizonte maior, promovendo aquilo que denomina “amizade social” (EG, 228), ou seja, uma comunhão que não suprime as diferenças, mas as reconcilia em vista do bem comum.

Esse princípio encontra correspondência na ação pastoral e social de Padre Albino, cuja vida em Catanduva foi marcada pela capacidade de articular diferentes setores da sociedade, a Igreja, o poder público, as classes sociais distintas; em torno de obras de caridade e desenvolvimento comunitário. Como recorda Dr. José Carlos, «Padre Albino nunca dividiu, ele sempre procurou unir forças em prol do bem de Catanduva»<sup>271</sup>. Essa memória revela sua habilidade em transformar possíveis tensões em colaborações fecundas.

De modo semelhante, padre Fábio Pagotto Cordeiro, atual pároco da Paróquia São Domingos de Catanduva, afirma: «Ele não via barreiras, unia ricos e pobres, políticos e trabalhadores em torno das obras sociais»<sup>272</sup>. Tal postura evidencia uma prática pastoral que não se deixou capturar por polarizações, mas que transformou a diversidade em energia coletiva para a missão. Também padre Francisco Medeiros Bastos, atual pároco da Paróquia de Santo André de Codeçoso, testemunha: «Mesmo quando havia resistências, ele sabia aproximar as pessoas, nunca agiu para criar rupturas»<sup>273</sup>.

A obra de Albino, ao favorecer a unidade sobre os conflitos, antecipou aquilo que Francisco propõe como método social e pastoral. Suas iniciativas, como a construção da Santa Casa de Misericórdia ou o Sanatório dos Tuberculosos, só puderam prosperar porque foram concebidas como projetos de comunhão, integrando forças divergentes em torno de uma causa

---

<sup>271</sup> Entrevista José Carlos.

<sup>272</sup> Entrevista Fábio Pagotto Cordeiro, anexos.

<sup>273</sup> Entrevista Francisco Medeiros Bastos, anexos.

maior. Assim, a vida de Albino testemunha que a unidade, e não o conflito, é a via para a construção da paz social, em consonância com o horizonte do Evangelho.

### 3.3.1.3 A realidade é mais importante do que a ideia

Quanto ao terceiro princípio exposto pelo Papa Francisco sustenta que «a realidade é mais importante do que a ideia» (EG, 231). A advertência do pontífice visa combater o risco de uma abstração desligada da vida concreta, recordando que «a ideia – as elaborações conceituais – está ao serviço da captação, compreensão e condução da realidade. A realidade, simplesmente, é; a ideia elabora-se» (EG, 232). Quando a ideia se dissocia da realidade, cai-se no formalismo e no idealismo estéril, incapazes de transformar a vida concreta.

Na missão de Padre Albino, a prioridade da realidade se fez notar de modo evidente. Ele não se limitou a discursos teóricos, mas respondeu de forma imediata às necessidades sociais de sua época, especialmente nas áreas da saúde e da educação. Francisco Bastos afirma: «Ele tinha um olhar muito prático, via a dor do povo e procurava solução imediata».<sup>274</sup> Essa memória mostra que a práxis que Albino partia da realidade concreta como ponto de partida inegociável.

Nesse mesmo sentido, Fernanda destaca: «Não era homem de discursos longos, era de obras. Fazia aquilo que o povo precisava naquele momento». Sua percepção vai ao encontro do que afirma Francisco: «O que nos faz ser realistas é aceitar a realidade, com todas as suas tensões, e não negá-la com palavras desencarnadas» (EG, 231). José Luiz reforça essa dimensão ao afirmar: «A realidade falava mais alto para ele; não ficava preso em ideias, mas transformava em obra».<sup>275</sup>

As iniciativas sociais e de obras de saúde, estavam enraizadas na realidade sofrida do povo, mostrando assim a primazia da vida sobre qualquer teoria. Assim, Albino encarnou o princípio franciscano, demonstrando que a evangelização é autêntica apenas quando responde ao concreto da existência humana. A prioridade deve ser dada ao enfrentamento das necessidades concretas: fome, desemprego, desigualdade, racismo, violência; e não à abstração ideológica. Como afirma Francisco: «Vocês não trabalham com ideias, mas com a realidade. Tendes os pés na lama e as mãos na carne. O vosso cheiro é de periferia, de luta do povo».<sup>276</sup>

---

<sup>274</sup> Entrevista Francisco Bastos

<sup>275</sup> Entrevista José Luiz Cassimiro.

<sup>276</sup> Francisco, «Discurso do Papa Francisco aos Participantes no Encontro Mundial dos Movimentos Populares», acessado em 1 de outubro de 2025, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco\\_20141028\\_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html).

#### 3.3.1.4 O todo é superior à parte

Por fim, o Papa Francisco propõe que «o todo é superior à parte» (EG, 234). Esse princípio não indica uniformidade ou homogeneização, mas aponta para uma integração poliédrica, onde cada parte conserva sua identidade ao mesmo tempo em que se orienta para um bem comum maior. Como afirma o Papa, «há uma tensão bipolar entre a globalização e a localização. É necessário prestar atenção à dimensão global para não cair na mesquinha quotidiana, mas também à dimensão local, que nos faz caminhar com os pés assentes na terra» (EG, 234).

A vida e a obra de Padre Albino exemplificam essa perspectiva integradora. Sua ação pastoral não anulava as diferenças sociais, mas articulava-as em um projeto comum de serviço à comunidade. Dr. José Carlos relembra: «Ele soube articular cada grupo com sua função, mas todos em vista do mesmo bem: a caridade».<sup>277</sup> Essa capacidade de integrar sem uniformizar é uma marca de sua liderança.

De modo semelhante, Fábio Pagotto reconhece: «Padre Albino conseguia reunir várias forças sociais, sem apagar as diferenças, mas colocando-as a serviço do povo»<sup>278</sup>. Tal postura ressoa a visão poliédrica de Francisco (EG, 236), onde a diversidade não é eliminada, mas preservada dentro do todo. Também Fernanda enfatiza: «Ele fazia cada um se sentir parte, mesmo os mais simples, todos eram importantes para ele».<sup>279</sup>

A presença das religiosas franciscanas na administração hospitalar, a atuação dos médicos e enfermeiros e a colaboração da sociedade civil ilustram essa dimensão. Albino não buscava a hegemonia de uma parte, mas a integração de todos em vista de uma obra maior. Sua pastoral foi, assim, expressão concreta do princípio franciscano, antecipando debates atuais sobre participação, solidariedade e subsidiariedade.

Os quatro princípios da *Evangelii Gaudium* encontram expressão concreta na vida e obra de Padre Albino: o tempo sobre o espaço manifesta-se na fundação de instituições duradouras; a unidade sobre o conflito em sua capacidade de conciliar forças sociais; a realidade sobre a ideia em sua ação prática diante do sofrimento; e “o todo sobre a parte” na integração de diversos atores em projetos comuns.

Os testemunhos colhidos confirmam essa convergência: para Pe. José Luís, Albino “pensava sempre no futuro”; para Fernanda, “plantava sementes”; para Dr. José Carlos, “soube

---

<sup>277</sup> Entrevista José Carlos Amarante.

<sup>278</sup> Entrevista Fábio Pagotto.

<sup>279</sup> Entrevista Fernanda Rocha.

unir forças”; e para Pe. Fábio, reuniu “várias forças sociais em prol do povo”. Assim, sua trajetória antecipou, em nível local, o horizonte missionário de Francisco, constituindo um elo entre a experiência latino-americana e o magistério universal da Igreja.

### 3.3.2. *Revolução da Ternura*

A expressão revolução da ternura, recorrente no magistério do Papa Francisco, foi introduzida no contexto do Sínodo da Nova Evangelização como síntese da mensagem de Jesus Cristo. Trata-se de uma proposta que se contrapõe às revoluções sustentadas pela violência, pelo rancor ou pela indignação, e que se fundamenta na entrega gratuita, no perdão universal e na simplicidade própria da infância.<sup>280</sup>

Esse paradigma, designado como paradigma da ternura, configura-se como movimento interior de abertura ao outro, mediante o qual o ser humano rompe o enclausuramento e se deixa transformar pela alteridade e pelo mistério que perpassa a realidade. Nessa dinâmica, a ternura emerge como constituição essencial da condição humana, orientando o desejo para a plenitude da presença do outro e promovendo uma relação contemplativa com a natureza enquanto manifestação do transcendente.

Por ocasião do quadragésimo aniversário da emancipação do município de Catanduva, ocorrida em 14 de abril de 1918 e, de sua chegada como vigário em 28 de abril de 1918, foi convidado pelas autoridades a pronunciar um discurso, no dia 11 de abril de 1958, sendo reconhecido como uma verdadeira “memória viva” da cidade. Aproveitou o momento para esboçar um panorama da situação social, cultural, econômica e espiritual do município, concluindo:

Com a fundação de diversas obras sociais, a disseminação do ensino primário e secundário, de colégios, grupos escolares, ginásios e escolas normais, a ignorância e o atraso vêm desaparecendo. Hoje, a população do nosso município é uma das mais religiosas, moralizadas, cultas, inteligentes, fecundas e civilizadas do Estado de São Paulo. É uma glória do Brasil cristão!<sup>281</sup>

Uma delegação de vinte e cinco, no dia 25 de janeiro de 1959, denominada “Quarteirões de Amigos” concedeu a Padre Albino o título de “Sol”, distinção criada pela Classe dos Viajantes Comerciantes para reconhecer personalidades de destaque na cultura, no trabalho e na beneficência, o ato foi noticiado pelo jornalista Onélio de Freitas, e a cerimônia ocorreu no Clube dos Bancários, onde lhe foi entregue diploma que o qualificava como “exemplo de retidão, trabalho e amor à comunidade”. Padre Albino agradeceu de modo sucinto e participou

---

<sup>280</sup> Cf. Torralba, *Diocionário do Papa Francisco*, 305–7.

<sup>281</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 251 Doc. 32.

apenas brevemente do convívio festivo, reafirmando sua postura de simplicidade e reserva diante de homenagens.<sup>282</sup>

No dia 23 de outubro de 1975, a Prefeitura Municipal instituiu uma comissão destinada à arrecadação de fundos para a construção de um monumento em sua homenagem. Para a execução da obra foi convidado o escultor italiano Renato Brunello, que concebeu uma estátua em bronze em tamanho natural, retratando o sacerdote sentado entre dois bancos.<sup>283</sup> Embora houvesse resistência por parte da opinião pública, que preferia a figura de pé, o escultor manteve sua proposta, justificando que, representado de pé, o vulto pareceria uma simples coluna quando observado à distância.

O Conselho Curador da Fundação Padre Albino, em 28 de maio de 1997, aprovou por unanimidade a criação do Museu Padre Albino. Sua missão institucional é “manter viva a memória do saudoso benfeitor catanduvense por meio da guarda, preservação e atualização do acervo existente, assim como pela busca ativa de novos documentos, depoimentos e outros materiais históricos”. O Museu exerce, ainda, função de destaque na organização da Semana Monsenhor Albino e participa anualmente da comissão responsável pela seleção dos agraciados com o Troféu Monsenhor Albino.<sup>284</sup>

A reputação de santidade de Monsenhor Albino, cultivada pela memória de sua vida dedicada ao próximo e marcada pela ausência de interesses pessoais, manteve-se viva entre os fiéis mesmo após quatro décadas de sua morte em 1973. Reconhecendo o valor dessa fama, Dom Otacílio Luziano da Silva, bispo de Catanduva, acolheu a proposta de que a Fundação Padre Albino assumisse o papel de *actor causae* no processo de beatificação.<sup>285</sup>

Em setembro de 2011, o Dr. Paolo Vilotta foi nomeado postulador e apresentou o *Supplex Libellus*, iniciando formalmente a Causa. Seguiram-se a constituição da Comissão de Peritos Históricos, a designação de teólogos censores e a emissão do *nihil obstat* pela Congregação para as Causas dos Santos, em dezembro de 2012. O Tribunal Diocesano foi instituído em janeiro de 2013, com abertura solene em março do mesmo ano. Considerando a origem portuguesa do sacerdote, foram também autorizadas sessões instrutórias em Braga.<sup>286</sup>

A fase diocesana concluiu-se em outubro de 2014, com oitiva de 34 testemunhas e a produção de três volumes processuais, posteriormente remetidos à Congregação, que em 2015 reconheceu a validade jurídica do processo e designou o Pe. Zdzislaw Kijas, OFMConv, como

---

<sup>282</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 312.

<sup>283</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 48.

<sup>284</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 49.

<sup>285</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 5–6.

<sup>286</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 6–7.

relator. O intervalo de quarenta anos entre o falecimento e a abertura da Causa deveu-se a dificuldades práticas e institucionais no Brasil, entre elas a ausência de experiência local em processos canônicos, as mudanças de jurisdição eclesiástica em Catanduva, a alternância no empenho episcopal e a percepção de falta de recursos estruturais adequados.<sup>287</sup>

Logo após o caixão ser colocado em um carro do Corpo de Bombeiros, a chuva cessou. Um jornalista local interpretou a garoa como “lágrimas de Deus”.<sup>288</sup> A crônica paroquial encerrou-se com as seguintes palavras: «Assim conclui-se a vida de um homem inteiramente consagrado ao serviço de Deus e da Igreja em Catanduva. [...] Os habitantes da cidade jamais esquecerão tudo o que ele fez. Consideram-no o verdadeiro fundador de Catanduva e o chamam carinhosamente de ‘pai dos pobres’». <sup>289</sup> Corroborando com esta condição o Papa Francisco «Somos chamados a descobrir Cristo nos pobres, a emprestar a eles a nossa voz nas suas causas, mas também a viver próximo deles, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa experiência que Deus quer comunicar-nos através deles» (EG, 198).

No dia 18 de dezembro de 2011, seus restos mortais foram trasladados do cemitério para a Igreja Matriz de São Domingos de Gusmão, por ele edificada, e ali depositados em um sarcófago de granito. Desde então, seu túmulo tornou-se local de visitação diária por parte de numerosos fiéis.<sup>290</sup> Revela-se assim, a ternura do Senhor a qual é manifestada na esperança, dom essencial que continua a sustentar a vida cristã. Trata-se da confiança de que Deus terá misericórdia do seu povo, especialmente daqueles que sofrem nas tribulações e até mesmo dos que praticam o mal, para que encontrem o caminho da conversão. A santidade da Igreja, portanto, não é uma realidade abstrata, mas progride concretamente na vida do povo de Deus, em cada fiel que caminha na expectativa de ver o Senhor como Ele é (cf. FT, 60).

### 3.3.3. *A troca do instante pelo eterno*

A sociedade contemporânea manifesta uma inclinação marcada pela sedução do provisório. Essa tendência revela-se como um impulso a permanecer em estado de adolescência permanente, evitando a assunção de compromissos estáveis e definitivos. Tal fascínio pela transitoriedade reflete um certo medo diante das responsabilidades que abrangem toda a existência e exigem fidelidade duradoura.

---

<sup>287</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 7.

<sup>288</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 265–66 Doc. 41.

<sup>289</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 319.

<sup>290</sup> Cf. Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 319.

Contudo, a maturidade humana e espiritual só se consolida quando a vida é orientada por escolhas firmes e compromissos que envolvem a totalidade da pessoa. Longe de aprisionar, tais compromissos oferecem sentido, estabilidade e profundidade à existência. É justamente no assumir responsabilidades permanentes que a vida encontra plenitude e se abre a uma realização autêntica. Conforme aponta Francisco em seu discurso na visita à Organização das Nações Unidas (25/09/2015), o Papa Francisco reforçou esse entendimento da DSI:

A definição clássica de justiça contém como elemento essencial uma vontade constante e perpétua para garantir o direito de todos [...]. É preciso não perder de vista, em momento algum, que a ação política e econômica só é eficaz quando é concebida como uma atividade prudencial, guiada por um conceito perene de justiça e que tem sempre presente que, antes e para além de planos e programas, existem mulheres e homens concretos, iguais aos governantes, que vivem, lutam e sofrem e que muitas vezes se veem obrigados a viver miseravelmente, privados de qualquer direito.<sup>291</sup>

Seria exaustivo enumerar todas as ações empreendidas ao longo dos anos pela comunidade de Catanduva com o objetivo de manter viva a memória de Monsenhor Albino. Apresentam-se aqui apenas alguns marcos significativos dessa trajetória de reconhecimento.

Atendendo ao apelo do Papa, o Documento de Aparecida de 2007 apresenta, com insistência, a difusão da Doutrina Social da Igreja, apontando-a como caminho para iluminar as consciências e encontrar respostas e saídas para os problemas sociais. O método, retomado novamente, para dar resposta corajosa aos problemas apresentados, é o caminho do “ver, julgar e agir”.<sup>292</sup> Os Bispos se preocupam em encontrar formas de cooperação e encaminhamentos práticos para as questões que mais afligem as pessoas do continente: fome, desemprego, concentração de terras e das riquezas, com aumento da pobreza e exclusão, migrações, drogas, entre outros.<sup>293</sup>

O *Documento de Aparecida* observando ao magistério constante da Igreja, ensinou que o ser humano é sempre sagrado «só o Senhor é o autor e o dono da vida, e o ser humano, sua imagem vivente, é sempre sagrado, desde sua concepção, em todas as etapas da existência, até sua morte natural e depois da morte. O olhar cristão sobre o ser humano permite perceber seu valor que transcende todo o universo».<sup>294</sup>

José Sols Lucia analisa a *Conferência de Aparecida*, que aconteceu em 2007, no Brasil, como momento fundacional do pontificado de Francisco. Afirma que a experiência latino-

---

<sup>291</sup> Francisco, «Visita à Organização das Nações Unidas Discurso Do Santo Padre», Vatican, 2015, <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco\\_20150925\\_onu-visita.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150925_onu-visita.html)>.

<sup>292</sup> Cf. José Sols Lucia, «La semilla plantada por el papa Francisco: Aparecida 2007», *Revista de Pensamento Social Cristiano: La Cuestión Social* 33, n.º 1 (2025): 65.

<sup>293</sup> Cf. CELAM, «Documento de Aparecida», DHNET, acedido 24 de fevereiro de 2025, [https://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a\\_pdf/cnbb\\_2007\\_documento\\_de\\_aparecida.pdf](https://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a_pdf/cnbb_2007_documento_de_aparecida.pdf).

<sup>294</sup> CELAM, «Documento de Aparecida», n.º 388.

americana representou “uma semente plantada” que germinou em 2013, quando Bergoglio assumiu o papado.<sup>295</sup>

O autor sublinha que Aparecida marcou a passagem de uma Igreja defensiva para uma Igreja em saída. A lógica de discipulado missionário, firmada em 2007, converteu-se em eixo da *Evangelii Gaudium* e das iniciativas pastorais de Francisco, «que aposta por uma Igreja na qual todos somos chamados a ser discípulos missionários».<sup>296</sup> Aparecida também é descrita como uma escola de sinodalidade, «Não há dúvida de que a Igreja latino-americana necessitava deste chamado à unidade, que, no entanto, deveria caminhar junto com a disposição de enfrentar os desafios sociais, econômicos, políticos e eclesiais».<sup>297</sup>

Alguém que tanto fez, por tantos, como afirma o bispo na altura do fim de sua trajetória na humanidade, Dom José de Aquino Pereira, bispo de São José do Rio Preto:

Ainda há pouco, em Puebla, a América Latina alçava bem alto a bandeira da opção preferencial pelos pobres, mas, já muito antes, Mons. Albino a realizara. Aí estão em Catanduva suas múltiplas iniciativas mobilizando a todos e atingindo todos os aspectos das necessidades e todas as pessoas. Nunca ninguém fez tanto a tantos, com tanto amor e com tanto sacrifício. Seu nome está escrito a ouro na história de Catanduva e gravado a fogo no coração de todos.<sup>298</sup>

Sem negar a relevância do papel insubstituível da razão no anúncio da fé, o pensamento central do Papa Francisco enfatiza a força transformadora do Evangelho vivido e do testemunho existencial. A convicção que o orienta é a de que a autenticidade da vida evangélica possui maior capacidade de persuasão do que um tratado teológico, pois a experiência prática da fé ilumina a mensagem de Cristo de modo mais imediato e compreensível do que extensos documentos doutrinários. Tal perspectiva não desvaloriza a importância das intervenções magisteriais, mas privilegia a comunicação da verdade por meio da linguagem concreta da vida, acessível a todos. Nesse horizonte, a exortação apostólica *Evangelii Gaudium* permanece como texto fundamental para a compreensão da chamada “opção evangélica” de Francisco.

Além disso, o pontífice introduz uma abordagem de caráter sistêmico na Doutrina Social da Igreja, articulando a interdependência de todos os fatores sociais sob a categoria de casa comum. O seu ensinamento assume caráter integral, entrelaçando as dimensões social e ambiental, econômica e política, histórica e cultural, teológica e ética, em uma visão unificada e orientada para a promoção do bem comum. Neste sentido a exortação de Francisco foi sempre

---

<sup>295</sup> Cf. Lucia, «La semilla plantada por el papa Francisco: Aparecida 2007», 40.

<sup>296</sup> Lucia, «La semilla plantada por el papa Francisco: Aparecida 2007», 53.

<sup>297</sup> Lucia, «La semilla plantada por el papa Francisco: Aparecida 2007», 52.

<sup>298</sup> Victor Rodrigues de Assis, *Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva*, 11.

enérgica: «Devemos implicar-nos na política, porque a política é uma das formas mais elevadas da caridade, visto que procura o bem comum» (EG, 205).

O Evangelho indica que a atitude fundamental do cristão deve ser a das bem-aventuranças, expressão da verdadeira felicidade que nasce da comunhão com Deus. Esse caminho, contudo, não está isento de provações. Seguir Cristo significa enfrentar dificuldades, problemas e até perseguições. No entanto, é justamente nesse percurso árduo que se revela a fidelidade da fé: apenas este caminho, ainda que marcado por cruces, conduz ao encontro pleno com Deus e possibilita avançar na vida cristã. O Evangelho confirma que todas as ações feitas pelo homem são levadas em consideração, assim como procurou viver o Padre Albino «Nem um só fio de cabelo cairá de vossa cabeça. É pela perseverança que conseguireis salvar a vossa vida!» (Lc 21, 18-19). As provações e as dificuldades fazem parte de um desígnio maior, deve-se confiar no sentido profundo da vida e da história.

O Papa Francisco insistia a não perder a esperança. Para que o fiel seja o primeiro a praticar o bem, e não se acostumar com o mal, mas vencê-lo com o bem (cf. EG, 101), deste modo viveu o Padre Albino<sup>299</sup>. A esperança pode ser comparada ao fermento que dilata a alma e lhe dá vigor para seguir em frente. Embora a vida seja marcada por dificuldades, é a esperança que sustenta o olhar para o futuro e abre à contemplação do que está por vir. Ela não apenas fortalece, mas também purifica e alivia o coração, tornando o caminho mais leve e conduzindo à prontidão no seguimento de Deus. Uma expressiva homenagem feita ao Padre Albino nos momentos seguintes ao seu funeral descreve-o como semeador: «Ele cresceu junto com a sementeira que lançou, participando, ativamente, de todos os fenômenos que, durante mais de meio século, alteraram, em épocas e fases diversas, os destinos da sua gente».<sup>300</sup>

Por fim, na Encíclica *Dilexit nos*, sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus, destaca-se a identificação de Cristo com os últimos e a revelação da dignidade de cada pessoa, especialmente dos mais frágeis e sofredores (cf. DN, 170). Contemplar esse amor fortalece-nos para reconhecer o sofrimento alheio e participar na obra libertadora de Cristo, difundindo o seu amor no mundo. Segundo o Papa Leão XIV, o Papa Francisco preparava, nos últimos meses de sua vida, uma Exortação Apostólica sobre o cuidado da Igreja pelos pobres, intitulada *Dilexi te*, inspirada nas palavras de Cristo: «Tens pouca força, mas Eu te amei» (Ap 3,9). Ao assumir esse projeto, o atual Pontífice reafirma o desejo de seu predecessor de evidenciar o vínculo entre o amor de Cristo e o chamado a reconhecê-Lo nos pobres. O Papa Leão expressa-se: «Na verdade,

---

<sup>299</sup> Luciano Luiz Leite da Silva, «O Venerável Padre Albino, sacerdote bracarense: da perseguição ao legado imortal», *Diário do Minho* (Braga), 20 de setembro de 2025, 34369.<sup>a</sup> ed.

<sup>300</sup> Kijas, *Beatificationis et canonizationis*, 264 Doc. 40.

também eu considero necessário insistir neste caminho de santificação, porque no «apelo a reconhecê-Lo nos pobres e atribulados, revela-se o próprio coração de Cristo» (DT, 3). A Doutrina Social da Igreja manifesta claramente que sua missão não se limita a uma fase histórica, mas se realiza na continuidade da comunhão. Essa verdade foi vivida, heroica e santamente, pelo sacerdote Albino Alves da Cunha e Silva, uma vez que olhou para os pobres com caridade, no amor<sup>301</sup>.

---

<sup>301</sup> Cf. Semeraro, «Decreto sobre as Virtudes».

## CONCLUSÃO

A presente dissertação procurou estabelecer um diálogo entre o pensamento social da Igreja, especialmente no pontificado do Papa Francisco, e a vida e missão do Venerável Padre Albino Alves da Cunha e Silva. O percurso realizado ao longo dos três capítulos permitiu evidenciar como a Doutrina Social da Igreja, mais do que um corpo doutrinal, constitui uma expressão viva de fé e de esperança quando encarnada em testemunhos concretos. Padre Albino, em seu ministério sacerdotal e em sua ação pastoral, revelou-se exemplo luminoso dessa fé operante, unindo o anúncio evangélico à promoção da dignidade humana.

De natureza dogmática, o primeiro capítulo apresentou os fundamentos teológicos e magisteriais da Doutrina Social da Igreja, evidenciando a sua origem na Revelação e a continuidade no magistério contemporâneo. Desde a *Rerum Novarum* até as encíclicas do Papa Francisco, constatou-se o esforço da Igreja em responder aos desafios do mundo moderno a partir da dignidade humana, da justiça e do bem comum. O estudo evidenciou a força renovadora do pontificado de Francisco, que reinterpreta a Doutrina Social pela via da misericórdia e da proximidade, chamando a Igreja a viver a caridade como expressão missionária. Persistem, contudo, fragilidades entre a formulação doutrinal e a sua plena aplicação pastoral, exigindo contínua conversão à lógica do Evangelho.

O segundo capítulo, de caráter histórico, analisou o contexto humano e eclesial em que nasceu e se formou Padre Albino, inserindo-o nas tensões políticas e religiosas de Portugal e do Brasil entre os séculos XIX e XX. Demonstrou-se como a fé familiar e a experiência de perseguição moldaram o seu perfil espiritual e missionário. Reconhece-se, porém, a limitação documental desta pesquisa, marcada pela dependência da *Positio super virtutibus* do processo de beatificação, cuja natureza hagiográfica exigiu prudência hermenêutica e esforço de objetividade.

De orientação pastoral, o terceiro capítulo, apresentou Padre Albino como expressão viva dos princípios da Doutrina Social da Igreja, especialmente em sua ação caritativa, educativa e assistencial em Catanduva. Sua vida demonstrou que a santidade se constrói no serviço concreto e silencioso aos pobres. Contudo, reconhece-se também a fragilidade decorrente da proximidade afetiva do pesquisador com o personagem estudado — vínculo que, embora nascido da admiração e da convivência espiritual, requer vigilância crítica e humildade científica.

Em termos conclusivos, pode-se afirmar que os objetivos da dissertação foram alcançados: demonstrou-se que Padre Albino encarnou de forma exemplar a Doutrina Social da

Igreja, unindo fé e caridade, espiritualidade e compromisso social. Apesar das limitações apontadas, a escassez de fontes primárias, a dependência da *Positio* e a inevitável proximidade afetiva com o objeto de estudo, o trabalho oferece uma base sólida para futuros desenvolvimentos. Num horizonte de continuidade, a pesquisa poderia ser alargada através da exploração de acervos documentais ainda não estudados, do aprofundamento histórico do contexto eclesial luso-brasileiro e de uma leitura comparativa entre Padre Albino e outras figuras da pastoral social contemporânea.

Por conseguinte, esta dissertação não se pretende um ponto de chegada, mas um ponto de partida: um testemunho de amor à Igreja e um convite à reflexão sobre a santidade vivida no serviço e na esperança. O exemplo de Padre Albino permanece como sinal profético de que a fé, quando iluminada pela Doutrina Social da Igreja e animada pela misericórdia, continua a ser força de transformação pessoal e social, tornando-se, em cada tempo, expressão concreta do Evangelho de Cristo.

## BIBLIOGRAFIA

- A12. «A Mãe Aparecida e o título de Padroeira do Brasil». Acedido 22 de abril de 2025. <https://www.a12.com/santuاريو/historia-de-nossa-senhora-aparecida-1900>.
- Agostinho. *Confissões*. Livraria Apostolado da Imprensa, 1984.
- Amarante, José Carlos Rodrigues. *Balanço Social 2017*. Catanduva, 2017.
- Amato, Ângelo. «Jesus Cristo, Centro da História da Salvação e vida da Igreja». Em *Comentário Teológico-Pastoral à Carta Apostólica de João Paulo II «Tertio Millennio Adveniente»*, editado por Conselho de Presidência do Grande Jubileu do ano 2000. Rei dos Livros, 1996.
- Andrade, Paulo Fernando Carneiro De. «O Magistério Social do Papa Francisco: o surgimento de um novo paradigma na Doutrina Social da Igreja». *Fronteiras - Revista de Teologia da Unicap* 6, n.º 1 (2023): 59–82. <https://doi.org/10.25247/2595-3788.2023.v6n1.p59-82>.
- Angelo Brusco. *Humanizar os Hospitais*. Apostolado da Imprensa, 1985.
- António. *Santo António de Lisboa: biografias, sermões*. Fontes Franciscanas. Vol. 1. 3. Editorial Franciscana, 1998.
- Argüello, Kiko. *O Kerigma: nas barracas com os pobres*. A Esfera dos Livros, 2013.
- «Arquidiocese de Braga: Apresentação». 2025. <https://www.diocese-braga.pt/index.php/apresentacao>.
- Assi, Mauro. «Instalada missão em Portugal para divulgar Padre Albino». Unifipa, 2019. <https://unifipa.edu.br/noticias/detalhes/9061>.
- Assis, Victor Rodrigues de. *Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva*. 2.ª ed. Com Synval Januário. Tipografia São Domingos, 1987.
- Ávila, Fernando Bastos de. «A “Populorum Progressio” na Tradição da Doutrina Social da Igreja». *Síntese: Revista de Filosofia* 9, n.º 33 (1967): 80–95.
- Bento XVI. *Carta Apostólica «Porta Fidei»*. 3.ª ed. Paulinas, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Carta Encíclica «Spe Salvi»*. Editorial Apostolado da Oração, 2007. [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20071130\\_spe-salvi.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html).
- \_\_\_\_\_. *Luz do Mundo*. Editado por Peter Seewald. Lucerna, 2010.

- Bíblia de Jerusalém*. 6.<sup>a</sup> ed. Paulus, 2010.
- Bíblia Sagrada*. 18.<sup>a</sup> ed. Edições CNBB, 2012.
- Bossi, Dário Giuliano. «Fratelli Tutti e a defesa da vida». *Revista Teopraxis* 41, n.º 136 (2024).  
<https://doi.org/10.52451/teopraxis.v41i136.209>.
- Brandão, Paulo Sérgio da Silva. «A Pedagogia Social na Lógica do Serviço». Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Educação e Psicologia, 2007.
- Brito, José Maria. «Doutrina Social da Igreja: uma lente para ver a realidade». Ponto SJ, 2024.  
<https://pontosj.pt/especial/doutrina-social-da-igreja-uma-lente-para-ver-a-realidade/>.
- Camara Municipal de Celorico de Basto. «Celorico de Basto: Onde o Minho muda de Cor». *Revista Municipal*, 2015, 30.
- Caminha, Pero Vaz De. *Carta de achamento do Brasil*. Editora da Unicamp, 2021.  
<https://doi.org/10.7476/9788526815469>.
- Carta Encíclica «Caritas in Veritate»*. 3. ed. Com Bento XVI. Paulus, 2009.
- Castro Chaves, Robson Ribeiro De Oliveira. «Terra, Teto e Trabalho: Direitos Humanos e a Doutrina Social da Igreja do Papa Francisco». *Revista Encontros Teológicos* 36, n.º 1 (2021): 173–89. <https://doi.org/10.46525/ret.v36i1.1648>.
- Castro Leal, Ernesto. *A invenção da nação: Estado e Igreja Católica em Portugal (1910-1926)*. 2, n.º 2 (2020): 61–70. <https://doi.org/10.34628/22CX-PM60>.
- Cavalcante, Thiago Leandro Vieira. «Evangelií Gaudium & Laudato Si’: Apontamentos sobre o magistério social da Igreja Católica Apostólica Romana no papado de Francisco». *Teocomunicação* 51, n.º 1 (2021): 1–9. <https://doi.org/10.15448/0103-314X.2021.1.39790>.
- CELAM. «Documento de Aparecida». DHNET. Acedido 24 de fevereiro de 2025.  
[https://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a\\_pdf/cnbb\\_2007\\_documento\\_de\\_aparecida.pdf](https://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a_pdf/cnbb_2007_documento_de_aparecida.pdf).
- Clemente, Manuel. «Catolicismo português c. 1910». *Povos e Culturas*, n.º 16 (2012): 367–74.  
<https://doi.org/10.34632/POVOSECULTURAS.2012.8913>.
- Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Com Heinrich Denzinger e Peter Hünermann. Paulinas Ed. Loyola, 2007.

- Concílio Vaticano II. «Constituição Dogmática “Dei Verbum”»,. 1965.  
[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651118\\_dei-verbum\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html).
- Concílio Vaticano II. «Constituição Dogmática “Lumen Gentium”»,. 1964.  
[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html).
- Concílio Vaticano II. «Constituição Pastoral “Gaudium et Spes”»,. 1965.  
[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html).
- Congar, Yves. *Verdade y falsa reforma en la Iglesia*. Sígueme, 2014.
- Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólicas. *Carta Circular «Alegrai-vos»*. Paulinas, 2014.
- Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização. *As Parábolas da Misericórdia*. Traduzido por Mário José dos Santos. Paulus, 2016.
- Cunha, Jorge Teixeira da. «A doutrina social da Igreja como evangelho social». *Humanística e Teologia* 15 (1994): 151–71.
- Cunha, Paulo Ferreira da. «Da doutrina social do Papa Francisco na Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium”»,. *Internacional Studies on Law and Education* 18 (2014): 25–36.
- Cury, Augusto Jorge. *O Mestre da Sensibilidade: Análise da Inteligência de Cristo*. Editora Academia de Inteligência, 2000.
- Dicastério para a Comunicação. «Explicação do Brasão “miserando atque eligendo”»,. Vatican. Acedido 28 de setembro de 2025.  
<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/elezioni/stemma-papa-francesco.html>.
- Diocese de São Carlos. «História da Diocese». s.d.  
<https://www.diocesesaocarlos.org.br/historia-da-diocese/>.
- Duarte, Alexandre Freire. «O Amor Feito Ajuda Material: A Esmola nos Padres da Igreja». *Humanística e Teologia: Revista da Faculdade de Teologia - Porto*, 2018.
- Espregueira, Afonso, e Rita Sacramento Monteiro. «Economia de Francisco: uma nova visão para a economia». *Brotéria* 196, n.º 1 (2023): 22–32.

- Falque, Emmanuel, e Laure Solignac. *O Papa Francisco como Filósofo*. Traduzido por Andreas Gonçalves Lind. Tenacitas, 2021.
- Farrow, John. *Damião o Leproso*. Quadrante, 1995.
- Fassini, Dorivalino Francisco. *Fontes Franciscanas*. Editado por João Manuel Filho. Mensageiro de Santo Antônio, 2005.
- \_\_\_\_\_. Dorivalino Francisco. *Francisco: vai e reconstrói*. Província São Francisco de Assis, 2022.
- Fernandes, José Manuel Ferreira. «Celorico de Basto». Em *Pela Nossa Terra: Minho 2022*. sem data.
- Fernandes, José Manuel Ferreira. *Pela Nossa Terra: Minho 2022*. Grupo do Partido Popular Europeu, 2022.
- Ferreira, Maria Teresa, trad. *Relato de um Peregrino Russo*. 4.<sup>a</sup> ed. Paulinas, 2017.
- Ferreira, Rui. *Braga: Trilhos Bragueses*. Ponto Braguez, 2021.
- Francisco. *Bula de Proclamação do Grande Jubileu Ordinário do ano 2025: «Spes non Confundit»*. Paulinas, 2024.
- \_\_\_\_\_. *Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia: Misericordiae vultus*. 8.<sup>a</sup> ed. Paulinas, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Carta Apostólica «Misericordia et miseria»*. Editorial Apostolado da Oração, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Carta Apostólica «Patris Corde»*. Traduzido por José António Correia Pereira. Editorial Franciscana, 2020.
- \_\_\_\_\_. *Carta Encíclica «Evangelii Gaudium»*. Paulus, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Carta Encíclica «Fratelli Tutti»*. Paulus, 2020.
- \_\_\_\_\_. *Carta Encíclica «Laudato si'»*. Paulinas, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Catequese sobre a Oração*. Traduzido por José António Correia Pereira. Editorial Franciscana, 2021.
- \_\_\_\_\_. «Declaração “Dignitas Infinita”». 2024.  
[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_ddf\\_doc\\_20240402\\_dignitas-infinita\\_po.html#\\_ftn16](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_ddf_doc_20240402_dignitas-infinita_po.html#_ftn16).
- \_\_\_\_\_. «Discurso do Papa Francisco aos participantes na plenária do pontifício conselho Justiça e Paz». Vatican, 2014.

- [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco\\_20141002\\_pont-consiglio-giustizia-e-pace.html?utm\\_source=chatgpt.com](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141002_pont-consiglio-giustizia-e-pace.html?utm_source=chatgpt.com).  
\_\_\_\_\_. «Discurso do Papa Francisco aos Participantes no Encontro Mundial dos Movimentos Populares». Acedido 1 de outubro de 2025.  
[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco\\_20141028\\_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html).
- \_\_\_\_\_. «Discurso do Santo Padre ao Parlamento Europeu». Vatican, 2014.  
[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco\\_20141125\\_strasburgo-parlamento-europeo.html#\\_ftn8](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141125_strasburgo-parlamento-europeo.html#_ftn8).
- \_\_\_\_\_. «Discurso do Santo Padre Francisco». Vatican, 16 de março de 2013.  
[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco\\_20130316\\_rappresentanti-media.pdf](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.pdf).
- \_\_\_\_\_. *Exortação Apostólica «Laudate Deum»*. Com José António Correia Pereira. Editorial Franciscana, 2023.
- \_\_\_\_\_. «Mensagem de Sua Santidade Papa Francisco Para o XXXII Dia Mundial do Doente». 2024.  
<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/20240110-giornata-malato.html>.
- \_\_\_\_\_. «Mensagem do Papa Francisco para o XCIX Dia Mundial das Missões 2025». Vatican, 2025.  
<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/20250125-giornata-missionaria.html>.
- \_\_\_\_\_. «Visita à Organização das Nações Unidas Discurso Do Santo Padre». Vatican, 2015.  
<[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco\\_20150925\\_onu-visita.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150925_onu-visita.html).
- \_\_\_\_\_. «Visita ao Hospital São Francisco de Assis na Providência De Deus». 2013.  
[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco\\_20130724\\_gmg-ospedale-rio.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130724_gmg-ospedale-rio.html).
- Fundação Padre Albino 100 anos. «100 anos de chegada do Padre Albino a Catanduva». 2018.  
<http://fundacaopadrealbino.saude.ws/100anos/padre-albino/a-obra>.

- Furmann, Moisés, e Olmaro Paulo Mass. «Da Ética à Prática da Solidariedade segundo a Laudato Si». *Revista Opinião Filosófica* 11 (agosto de 2020). <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v11.980>.
- Grieu, Étienne. «Ricevere la buona notizia dai più poveri». *La Civiltà Cattolica* IV, n.º 4185 (2024): 223–36.
- Hoevel, Carlos. *La teología del pueblo: orígenes, ideas e interpretaciones*. sem data.
- Isabel, Princesa do Brasil. «Lei Áurea: Declara extinta a escravidão no Brasil». BNDigitl do Brasil, 13 de maio de 1888. <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/20142>.
- João Duque. *Homo Credens: para uma teologia da fé*. Universidade Católica Editora, 2004.
- João Paulo II. «Carta Apostólica “Tertio Millennio Adveniente”». Acedido 19 de janeiro de 2025. [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/1994/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_19941110\\_tertio-millennio-adveniente.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1994/documents/hf_jp-ii_apl_19941110_tertio-millennio-adveniente.html).
- \_\_\_\_\_. «Carta Encíclica “Centesimus Annus”». Em *Encíclicas de Juan Pablo II*, 7.<sup>a</sup> ed., editado por José A. Martínez Puche. Edibesa, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Carta Encíclica «Sollicitudo Rei Socialis»*. 2.<sup>a</sup> ed. Editorial Apostolado da Oração, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Catecismo da Igreja Católica*. Edições Loyola, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Codex Iuris Canonici*. 1983.
- João XXIII. «Carta Encíclica “Mater et Magistra”». 1961. [https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_15051961\\_mater.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html).
- Joaquim Monteiro da Mota e Silva. «Revista Municipal “Celorico de Basto”». Câmara Municipal de Celorico de Basto, 2015.
- Kijas, Zdzislaw Josef. *Beatificationis et canonizationis servi dei Albini Alves da Cunha e Silva*. Editado por Congregatio de Causis Sanctorum. Com Paolo Vilotta e Gaetano Passarelli. Nova Res, 2017.
- Leão XIII. «Carta Encíclica “Rerum Novarum”». 1891. [https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_15051891\\_rerum-novarum.html](https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html).

- Leão XIV. «Dilexi te». Vatican. Acedido 9 de outubro de 2025. [https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/apost\\_exhortations/documents/20251004-dilexi-te.html](https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/apost_exhortations/documents/20251004-dilexi-te.html).
- Lima, Avelino. *A Carta Encíclica Rerum Novarum de Leão XIII e a Condição do Trabalho, de Heny George*. Escola Industrial do Infante Dom Henrique, 1951.
- Linda, Manuel. «Ação Sociocaritativa e Vulnerabilidade Futuras». *Humanística e Teologia* 39, n.º 1 (2018): 13–23. <https://doi.org/10.34632/humanisticaeteologia.2018.9431>.
- Lubich, Chiara. *O Amor ao Irmão*. Com Florence Gillet. Cidade Nova, 2013.
- Lucia, José Sols. «La semilla plantada por el papa Francisco: Aparecida 2007». *Revista de Pensamento Social Cristiano: La Cuestión Social* 33, n.º 1 (2025): 38–54.
- Maccari, Vilmar Dal Bo. «A contribuição do Papa Francisco à Doutrina Social da Igreja: um percurso de posicionamentos sócio político-econômico». *Revista Encontros Teológicos* 36, n.º 1 (2021): 1. <https://doi.org/10.46525/ret.v36i1.1646>.
- Manieri, Altair, Jesferson Nogueira da Matta, e Leomar Antônio Montagna. «Estudo 01 - Doutrina Social da Igreja: Fundamentos bíblicos e primeiros séculos do cristianismo». Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2025. <https://cepastcnbb.org.br/estudo-01-doutrina-social-da-igreja-fundamentos-biblicos-e-primeiros-seculos-do-cristianismo/>.
- \_\_\_\_\_. Altair, Jesferson Nogueira da Matta, e Leomar Antônio Montagna. «Estudo 03 - Doutrina Social da Igreja: Abordagens do papa Francisco em relação às questões sociais». Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2025. <https://cepastcnbb.org.br/estudo-03-doutrina-social-da-igreja-abordagens-do-papa-francisco-em-relacao-as-questoes-sociais/>.
- \_\_\_\_\_. Altair, Jesferson Nogueira da Matta, e Leomar Antônio Montagna. «Estudo 04 - Doutrina Social da Igreja: Os grandes princípios». Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2025. <https://cepastcnbb.org.br/estudo-04-doutrina-social-da-igreja-os-grandes-principios/>.
- Maradiaga, Oscar Andrés Rodríguez. «Dimensão social da evangelização no mundo de hoje». 8 de outubro de 2024. [https://www.agencia.ecclesia.pt/netimages/file/20141213\\_dimensao\\_social\\_da\\_evangelizacao\\_no\\_mundo\\_de\\_hoje\\_pt.pdf](https://www.agencia.ecclesia.pt/netimages/file/20141213_dimensao_social_da_evangelizacao_no_mundo_de_hoje_pt.pdf).

- Marques, José. «A presença Da Igreja Na história Militar Portuguesa Das Origens Aos Finais Do século XIV». *História: Revista Da Faculdade De Letras Da Universidade Do Porto*. 8 (1991): 9–27.
- Marques, Raul. «O legado de padre Albino». *Diário da Região* (São José do Rio Preto), 20 de julho de 2024.
- Mendiguren, Basilio Pérez de. *Orar na doença*. Paulus, 2002.
- Merton, Thomas. *Novas Sementes de Contemplação*. Editorial Franciscana, 2007.
- \_\_\_\_\_. Thomas. *Vida e Santidade*. Editorial Franciscana, 2007.
- Mezzomo, Augusto Antonio. *Humanização Hospitalar: Fundamentos antropológicos e teológicos*. Traduzido por Leonida Maria Teresa Coppola. Edições Loyola, 2010.
- Mill, John Stuart. *Sobre a Liberdade*. Traduzido por Denise Botmann. L&PM, 2018.
- Montenegro, João Alfredo. *Evolução do Catolicismo no Brasil*. Editora Vozes, 1972.
- Murad, Afonso. «Laudato Si' e a Ecologia Integral: um novo capítulo da Doutrina Social da Igreja». *Medellín. Biblia, Teología Y Pastoral para América Latina Y El Caribe* 43, n.º 168 (2017): 469–94.
- Neto, Vítor. «O Estado e a Igreja». Em *História de Portugal*, editado por José Mattoso, vol. 5. O Liberalismo (1807-1890). Círculo de Leitores, 1993.
- Neves, João Alves das. «A influência do Pe António Vieira no Sebastianismo Brasileiro». Em *Padre António Vieira: Colóquio*. Faculdade de Filosofia - Universidade Católica Portuguesa, 2009.
- Nunes, Rute Soares, trad. *História de Saúde na Bíblia*. Loja da Bíblia Editorial, 2013.
- Núñez, Martín Carbajo. *São Francisco e a Ética Global*. Editorial Franciscana, 2009.
- \_\_\_\_\_. Martín Carbajo. *Tudo está Conectado: Ecologia Integral e Comunicação na Era Digital*. Traduzido por José Maria Fonseca Guimarães. Editorial Franciscana, 2022.
- Oliveira, Antonio Almir Magalhães de. «A dimensão social da evangelização». *Kairós* 10, n.º 1 (2013): 1.
- Organização das Nações Unidas. «Declaração Universal dos Direitos Humanos». 1948. <https://unric.org/pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos/>.
- Ortiga, Jorge Ferreira da Costa. «Os Frutos e a Árvore: Discurso na defesa de Pe. Albino Silva como Servo de Deus». Arquidiocese de Braga, 26 de outubro de 2014.

[https://www.diocese-braga.pt/storage/contents/contents\\_Alfofe/2014.10.23\\_albino.pdf](https://www.diocese-braga.pt/storage/contents/contents_Alfofe/2014.10.23_albino.pdf).

Ortiga, Jorge Ferreira da Costa. «Uma Alma para o Corpo da Igreja». Arquidiocese de Braga, 2018.

Passos, João Décio. «Laudate Deum: um novo jeito de ensinar em tempos de crise global». *Revista de Cultura Teológica* 32, n.º 106 (2023): 72–91.

\_\_\_\_\_. João Décio, e Wagner Lopes Sanches. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. Paulus, 2015.

Paulo VI. *Carta Encíclica «Populorum Progressio»*. Edições Paulistas, 1989.

Pimentel, Álvaro Mendonça. «O Tempo é Superior ao Espaço: O Princípio das Mudanças Sociais e Eclesiais, no Magistério de Francisco». *Perspectiva Teológica* 54, n.º 3 (2022): 683. <https://doi.org/10.20911/21768757v54n3p683/2022>.

Pinacoteca de Santos. «Fundação Benedito Calixto». Acedido 27 de setembro de 2025. <https://www.pinacotecadesantos.org.br/benedicto-calixto.html>.

Pinto, Porfírio. «A Doutrina Social da Igreja em Tempos Sombrios A proposta do Papa Francisco». Em *Quando a religião se engaja com a sociedade: Cristianismo social e suas afinidades eletivas - ensaios sobre poder religioso, política e cultura no Brasil e em Portugal*, 1.ª ed., por José Eduardo Franco e Rogério Klaumann, vol. 2. Pimenta Cultural, 2025. <https://doi.org/10.31560/pimentacultural/978-85-7221-453-7.7>.

Pontifício Conselho Justiça e Paz. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. 7.ª ed. Paulinas, 2011.

Portal do Ministério Público. «Concordata Entre a República Portuguesa e a Santa Sé». 2004. [https://dcjri.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/concordata\\_santa\\_se.pdf](https://dcjri.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/concordata_santa_se.pdf).

Postulatore delle Cause dei Santi. «Congregazione a promulgare il Decreto riguardante le virtù eroiche del Servo di Dio Albino Alves da Cunha e Silva». 20 de fevereiro de 2021. <https://www.postulazionecausesanti.it/pb/congregazione-a-promulgare-il-decreto-riguardante-le-virtu-eroiche-del-servo-di-dio-albino-alves-da-cunha-e-silva/>.

Rahner, Karl. *O Cristão do Futuro*. Fonte Editorial, 1998.

- Ramos, António De Jesus. «A Igreja e a I República: a reacção católica em Portugal às leis persecutórias de 1910-1911». *Didaskalia* 13, n.º 1–2 (1983): 251–302. 251-302 Páginas. <https://doi.org/10.34632/DIDASKALIA.1983.835>.
- Raul, Marques. «A Mão da Providência». *Diário da Região* (São José do Rio Preto), 23 de março de 2024.
- Reichert, Elizabeth. «Caridade: via mestra da Doutrina Social da Igreja». Em *Manual da Doutrina Social da Igreja: um guia para cristãos no mundo*, editado por Martin Schlag. Princípia, 2018.
- Rino Fisichella. «Ano Santo: Sinal da Fé que nunca se cansa de procurar». Em *Comentário Teológico-Pastoral à Carta Apostólica de João Paulo II «Tertio Millennio Adveniente»*, editado por Conselho de Presidência do Grande Jubileu do ano 2000. 2 5. Rei dos Livros, 1996.
- Roberto Rosmaninho Mariz. *Rosto Social da Religião: As Motivações Religiosas das Organizações Sócio Caritativas Católicas*. Cáritas, 2016.
- Rodrigues, Danilo. «Papa Francisco: Uma Doutrina Social e Pastoral». *Annales Faje* 6, n.º 1 (2021): 223–32.
- Rodrigues, Luís M. Figueiredo. *E a Palavra continua a encarnar*. Escrytos [Ed.Autor], 2021.
- Rubin, Sergio, Francesca Ambrogetti, e Franziskus, eds. *El jesuita: la historia de Francisco, el papa argentino*. Biografía e historia. Vergara, Grupo Zeta, 2013.
- Santos, Edmilson José dos. «Evangelização e promoção humana à luz da Evangelii Gaudium e da Doutrina Social da Igreja». Simpósio Internacional Filosofia - Teologia & Ciências da Religião, 2021. [https://www.faje.edu.br/simposio2021/comunicacoes\\_nao\\_doutores.php](https://www.faje.edu.br/simposio2021/comunicacoes_nao_doutores.php).
- Scannone, Juan Carlos. «Juan Carlos Scannone e a teologia do povo». 24 de novembro de 2024. <https://ihu.unisinos.br/categorias/604855-juan-carlos-scannone-e-a-teologia-do-povo>.
- Schlag, Martin, ed. *Manual da Doutrina Social da Igreja: um guia para cristãos no mundo*. Traduzido por José de Bragança. Princípia, 2018.
- Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, ed. *Concílio Ecuménico Vaticano II: Documentos Conciliares e Pontíficos*. 11.ª ed. Editorial Apostolado da Oração, 1992.

- Semeraro, Marcello. «Decreto sobre as Virtudes». Dicastero delle Cause dei Santi, 20 de fevereiro de 2021. <https://www.causesanti.va/it/venerabili/albino-alves-da-cunha-e-silva.html>.
- Silva, Albino Alves da Cunha e. «Fatos Antigos e Modernos». *A Feiticeira, Cópia Pública III*, 731-732, 5 de setembro de 1971.
- Silva, Luciano Luiz Leite da. «O Venerável Padre Albino, sacerdote bracarense: da perseguição ao legado imortal». *Diário do Minho* (Braga), 20 de setembro de 2025. 34369.<sup>a</sup> ed.
- Soares, António Franquelim Sampaio Neiva, Albano Fernandes Costa, e Armandino Pires Lopes. «Das Grandes Divisões Administrativas da Arquidiocese aos Arciprestados Oitocentistas». Em *Arceprelado de Celorico de Basto*. Arceprelado de Celorico de Basto, 2017.
- Thuan, François Xavier Nguyen van. *Testemunhas da Esperança*. Traduzido por Maria Delfina Chorão de Aguiar. Gráfica de Coimbra, 2000.
- Tomás de Aquino. *Suma de Teologia*. VII. Loyola, 2002.
- Torralla, Francesc. *Diocionário do Papa Francisco*. Traduzido por Inês Guerreiro. Farol, 2022.
- Vaquinhas Irene. «O Campesinato». Em *História de Portugal*, editado por José Mattoso, vol. 5. O Liberalismo (1807-1890). Círculo de Leitores, 1993.
- Vaquinhas Irene, e Rui Cascão. «Evolução da Sociedade em Portugal». Em *História de Portugal*, editado por José Mattoso, vol. 5. O Liberalismo (1807-1890). Círculo de Leitores, 1993.
- Vatican News. «Papa reconhece virtudes heroicas de 7 Servos de Deus, entre eles, Pe. Albino Alves da Cunha e Silva». Vatican News, 20 de fevereiro de 2021. <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-02/papa-francisco-promulgacao-decretos-virtudes-heroicas-pe-albino.html>.
- Vidal, Marciano. *Para Compreender a Solidariedade*. Editorial Perpétuo Socorro, 2005.
- Vila-Chã, Augusto. *O mundo da saúde: um apaixonante desafio*. Edições APPACDM de Braga, 2002.

## **ANEXO 1: Entrevista com José Carlos Amarante**

José Carlos Rodrigues Amarante, Presidente do Conselho de Curadores da Fundação Padre Albino, fundada pelo Padre Albino.

Entrevista realizada em 4 de janeiro de 2025 na sede da Fundação Padre Albino, na cidade de Catanduva, presencialmente.

Luciano Silva - Frei Jacó: Doutor José Carlos, o senhor autoriza que apresente entrevista tenha um áudio gravado para fins exclusivamente da minha tese de mestrado?

Dr. José Carlos: Sim autorizo.

Luciano Silva - Frei Jacó: O senhor pode se apresentar?

Dr. José Carlos: Meu nome, como você disse, é José Carlos Rodrigues Amarante. Hoje sou Presidente do Conselho de Curadores da Fundação Padre Albino. Eu sou profissional aposentado. E estou como voluntário na Fundação Padre Albino, há 24 anos e meio.

Luciano Silva - Frei Jacó: Qual a tua ligação com o Venerável Padre Albino?

Dr. José Carlos: Bem, eu pessoalmente não conheci Padre Albino. Eu morava na cidade vizinha aqui de Itajobi, mas ouvia evidentemente sem falar muito. E os recursos, inclusive. Em termos de saúde era Catanduva, então a gente ouvia falar muito. No Hospital Padre Albino propriamente dito. E nunca imaginei que a minha ligação mais forte com o Padre Albino, fosse é a minha participação na sua obra. Uma coisa que realmente é quando eu fui convidado, eu não, eu não titubeei e aceitei há 24 anos e meio atrás, desde 2000.

Eu não titubeei e aceitei e fui, foi um envolvimento muito grande. Naquela época, inclusive a fundação estava numa situação difícil, e eu fui. O pessoal foi me convidando e eu fui assumindo a vice-presidência e a vice-diretoria das Faculdades Integradas, depois que me chamaram para ser Presidente da Diretoria Administrativa e depois Presidente do Conselho de Administração e agora Presidente do Conselho de Curadores. Então, para mim é uma... à medida que eu fui conhecendo a obra de Padre Albino e fui conhecendo o próprio Padre Albino, ou seja, a história um pouquinho da história de Padre Albino isso me gratificou muito. Então eu julgo hoje que eu mais recebi do que dei para a Fundação Padre Albino.

Luciano Silva - Frei Jacó: Perfeito. De tudo aquilo que o Padre Albino fez, obras, obras sociais, obras educacionais, o seu legado, obras pastorais. O que que assim um evento que o senhor gostaria de destacar? O que mais lhe chama atenção.

Dr. José Carlos: Olha é difícil destacar as obras de Padre Albino aqui em Catanduva, que foram muitas, mas sem dúvida nenhuma foi o hospital padre Albino. Que praticamente ele chegou aqui em 1918 e dois anos depois ele deu iniciou inclusive a construção da matriz e logo em seguida também deve ter. Deve, não? Ele começou a construir o hospital Padre Albino que era na época Santa Casa. E foi inaugurada, inclusive em 1926, e essa obra assim é que ela destacou a figura carismática de Padre Albino, não só em Catanduva, mas em toda a região e hoje, inclusive, Padre Albino é conhecido praticamente no Estado inteiro pelos serviços que ela oferece que ela realmente entrega aqui em Catanduva, então, mas obras são muitas, muitas. A gente pode até citar se for o caso, mas a de destaque realmente é o Hospital Padre Albino, que inclusive tem até um detalhe interessante quando foi feita a primeira reunião da associação. Beneficente de que o os conselheiros, os associados daquela época, a primeira Diretoria queria inclusive, colocar no frontispício da Santa Casa, está escrito lá Santa Casa. Eles queriam mudar o nome para Padre Albino ele não aceitou. Portanto, é que até hoje nem continua lá. A Santa Casa não é a Fundação não é mais, é uma fundação. Deixou de ser Santa Casa misericórdia, não é, mas permaneceu lá. E nós fizemos questão, apesar da reforma agora de permanecer O nome Santa Casa, que foi o desejo dele.

Luciano Silva - Frei Jacó: O desejo atendido. Muito bem. Agora, Doutor José Carlos, nós mudamos para uma segunda fase, que é a fase da fase mais teológica dentro da doutrina industrial da Igreja do Paulo Francisco, recordando que o padre Albino foi aquele que antecipou o que o Papa faz hoje com a sua doutrina, com seus documentos. O padrão já o vivia há mais de 100 anos. Primeiro aspecto da ecologia integral, capaz de gerar vida, ou seja, com padrão, bem entendia o homem no seu todo. E para, porque ele era um sacerdote. Sim, cuidava da alma das pessoas, mas ele também era uma pessoa que cuidava da saúde da social, mas ele conjugava essas duas coisas. Ele não era nem só de um lado, nem só do outro lado. Como que o senhor acha que o Padre Albino viveu isso?

Dr. José Carlos: Inclusive eu acho, eu tenho certeza que. Um dos principais motivos que o levou. O está levando a Santidade, é justamente esse aspeto. Porque geralmente padre, principalmente naquela época, chegou aqui em Catanduva. É, inclusive, fazia 14 dias apenas que Catanduva tinha sido elevado à condição de município. E era realmente uma cidade, do sertão do Estado de São Paulo, uma cidade realmente. Habitada por pessoas da época não é rude, tinha aquela brutalidade toda, mas interessante que ele não. Ele não focou naquele primeiro momento. Só a questão religiosa. Tudo bem? Ele já iniciou em seguida a construção da Igreja Matriz que nós temos hoje era uma pequena Capelinha, ou seja, ele teve o cuidado. De ampliar, A questão da evangelização, mas o que realmente marca é que ele se preocupou

com uma coisa que com certeza não estaria no escopo. Dele como padre. Que deveria ser mais questão da responsabilidade do poder Público, mas ele se preocupou. Em trazer conforto para aquelas pessoas necessitadas, não só questão de doença, porque quando você lê a Ata de Constituição da Associação, você percebe claramente que não passa só pela questão de doença, inclusive tem a famosa, o famoso sopão que ele fornecia para as pessoas, não é? Onde é hoje? Eu apronto o pronto-socorro do hospital Padre Albino Ali funcionava a cozinha e ele tinha todas as tardes e ele fornecia o seu pão, o famoso seu pão. Quer dizer que ele tinha uma preocupação realmente com a integridade da pessoa humana. E eu acho que esse que é o é o grande aspeto que o levou, e está levando à Santidade.

Luciano Silva - Frei Jacó: Perfeito. A próxima pergunta é, ir às periferias, a promoção dos mais pobres, as obras de maior destaque e maior caridade? Eu acredito que o senhor falando é sopão, aí não seria uma delas? Sim.

Dr. José Carlos: Sim, com certeza por quê? A pobreza engraçava muito naquela época, sem assistência médica, sem assistência hospitalar, porque não devia ter realmente nada nesse sentido. E essa questão social. De também dar o alimento e também o acolhimento que ele fazia das pessoas. Isso é muito importante dizer. Que quantas vezes a história NOS conta e as pessoas que conviviam com ele, que quando o hospital estava lotado, inclusive chegava uma mãe com criança ou qualquer coisa nesse sentido, pessoa realmente precisando e os médicos negavam ao acolhimento porque não tinha ele cedia a própria cama. Então, isso realmente é? É algo que precisa ser destacado e na periferia. A história conta que ele vivia realmente nas periferias, pedindo, pedindo doações que foi com isso, com essas doações que ele tanto. Construiu a Igreja, a Matriz São Domingos e onde ele conseguiu também. O Hospital Padre Albino. Então ele vivia e por isso que ele foi ganhando. O respeito e a admiração de todos, principalmente das pessoas. A periferia que naquela época, inclusive.

Luciano Silva - Frei Jacó: Conquistas.

Dr. José Carlos: Não é, a população vivia mais. Na periferia mais nas zonas rurais do que na própria cidade. E ele realmente era muito admirado com isso.

Frei Jacó: Muito bem. É nós ficamos até \*\*\*\*\* não vai, não. Na parte teológica assim na uma dinâmica social para a gente ficar mais clara esse entendimento. Como que o Padre Albino ele conseguiu. Ele tinha um propósito quadro dele que era salvar almas dar as pessoas, levar as pessoas para Deus. E como que ele viveu essa realidade, ou seja, como que ele como disse, citando o Papa Francisco. Entendeu que O tempo nosso é superior ao espaço que a unidade prevalece sobre o conflito. Ou seja, pessoas unidas é mais forte do que manter o conflito. A

realidade é mais importante que a ideia, ou seja, no concreto, na verdade, que a ideia e por fim o todo é superior à parte. Como o padre, alguém não conseguiu conjugar isso já. Com a compreensão teológica que existia da época com as não existia essa clareza que nós temos hoje. Como que ele conseguiu viver tudo isso? Ou seja, parecia até que ele tinha uma nave do futuro, que ele veio aqui ver como é que o mundo ia estar e já viveu no seu tempo.

Dr. José Carlos: Exato na medida que você foi falando, a gente vai recordando algumas coisas. E acredite que era realmente muito difícil. Para os padres sacerdotes daquela época é evangelizar. Nenhum povo rude. Não é que é aqui do interior do Estado de São Paulo e numa igreja ainda muito, muito fechada. Não é que ainda rezava em latim. Era muito difícil. Acredito eu, mas ele, evidentemente, ao escolher ao de se decidir, não é por ser religioso, por ser padre, na época dele lá em Portugal, inclusive contra a vontade. Era o pai dele mesmo. Lógico que ele tinha esse propósito de levar o Evangelho. As pessoas? Foi atropelado pela questão. Política de Portugal, mas acabou. Chegando aqui em 1914 graças a Deus. Através de uma diversidade muito grande para ele, mas ele acabou chegando para nossa sorte. Chegou aqui em cada. Quando houve, e eu acho que aí ele deve ter realmente ter percebido. É inteligente como ele era visionário como ele era. Ele deve ter percebido que simplesmente falar. A população. Com grandes dificuldades não é de saúde, alimentação, de assistência e tudo mais ele deve ter. Santo, como ele era ele é, ele deve ter percebido isso. Então ele realmente partiu para fazer aquilo que o próprio poder Público se omitia a fazer. Não é ou não tinha condições de fazer? E ele fez então a esse é que realmente é. É algo admirável dentro dessa teologia, aí do Papa Francisco, que agora não é você comentando essa. Essa situação a gente. Não tinha parada para pensar nisso, ou seja, de fato ele lá no tempo dele, com toda a dificuldade. É praticamente sozinho porque eu falo o seguinte, lógico que ele não fez nada disso sozinho. Ele se cercou de pessoas boas de pessoas pobres. Que o ajudaram, mas a liderança, a ideia. O *start* foi sempre dele, então você vê que ele já tinha lá naquela época na época dele. Muito do que hoje o próprio Francisco nos propõe não só propõe, mas ele está em busca.

Luciano Silva - Frei Jacó: Exatamente.

Dr. José Carlos: Dessa situação que, na verdade, nós aqui em Catanduva, agora percebemos que fomos realmente privilegiados.

Luciano Silva - Frei Jacó: E o pessoal também?

Dr. José Carlos: Nessa questão.

Luciano Silva - Frei Jacó: Muito bem. Olha a última pergunta. Sobre a economia de Francisco, que é o documento que o Papa fez uma nova forma de pensar a economia nem ao

capitalismo nem ao socialismo, mas no novo jeito que ninguém fique excluído, ou seja, uma economia capaz de gerar vida. É compensou Albino na sua época e essa pergunta vai muito assertiva para o senhor o senhor como Presidente do Conselho de Curadores? Aí a sustentabilidade, comparação e sustentabilidade, ou seja, se realmente ele quis morrer sem dívida, ele tinha de pensar como pagar as contas todos os meses. Como que foi a sustentabilidade das obras do Padre Albino?

Dr. José Carlos: Eu disse agora há pouco, quando eu vi no visionário isso eu tenho convicção, que era um visionário. Então, lá em 1926, era inaugurou a Santa Casa e na sequência, vieram outras obras que ele ou ele participou diretamente, ou ele colaborou com essas obras? Não é tanto na área da saúde, na área da educação, na área da assistência social. Em que foi, recanto hoje o recanto com o Senhor Albino, mas na época realmente era o asilo dos velhos, não é o Lae dos Velhos em 1929.

Luciano Silva - Frei Jacó: Certo.

Dr. José Carlos: Aí vem à época? 1969 foi a criação da Faculdade de Medicina. E por que que ele? Quis criar faculdade de medicina, mas estão falando em sustentabilidade. Naquela época, não tinha IMPS, não tinha SUS, não tinha nada nesse sentido. E ele sabia que a obra dele no Padre Albino na época não tinha quem do hospital Emílio Carlos. Não se sustentaria se dependesse apenas, de verbas governamentais. Mas no poder Público. E ele com um carisma que ele tinha. Ele conseguia evidentemente arrecadar muitos recursos. Ninguém negava nada para o Padre Alvinegro, mas ele sabia que um dia ele deixaria de estar aqui. Perderia esse carisma, então ele precisava deixar algo para dar sustentabilidade. Foi onde ele criou. Ele deixou a associação em 1968, criou a Fundação Padre Albino, ou seja, um patrimônio que ele já deixou e que, por si só, teria condições de sustentar e porque ele também poderia criar outras formas de arrecadação de dinheiro. E a primeira delas foi exatamente na questão da educação. Trouxe para Catanduva. A faculdade de Medicina. Muito antes de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, que hoje é uma capital aqui no interior, não tinha faculdade de medicina e Catanduva já tinha faculdade de medicina e veja bem, ele tinha duas preocupações, faculdade de medicina particular ia trazer os recursos que a Fundação precisaria. E ao mesmo tempo, ele estaria produzindo a mão de obra médica para atender os seus.

Luciano Silva - Frei Jacó: Vamos dizer assim, sensação.

Dr. José Carlos: Associados numa época já não eram mais associados atender a população carente. Então é veja a Visão dele, de sustentabilidade e também de não deixar desamparado os seus assistidos.

Luciano Silva - Frei Jacó: Extraordinário. Extraordinário.

Dr. José Carlos: Não, com certeza Eu Não, não tenho dúvidas.

Luciano Silva - Frei Jacó: Que gestão.

Dr. José Carlos: Agora, a partir daí, lógico aí. Logo em seguida, em 1973, ele veio a falecer, mas FPA, já em 1973, já tinha mais faculdade via faculdade de educação física ou administração. O bacharelado e um outro que me recordo agora, e hoje são 10 cursos, superiores. Já a Fundação oferece, aliás, o 11º começa este ano. Também que a faculdade de psicologia também vai começar a funcionar. E tudo isso gerou gera recursos para a sustentabilidade da fundação e mais tarde, não é em 2000. Também veio o plano de saúde, mas aí é tudo consequência daquilo que Padre Albino visualizou lá atrás.

Luciano Silva - Frei Jacó: Existe um espírito fundacional que está em está embutido na Fundação.

Dr. José Carlos: Com certeza, fechou tudo muito bem estruturado. O que nós fizemos? Foi dar continuidade aquilo que ele deixou lá. Você vê na década de 60. Ele já tinha tudo isso na cabeça dele.

Luciano Silva - Frei Jacó: Exatamente.

Dr. José Carlos: Talvez ele não tenha imaginado lá no início que isso aconteceria. Mas aconteceu por isso que ele é santo.

Luciano Silva - Frei Jacó: Muito bem. Obrigado, Doutor José Carlos. Muito obrigado.

Dr. José Carlos: Ó eu que agradeço a oportunidade. E como falei, eu não sei se pude contribuir muito. Porque tem pessoas aqui em Catanduva, com certeza que tem muito mais conhecimento da vida albina até chegou a conhecê-lo pessoalmente, mas eu fico muito feliz em poder contribuir de alguma forma pequena que seja porque a cidade de Catanduva, ela se confunde com a obra de Padre Albino. Eu não consigo imaginar Catanduva sem as obras de Padre Albino.

Luciano Silva - Frei Jacó: Perfeito.

## **ANEXO 2: Entrevista com José Luiz Cassimiro**

José Luiz Cassimiro, sacerdote, nomeado vice postulador da cauda de beatificação do Padre Albino. Pertence ao clero da Diocese de Catanduva.

Entrevista realizada em 1 de novembro de 2024, em Braga, presencialmente.

Luciano Silva - Frei Jacó: Padre José Luiz, o senhor autoriza que apresente entrevista tenha um áudio gravado para fins exclusivamente da minha dissertação?

Pe. José Luiz: Sim aceito plenamente.

Luciano Silva - Frei Jacó: Quem é o Padre José Luís?

Pe. José Luiz: Padre José Luís Cassimiro sou eu, sou natural do Brasil, do Estado de São Paulo, nascido na cidade de central, tenho 58 anos completos. Vou completar 33 anos de Ministério Presbiteral no próximo mês de fevereiro de 2025. Atuo e sou encarnado na diocese de Catanduva e estou como pároco da paróquia São José de Itajubá, uma das paróquias da diocese de Catanduva.

Luciano Silva - Frei Jacó: Padre, qual a tua ligação com o Venerável Padre Albino?

Pe. José Luiz: A minha ligação com o Venerável Padre Albino começou no ano de 2011, quando o bispo da nossa diocese de Catanduva, então Dom Antônio Celso de Queiroz, aceitou introduzir a causa de beatificação e canonização. Através da do pedido da Fundação Padre Albino, na mesma cidade de Catanduva. Na ocasião, nossa diocese fez contato com um Postulador de Roma, Doutor Paulo vilota e o Doutor Paulo Vilota. Me escolheu dentre os membros do clero da diocese de Catanduva, para ser o seu vice-postulador. Então eu tive a oportunidade de acompanhar toda o desenvolvimento do processo. Do Inquérito Diocesano da causa em prol da verificação e canonização do quadro desde as suas origens até mesmo antes, quando em 2011 foram feitas os as atividades em prol do reconhecimento canónico dos seus restos mortais. Eu acompanho todo o processo, não é o reconhecimento dos restos mortais e padrão. A transladação para a Igreja Matriz que ele havia construído. Depois. A obtenção de um de níquel obstante da então congregação para as causas do Santos de em Roma. Depois a abertura do inquérito Diocesano com a sua Comissão histórica e a sua Comissão de depoimentos. Depois, também há uma ida a uma vinda a Portugal para pesquisa dos documentos referentes a vida do Padre Albino para a formação do inquérito do Diocesano. Eu acompanhei todo esse processo do. Seu início até o momento. Em que a causa é culminou na confecção da posição. E a *Positio* foi protocolada no de castelo para as causas dos Santos e foi levada para a análise da Comissão dos Teólogos e bispos e Cardeais que resultou na venerabilidade um

decreto num decreto. A aprovação de venerabilidade para o Padre Albino, no dia 20 de fevereiro do ano 2021.

Luciano Silva - Frei Jacó: Padre de todas as coisas do Padre Albino, assim, o que mais o senhor gostaria de destacar da vida do Venerável Padre Albino?

Pe. José Luiz: Eu acho que da vida do padre nós podemos destacar a vivência em grau heroico das virtudes, das virtudes, teologais, das virtudes cardeais, das virtudes do seu estado de clérigo, não são as três virtudes teologais, a Fé, a Esperança e a Caridade. Padre Albino viveu, de facto, a fé de uma maneira exemplar, movido pela Esperança sempre. De ver dias melhores. Em prol da vida do seu povo. E essa Esperança, ela se alimentava na prática da caridade em prol dos mais pobres quanto as Virtudes Cardeais a prudência, a justiça, a Fortaleza, temperança. Podemos dizer que o Padre Albino também as viveu de maneira heroica. Quanto à prudência, a capacidade que ele tinha de tomar, as decisões na hora certa de maneira certa, de modo correto, não é sempre. Em relação à justiça, a capacidade de se relacionar com o próximo de uma maneira equitativa, de uma maneira sempre equilibrada, nunca desproporcional e nunca é levando em consideração elementos de discriminação quanto à Fortaleza, a capacidade de resistência e resistência à adequação frente aos desafios encontrados. Quanto à temperança, a capacidade do equilíbrio, emotivo. A tomada das decisões? E as quatro virtudes do seu estado de clérigo, não é a humildade, a pobreza, a castidade e a obediência. Virtudes assim que se destacam tanto é verdade que o lema de sua vida era que ele desejava morrer pobre sem bens, sem dívidas, sem pecado e sem dinheiro. E de facto, foi assim que ele viveu a vida toda. Viveu exatamente assim, colocando inclusive à disposição. Os seus recursos pessoais que nós sabemos. Padre Albino era de uma família bastante afortunada em Portugal. E depois da partilha dos bens, ele tinha acesso a muita coisa e ele colocava totalmente à disposição dos rendimentos daquilo que lhe pertencia, em prol da das causas de caridade que ele desenvolveu na cidade de Catanduva.

Luciano Silva - Frei Jacó: Muito bem, agora nós vamos adentrar especificamente na doutrina social da Igreja do Papa Francisco, conjugando a vida do Padre Albino. A pergunta primeira nesse sentido é, qual aspetos da ecologia integral capaz de gerar vida encontrada em padrão?

Pe. José Luiz: Podemos dizer que Padre Albino consegue antecipar aquilo que o Papa Francisco propõe como uma nova via de construção de uma nova sociedade, onde o todo tem mais importância do que o particular, onde de fato a realidade tem mais importante. Tem mais importância do que a ideia. Para David não conseguiu antecipar. Tanto a verdade que ele sempre colocou o todo que ele tinha à sua disposição ao seu alcance, em prol do benefício e do bem da

totalidade das pessoas que no caso era a população de Catanduva e região, não é em prol da recuperação da saúde e do bem-estar dessas pessoas e ele tornou a realidade. Através das suas obras. Aquilo que ele que se propôs, então tornando, fazendo com que a realidade fosse de facto, objetivamente mais concreta do que a própria ideia.

Luciano Silva - Frei Jacó: Certo, o Papa Francisco tem uma ideia e uma ação muito voltada para as pessoas excluídas para as periferias. E o que o senhor tem a dizer sobre esse ir às periferias? A promoção dos mais pobres, as obras de maior caridade e de maior destaque do Padre Albino?

Pe. José Luiz: Entre as obras de maior destaque do Padre Albino está a criação da dos hospitais, tendo em vista a recuperação da saúde das pessoas doentes, dos enfermos e, de facto, em relação às pessoas mais empobrecidas de toda a região de Catanduva. É também a sua preocupação com as pessoas idosas em estado de vulnerabilidade também de criança. Ele voltou toda a sua ação social, tendo em vista a promoção da vida e da recuperação da vida plena para essas para essas pessoas. Isso é tão verdade que existem relatos que indicam que mesmo na sua velhice, Padre Albino chegava até mesmo a tumultuar entre aspas. No sentido positivo a vida do hospital, porque ele não admitia que um enfermo que chegasse ao hospital.

Luciano Silva - Frei Jacó: Muito bem. Com relação à Economia de Francisco, quando o Papa propõe um modo novo de empreender um modo novo de investir um modo novo de ser sustentável, não só no campo da Igreja, mas também no campo da sociedade. Como o Padre Albino, viveu isso?

Pe. José Luiz: Acredito que o Padre Albino conseguiu, através da sua ação social, é antecipar alguns elementos dessa visão do atual Papa Francisco. Padre Albino coloca o consegue colocar em comunhão tudo aquilo que ele era e aquilo que ele tinha e aquilo que ele conseguia. Ele conseguiu através estruturar uma ação. Não era uma ação isolada pessoal unilateral, mas era uma ação coordenada, uma ação estruturada, uma ação organizada, a qual deu origem a várias instituições, de serviço social e de caridade que existem até hoje e prestam um serviço fundamental ainda à nossa realidade de Catanduva.

Luciano Silva - Frei Jacó: Muito bem, padre, muito obrigado e só apenas um bônus. Se precisarmos para futuro esclarecer alguma dúvida daquilo que o senhor falou algum acréscimo o senhor teria disponibilidade para uma videoconferência?

Pe. José Luiz: Sim perfeitamente estou plenamente à sua disposição.

Luciano Silva - Frei Jacó: Muito obrigado, paz e bem!

### **ANEXO 3: Entrevista com Fernanda Rocha Martins**

Fernanda Rocha Martins, fonoaudióloga. Assistida como paciente nas obras deixadas pelo Padre Albino.

Entrevista realizada em 4 de janeiro de 2025, via telefone.

Luciano Silva - Frei Jacó: Fernanda Martins, a senhora autoriza que apresente entrevista tenha um áudio gravado para fins exclusivamente da minha tese de mestrado?

Fernanda Martins: Ó, então vamos lá a primeira pergunta. Autorizo sim o meu áudio para os fins que você precisa aí de mestrado.

Luciano Silva - Frei Jacó: Pode se apresentar?

Fernanda Martins: meu nome é Fernanda Rocha Martins. Sou fonoaudióloga, tenho 61 anos, nasci em Catanduva.

Luciano Silva - Frei Jacó: Qual a tua ligação com o Venerável Padre Albino?

Fernanda Martins: a minha ligação com o Venerável Padre Alvino é pessoal. Eu nasci no Hospital Padre Albino. Fui batizada por ele e sempre fui beneficiada pelas suas obras, como por exemplo, no hospital Padre Albino, que há 2 anos eu tive um Câncer de mama e fui tratada toda no tratamento, foi todo lá, então essa é uma ligação. A outra que eu tenho é que ele foi muito amigo de um tio, que foi um dos primeiros médicos do Hospital Padre Albino e a gente tinha assim um contacto com ele, às vezes de conhecer de encontrar. Então, essa foi minha ligação com ele na minha infância até os dez anos.

Luciano Silva - Frei Jacó: De tudo aquilo que o Padre Albino fez, o que gostaria de destacar? O que mais lhe chama atenção.

Fernanda Martins: O que que eu mais gostaria de destacar na vida do padre é eu destaco suas obras maravilhosas, como o hospital, faculdades, creches e asilos. Ah pois, o padre sempre teve essa preocupação. Com esse ciclo de ajuda, desde o nascimento até a morte dos mais necessitados.

Luciano Silva - Frei Jacó: Aspectos da Ecologia Integral, capaz de gerar vida? O primeiro aspecto da ecologia integral, capaz de gerar vida, ou seja, com padrão, bem entendia o homem no seu todo. E para, porque ele era um sacerdote. Sim, cuidava da alma das pessoas, mas ele também era uma pessoa que cuidava da saúde da social, mas ele conjugava essas duas coisas. Ele não era nem só de um lado, nem só do outro lado. Como que o senhor acha que o padre Albino viveu isso? Ir as periferias: a promoção dos mais pobres. As obras de maior caridade?

Fernanda Martins: A quinta e a sexta pergunta. Eu vou responder meio que numa só sobre a ecologia integral. Que eu penso que ele conjugou com o Padre Albino. Essa ecologia integral do Papa, que seria a Visão que ele sempre teve com a dignidade. Da vida dos pobres, em especial, ele foi um protetor da vida. Preservando a dignidade deles, pois ele se preocupava desde a maternidade. Quando na fundação do hospital, ele tinha um carinho todo especial com a maternidade, com a alimentação, que ele fazia aquela a sopa comunitária, depois com o hospital promovendo a saúde das pessoas, escolas. Como creches para essas crianças? A faculdade pensando na educação, a escola de comércio de Catanduva, aquele que fundou. A faculdade de Medicina, trazendo esses médicos. Para poder gerir o hospital, os asilos. Que era para uma dignidade no final da vida, então esse foi mesmo um. O Padre Albino foi um tapa para Catanduva. Ele nos protegia desde o nascimento até a nossa morte, aliando a parte social com a parte religiosa também.

Luciano Silva - Frei Jacó: Teologia - Dinâmica Social da Evangelização: segundo o magistério do Papa Francisco, expresso em sua Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: a) O tempo é superior ao espaço; b) A unidade prevalece sobre o conflito; c) A realidade é mais importante do que a ideia e d) O todo é superior à parte?

Fernanda Martins: O que seria a DSI da teologia. Estive lá o como é que é a DSI que é a teologia social da evangelização, não é, segundo o Papa Francisco. É exatamente o que o nosso Monsenhor Albino sempre pregou. Sua vida toda um homem sem preconceito, porém muito rígido quanto a questão. É igualitária. Então aquilo que eu já comentei. Sobre alimento, moradia, educação, saúde para todos e sempre pregando não preconceito contra o rico jamais. Ele sempre teve amigos de todas as classes, mas ele. Plantava essa semente na consciência de todos que tinham poder aquisitivo melhor. Que meio que inconsciente, não é meio uma história subliminar que quem tinha um poder aquisitivo maior tinha meio que por obrigação. Não é por obra de Deus ajudar os mais necessitados. Então ele foi promovendo isso. Ele foi fazendo essa ponte, então essa era sua lei maior.

Luciano Silva - Frei Jacó: Economia de Francisco: como pensou Albino na sua época? Sustentabilidade. Caminho alternativo?

Fernanda Martins: E enquanto sustentabilidade, ele sempre pensava em tudo muito agregado. Então ele tinha aquela horta comunitária que era para promover o alimento para os hospitais, para as creches. Então ele sempre alinhava todas as suas obras para o bem maior, que era a proteção de um povo. É isso, frei? E sim, eu tenho a disponibilidade para uma possível conversa. Se for necessário. Num futuro aí pra sua tese? Grande abraço.

#### **ANEXO 4: Entrevista com Francisco Medeiros Basto**

Francisco Medeiros Basto, pároco da Paróquia de Santo André, da freguesia de Codeçoso, município de Celorico de Basto, Portugal. Atua na paróquia que um dia Padre Albino foi batizado, recebeu outros sacramentos e atuou como pároco. Pertence ao clero da Arquidiocese de Braga.

Entrevista realizada em 26 de setembro de 2025, via telefone.

Luciano Silva - Frei Jacó: Pe. Francisco, o senhor autoriza que apresente entrevista tenha um áudio gravado para fins exclusivamente da minha tese de mestrado?

Pe. Francisco: Sim autorizo.

Luciano Silva - Frei Jacó: O senhor pode se apresentar?

Qual a tua ligação com o venerável Padre Albino?

- O que mais gostaria de destacar da vida do venerável Padre Albino?

- Aspectos da Ecologia Integral, capaz de gerar vida?

- Ir as periferias: a promoção dos mais pobres. As obras de maior caridade?

- Teologia - Dinâmica Social da Evangelização: segundo o magistério do Papa Francisco, expresso em sua Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: a) O tempo é superior ao espaço; b) A unidade prevalece sobre o conflito; c) A realidade é mais importante do que a ideia e d) O todo é superior à parte.

- Economia de Francisco: como pensou Albino na sua época? Sustentabilidade. Caminho alternativo.

Pe. Francisco: A olhar para o Padre Albino, olho alguém que conheço mal, mas, conheço bem. Nesta tentativa. De refúgio de fugir também com certeza da perseguição que tinha. Mas claro, olhavam para ele com uma certa desconfiança. Mas uma certa desconfiança mais tarde? Muitos dos seus contemporâneos foram ouvindo falar. Só vou indo falar, claro, ainda no tempo em que a comunicação social. Era. Sempre distante a notícia demorava dias a chegar, hoje ela chega. Praticamente no segundo. E por isso ele foi capaz de fugir. Vir para um povo mesmo não conhecendo, mas reconhecendo poderia. Ser compreendido. E. Hoje vai-se notando. Uma certa devoção ao Padre Albino? Mas também vemos muita gente. Claro que ouvia falar que não conheceram também apática desconfiada. Uh em relação ao próprio Padre Albino. Mas, o Padre Albino foi capaz de além-mar além, Oceano Atlântico. Espantar todos. Fui capaz de construir. Reconstruir. Tornar a fé. Como testemunho como construção. E não só a fé rezada proclamada.

Colhemos com certeza as obras da Igreja Matriz. Olhamos o hospital. Padre Alpino, olhamos a sua preocupação. Para com os idosos. Olhamos também para a vertente também cultural, o ensino e a faculdade de medicina e que depois, com certeza, foi capaz também de transformar. Com certeza. Esta faculdade. Um hospital Padre Albino e por isso devemos agradecer, claro, a vertente da fé. Não como algo privado, não como algo meu, mas sim a fé como extensão. Como ele foi-se capaz também de estender além-mar. Extensão na recuperação para com os mais idosos. Preocupação para a segurança da fé na Igreja, mas também preocupação para o próprio tratamento das doenças para a próprios idosos, para todos. No fundo, através da construção do Hospital. É com certeza, lembrado, mas Eucaristia. Mas com certeza também os pobres. Membros da Fundação Padre Albino e que estão a tratar claro do processo, também de beatificação, ajudarão cada dia que passa também a mostrar e a demonstrar esta veia de santidade do Monsenhor Albino Alves da Cunha e Silva.

## **ANEXO 5: Entrevista com Fábio Pagotto Cordeiro**

Fábio Pagotto Cordeiro, atual pároco da Paróquia São Domingos de Catanduva. Pertence ao clero da Diocese de Catanduva.

Entrevista realizada em 1 de novembro de 2025 na sede da Fundação Padre Albino, na cidade de Catanduva, presencialmente.

Luciano Silva - Frei Jacó: Pe. Fábio, o senhor autoriza que apresente entrevista tenha um áudio gravado para fins exclusivamente da minha dissertação de mestrado?

Pe. Fábio: Claro autorizo.

Luciano Silva - Frei Jacó: O senhor pode se apresentar?

Pe. Fábio: É tudo bem, frei? Eu me chamo padre Fábio Pagotto Cordeiro, sou natural da cidade de Catanduva, Estado de São Paulo, Brasil. Terra onde Padre Albino exerceu praticamente todo o seu Ministério dentro do Brasil. Hoje tenho 47 anos de idade. Por mais que. Eu diga para as pessoas que. Eu tenho 26. Tenho 18 anos de ordenação. E como formação no tempo de seminário, fui formado pelos padres doutrinários, padres que foram convidados pelo Padre Albino para ir para Catanduva. É a minha paróquia de origem. É a segunda paróquia da cidade, o santuário hoje a Sé catedral, o santuário Nossa Senhora Aparecida e ali fiz meu discernimento. Entrei no seminário dos padres Doutrinários, fui ordenado lá padre e depois num período de discernimento posterior, eu percebi a minha questão de padre diocesano e me incardinei na diocese.

Luciano Silva - Frei Jacó: Muito bem. Padre. Qual a tua ligação com o venerável Padre Albino?

Pe. Fábio: Eu estou na paróquia São Domingos de Gusmão. Que em Catanduva, todos conhecem como Igreja Matriz de São Domingos. Esta paróquia é a primeira paróquia da cidade de Catanduva, portanto, a paróquia onde padre Albino chegou padre Albino chegou 14 dias depois da emancipação política de Catanduva e ali tudo o que precisava ser feito existia em Catanduva um padre curato que a gente eu ainda não consegui compreender direito o que era naquele tempo. Mas é, ele já estava ali por três anos, chamado Padre Maurício Caputo. E com isso, Padre Albino chega num período em que praticamente não existia nada. Eram 600 pessoas, poucas casas e tudo a ser desenvolvido numa cidade recém-emancipada, então a minha presença hoje é o melhor. A minha relação com o Padre Albino é estar na paróquia construída por padre Albino. Porque ali ele ficou até o final da sua vida.

Luciano Silva - Frei Jacó: O que mais gostaria de destacar da vida do venerável Padre Albino? Aquilo que o senhor ouviu falar ou que ter com a história aprendeu ou que isso que tem frutos hoje?

Pe. Fábio: Olha, eu gostaria de destacar a seguinte expressão, um homem à frente do seu tempo. A Fundação criada por ele todo o mês de setembro, na semana do seu Nascimento da sua morte, que foram próximos. É faz a semana Padre Albino e esse ano é eu fui convidado a presidir a abertura e também o encerramento da semana Padre Albino e eu dizia na missa de abertura isso um homem à frente do seu tempo. Tudo ele olhava o futuro em tudo. Ele percebia aquilo que o quem estava com ele não tinha visto ainda. Era então todas as suas decisões, todas as suas obras, toda o seu jeito de conduzir foi sempre pensando à frente do seu tempo. É e com excelência naquilo que fazia. É, eu tive a possibilidade de pouco tempo atrás pegar alguns relatos. Infelizmente, o livro Tombo da época de Padre Albino desapareceu. Eu Não tenho. Por isso que quando até você me chamou para dar algum relato, disse, eu sei, não ouvi dizer por que eu não tenho documentação diferente da parte da postulação. Mas assim, eu tenho relato, perdidos encontrados em coisas. No Centro Cultural Padre Albino, que é da fundação. E esse centro cultural, me passou o material e tudo e um dos relatos que me chamou a atenção foi quando o Padre Albino decide colocar um órgão eletrônico Na Igreja Matriz de São Domingos. Ele não buscou só o melhor órgão, ele buscou. Apresentar o órgão para a Comunidade da melhor forma possível. A empresa que vendeu o órgão com sede nos Estados Unidos, mandou um maestro fazer uma apresentação de Regência do álbum para a Comunidade. Então deu para perceber que não é uma pessoa que só queria o melhor, mas queria mostrar esse melhor que é para o bem de todos, não é? Então, sempre à frente do seu tempo. É o que mais me marca a respeito de Padre Albino.

Luciano Silva - Frei Jacó: Excelente padre Fábio, agora nós vamos avançar pelo caminho da doutrina social, da Igreja do Papa Francisco. A primeira questão é, quais aspetos da ecologia integral que são capazes de gerar vida encontradas em padre Albino?

Pe. Fábio: Dele, Padre Albino, ele se preocupou com todos os estágios da vida humana. A sua presença? Que teve como primeira obra a Igreja Matriz de São Domingos, a sua presença foi de cuidado e a segunda obra porque é óbvio. A primeira era congregar o povo porque num primeiro momento ele foi rejeitado. Num primeiro momento ele foi. Até ignorar. Não é então o momento de construir a nova Igreja Matriz de São Domingos? Era um momento de congregar e a segunda obra dele foi o hospital. A Santa Casa de misericórdia. Então ali a gente vê a preocupação do padre Albino na integridade daqueles que são filhos de Deus. Então a Santa Casa. Lugar do Nascimento, lugar do cuidado. Lugar da preocupação com a saúde, o bem-estar

e todo o povo, relata. Inclusive, esses dias atrás, conversei com uma Senhora que trabalhou diretamente com ele lá na Santa Casa. Até ela falou, padre, se o senhor precisar que eu traduzo alguma coisa que ele escreveu. O senhor me procure porquê? Eu queria que datilografado tudo aquilo que lhe escrevia. Então não só ela, mas todos os outros que falavam sobre o hospital. Quem chegava tinha que ser atendido, inclusive tem até uma carta escrita por ele dizendo isso que ninguém poderia ser deixado de lado, Então? É essa preocupação, primeira com o bem-estar e sendo cuidado, portanto, evangelizado. E depois vieram. Os outros cuidados, não.

De amor, de cuidado, de preocupação. Então, não é? E assim, outras pessoas depois relatando a criança nascia e deixar virava e perguntava, vamos marcar batizado. Então é óbvio o cuidado do ser humano, mas já o passo seguinte, que é o cuidado espiritual, então vamos ver isso, vamos ver aquilo. E isso marca muito a figura de Padre Albino, todos que se lembram e aqueles que relatam sempre relatam isso. Ele estava preocupado com seu bem-estar. E, por consequência, a salvação.

Luciano Silva - Frei Jacó: O Papa Francisco Hoje fala desde o início do pontificado sobre o ir às periferias. Ele mencionava lá, prefiro uma igreja suja ou amaciada do que presa nas suas comodidades. E que aspeto o padre relata aí sobre essas periferias do Padre Albino, ou seja, a promoção da pessoa, sobretudo dos mais pobres?

Pe. Fábio: É nessa preocupação de Padre Albino em cuidar. A gente percebe sempre quando os relatos que eu sempre ouvi dele era dar atenção a todos. Indistintamente. Ao sair pedindo coisas para suas obras e isso marca muito. Ele não dirigia e alguém dirigindo para ele. Ou então ele ia a pé para lá e para cá. Ele sempre estava preocupado com aqueles que mais precisavam, então ele chegava e já dizia, não tinha uma galinha para dar para a gente fazer uma canja para os nossos pobres. Não tem um ovo, não tem um saco de feijão, não tem e o que marcou muita gente lembra e fala, até hoje é a sopa, a comida que ele dava. Na cozinha do hospital. Todo dia no final da tarde, tinha distribuição de comida. Todo dia no final da tarde, uma fila de pessoas que passariam fome talvez poderia ser a única refeição do dia daquelas pessoas. Muito provavelmente era de pessoas que estavam lá porque sabiam, tinham algo para comer, porque padre Albino estava providenciando. E com isso, é gestos aparentemente simples. Que é um prato de comida. Mas que, sem dúvida estão ligados com os demais cuidados. Repito aquilo que eu disse: A criação de creche, a criação do asilo, a criação é das obras. É que que viriam para sustentar tudo isso. Faculdade de medicina, escola, Colégio não é tudo isso, vem para poder cuidar da pessoa que sofre. É, ele tinha um jeito de conversar com aqueles que tinham recursos e deles conseguiram o apoio de uma forma. É que. Que era é muito tranquila. Padre Albino recebia ajuda, inclusive em tempos que a gente sabe de discriminação

a respeito de religião. Ele tinha um diálogo com os Espíritas de Catanduva, que apoiavam as suas obras. Impressionante, então com isso, ele buscava com aqueles que pouco tinham ou que muito tinham. Algo para aqueles que nada tinham, então ele sabia? Entrar nos meios de todas essas pessoas? Cuidar daqueles que mais precisavam, mas também sem se esquecer, é daqueles que. Tudo tinha uma vida mais tranquila, uma vida mais é. Estável. Então ele tinha esse jeito de passar impressionante.

Luciano Silva - Frei Jacó: Teologia - Dinâmica Social da Evangelização: segundo o magistério do Papa Francisco, expresso em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: a) O tempo é superior ao espaço; b) A unidade prevalece sobre o conflito; c) A realidade é mais importante do que a ideia e d) O todo é superior à parte. Como o senhor vê isso em Padre Albino? Ou seja, que dinâmica social que o Padre Albino usava para fazer a sua evangelização?

Pe. Fábio: A dinâmica social dele era sem dúvida nenhuma. Pelo menos o que eu percebo dos relatos é da atenção dada. Quando abrimos, sempre dava atenção. É num tempo em que não tinha Secretário paroquial, num tempo que não tinha, é funcionários. As paróquias não funcionavam assim no Brasil nesse tempo, ele. Tinha tempo para todos, padre Albino não tinha condições de ouvir, atender e estar ao lado daqueles que precisavam. Então eu penso por esse caminho, não é para a questão da atenção do tempo de esporte. E hoje eu até fico pensando como que é possível uma pessoa fazer o que ele fez e ainda atender todo mundo porquê. Das pessoas mais antigas da paróquia e muitos conviveram com ele muitos. Foram receberam sacramentos da dentro do Ministério de Padre. É ninguém fala padrão, deixou padrinho, não fez padrão, é não deu atenção. Então eu penso que é por esse viés. Ele tinha sua presença de atendimento.

Luciano Silva - Frei Jacó: Muito bem. Nesse campo aqui uma última pergunta. Sobre a Economia de Francisco: como pensou Albino na sua época? Sustentabilidade. Caminho alternativo.

Pe. Fábio: Mundo de fazer negócios e tudo mais, e ele propõe então a economia de Francisco, baseado no seu já nos seus escritos, na *Laudato Si* ele trouxe. É e também na sua própria economia de Francisco, nos ensinamentos de São Francisco de Assis. Como que o Padre Albino vivenciou isso no seu tempo, tendo efeitos para hoje.

Eu penso que o jeito de padre Albino é integrar e ao mesmo tempo mesclar as diversas categorias sociais. Foi. Um jeito antecipado de mostrar que hoje o Papa Francisco nos recorda a respeito. Do jeito da Economia de Francisco, não é? É padre Albino. Ele sabia conduzir daqueles que tem para aqueles que não tem. Mas ao mesmo tempo, mostrar para aqueles que

têm que não é só o ter. O capitalismo propriamente o capital. Mas que a presença humana iluminada pela fé é muito maior, então eu vejo. Ao conduzir o caminho do capital, o caminho do dinheiro, porque é óbvio. As obras dele precisavam disso. É o socorro para os pobres. Precisava disso. O desenvolvimento das suas obras precisava de capital num tempo em que a gente não tinha subsídios do Estado. De certa forma era através das doações. Era através da captação de Portugal. Eu brincava numa missa falando sobre o Padre Albino, dizendo hoje com certeza Padre Albino nas suas visitas, entraria na casa com uma maquininha de cartão de crédito e com a chave pix.

Porque no seu tempo era ovo galinha porquinho, saco de arroz, saco de feijão, saco de café. Até que hoje ninguém mais tem casa. E ele entraria com aquilo que é a ferramenta de hoje. Sem se deixar levar, porque inclusive esse era o desejo que ele expressa que ele desejaria morrer verdadeiramente pobre. Sem dinheiro, sem dívida e sem pecado. É, portanto, saber usar das coisas deste mundo sem ser levado pelas coisas deste mundo, não é o que a gente observa na vivência de padre Albino, saber usar de tudo aquilo que esse mundo tem e a organização social que a gente vive tem, mas sem sim influenciar. Por isso, esse foi um desafio que Padre Albino venceu e coloca como exemplo para cada um de nós.

Luciano Silva - Frei Jacó: Muito bem, apenas uma única coisinha, padre assim. No, no aspecto geral, se tiver necessidade de contactá-lo para fazermos uma nova conversa, mesmo por videoconferência, o padre tem essa disponibilidade.

Pe. Fábio: Claro, sem dúvida pode me procurar.

Luciano Silva - Frei Jacó: Muito obrigado, paz e bem!